



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Aline Silveira Tasmerão

***Abra o seu coração: a dimensão educativa do correio sentimental de Flan - o
jornal da semana (1953)***

Rio de Janeiro

2017

Aline Silveira Tasmerão

***Abra o seu coração: a dimensão educativa do correio sentimental de Flan – o jornal da
semana (1953)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Cabral da Silva

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

T199	<p>Tasmerão, Aline Silveira.</p> <p>Abra o seu coração: a dimensão educativa do correio sentimental de Flan - o jornal da semana (1953) / Aline Silveira Tasmerão. – 2017. 153 f.</p> <p>Orientadora: Márcia Cabral da Silva Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.</p> <p>1. Educação – Teses. 2. Jornais Brasileiros – Teses. 3. Mulheres – Teses. I. Silva, Márcia Cabral da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>es</p> <p>CDU 37::070(81)</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Aline Silveira Tasmerão

Abra o seu coração: a dimensão educativa do correio sentimental de Flan - o jornal da semana (1953)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 10 de agosto de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Márcia Cabral da Silva (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação – UERJ

Prof^a. Dr^a. Alexandra Lima da Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação - UERJ

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Alessandra Frota Martinez Schueler
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro
2017

AGRADECIMENTOS

Agradecer é, também, rememorar os passos vivenciados na trajetória da construção deste estudo e manifestar gratidão aos que contribuíram para a elaboração deste trabalho acadêmico.

Agradeço a Deus pela dádiva da vida.

Toda gratidão à minha querida orientadora, Professora Doutora Márcia Cabral da Silva, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa de mestrado. Pelo constante encorajamento diante dos desafios da produção deste estudo, pela generosidade em ler e reler o material produzido e pelas recomendações de leitura.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL/UERJ) Aline, Caren, Carla, Cíntia, Daise, Gabrielle, Jacqueline, Josiane, Jonathan, Márcia Maria, Maria, Mariana Elena, Mariane, Michele, Liana e Telma pelas indicações de bibliografia, conversas e contribuições durante os encontros, congressos e momentos compartilhados.

À querida Telma, que me apresentou um novo continente de doçura. Amiga para todas as horas.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro por contribuírem com essa pesquisa em diferentes momentos e por resistirem sem temer em um momento de crise na universidade e no Estado, mobilizando os alunos para manter a nossa UERJ sempre viva.

À UERJ e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela oportunidade de ser a primeira mulher da minha família a concluir a graduação e o Mestrado em uma conceituada universidade pública, laica e gratuita voltada para o ensino, pesquisa e extensão.

Agradeço aos funcionários do Arquivo Museu de Literatura Brasileira pela receptividade e disponibilidade para ajudar.

Agradeço à minha família: minha mãe Marcia e meus irmãos Augusto e Daniel por todo o apoio e amor incondicional; meu amor, Rafael, por compartilhar com entusiasmo e compreensão esse momento de pesquisa acadêmica se aventurando ainda a ouvir diariamente minhas descobertas sobre a coluna *Abra o seu coração*; vovó Glória, vovô Jacyr e vovó Luzia (*in memoriam*) pelo incentivo aos estudos; minha tia Luciana e meus afilhados Alyah e Arthur.

Minha gratidão a todos os amigos, alunos, professores e familiares que, ainda que não citados nestas páginas, compõem a escrita da história de minha trajetória acadêmica.

Não há dúvida, não há romance maior que a realidade. A realidade tem segredos que escapam completamente às antenas dos maiores poetas, artistas ou filósofos. Como é possível alguém se surpreender com os romances de Kafka, as peças de Shakespeare ou as histórias de Nelson Rodrigues, quando uma carta, uma simples carta, coloca diante de mim uma situação como a que passo a expor abaixo (...)

Helenice, 1953

RESUMO

TASMERÃO, Aline Silveira. *Abra o seu coração: a dimensão educativa do correio sentimental de Flan- o jornal da semana* (1953). 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Esta dissertação analisa a dimensão educativa da coluna *Abra o seu coração* publicada no periódico *Flan: o jornal da semana*. A coluna é um correio sentimental assinado por Helenice, heterônimo de Vinicius de Moraes, dedicado a prescrever conselhos amorosos as suas leitoras e leitores. O estudo analisa o corpus documental de 90 cartas de leitores publicadas nas 30 primeiras edições do *jornal da semana* que circularam entre abril e novembro de 1953. Nesta pesquisa, o correio sentimental é percebido como uma estratégia do jornal para formar leitores e consumidores do periódico. Ademais, lança-se luz sobre a trajetória do intelectual Vinicius de Moraes inserido na imprensa feminina e a escolha do heterônimo Helenice para assinar uma literatura, a princípio, direcionada para o público feminino. Almeja-se, da mesma forma, problematizar em que medida os discursos presentes nas prescrições encaminham a educação da mulher e do homem no âmbito das relações amorosas e colocam em cena tensões que delimitam as relações de gênero nos anos 1950. Esta pesquisa situa-se no campo da História da Educação com vistas a contribuir para a História da Formação de Leitores no Brasil e a História das Mulheres.

Palavras-chave: Vinicius de Moraes. História da Educação. História das Mulheres. Formação de Leitores. Grupo Última Hora.

ABSTRACT

TASMERÃO, Aline Silveira. *Abra o seu coração*: the educational dimension of the agony column published in the newspaper *Flan- o jornal da semana* (1953). 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

This dissertation analyzes the educational dimension of the column *Abra o seu coração* published in the newspaper *Flan: o jornal da semana*. *Abra o seu coração* is an agony column signed by Helenice, a Vinicius de Moraes' heteronym, dedicated to give loving advice to the readers. The analysis of the 30 first editions of the column brings up the amount of 90 letters from readers published in the period from April to November 1953. In this research, the agony column is seen as a newspaper strategy to develop not only readership, but also consumers. Furthermore, it sheds light on the trajectory of Vinicius de Moraes in the feminine press, and on the choice for the heteronym Helenice to sign a literature addressed to the female audience. It is aimed, in the same way, to question to which extent the discourses observed in the words of advice conduct the education of women and men, bringing to the fore tensions that delimit gender relations in the 1950s. This research stands in the field of the History of Education in order to contribute to the History of the Development of Readers in Brazil and the History of Women.

Key words: Vinicius de Moraes. History of Education. History of Women. Readers Development. Última Hora Group.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Primeira edição da seção <i>Abra o seu coração</i>	12
Imagem 2 -	Anúncio de <i>Flan</i> em <i>Última Hora</i>	28
Imagem 3 -	Sumário de <i>Flan</i> publicado na edição 35	39
Imagem 4 -	Página <i>3 grandes concursos de Flan</i> edição	54
Imagem 5 -	Leitores contemplados no concurso <i>teste fotográfico</i> na edição 09	55
Imagem 6 -	Cupom da <i>série Flan</i> publicado na edição 04.....	56
Imagem 7 -	Leitores presentes no sorteio de <i>Flan</i> na Rádio Clube Brasil	56
Imagem 8 -	Página <i>Flanzinho</i> , edição 09	63
Imagem 9 -	Página <i>Flanzinho</i> , edição 15	64
Imagem 10 -	página <i>Flanzinho</i> edição 32, p. 32	65
Imagem 11 -	página <i>Flanzinho</i> , edição 32, p. 33	66
Imagem 12 -	Coluna <i>Pintores Mirins</i> , edição 29	68
Imagem 13 -	Concurso do Gato, <i>Flanzinho</i> , edição 24.....	71
Imagem 14 -	Decifre o Enigma, <i>Flanzinho</i> , edição 29	72
Imagem 15-	Concurso da República, <i>Flanzinho</i> , edição 31.....	73
Imagem 16 -	Nota sobre a viagem do poeta e cônsul Vinicius de Moraes	79
Imagem 17 -	Coluna <i>Abra o seu coração</i> , edição 10	107
Imagem 18 -	Coluna <i>Abra o seu coração</i> , edição 23	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Seções de cartas	25
Quadro 2 -	Concurso O leitor escreve a FLAN.....	42
Quadro 3 -	Proveniência das cartas em <i>O leitor escreve a FLAN</i>	48
Quadro 4 -	Proveniência das cartas em <i>Abra seu coração</i>	49
Quadro 5 -	Proveniência das cartas em <i>Flanzinho</i>	49
Quadro 6 -	Cidades brasileiras tematizadas em <i>FLAN</i>	50
Quadro 7 -	Sexo dos leitores em <i>O leitor escreve a FLAN</i>	51
Quadro 8 -	Sexo dos leitores em <i>Abra o seu coração</i>	51
Quadro 9 -	Sexo dos leitores em <i>Flanzinho</i>	52
Quadro 10 -	Prêmios Campanha das 10 mil assinaturas	58
Quadro 11 -	Títulos da Seção de correspondência de leitores em <i>Flanzinho</i>	67
Quadro 12 -	Publicação de desenhos em <i>Flanzinho</i>	69
Quadro 13 -	Biblioteca de Helenice	96
Quadro 14 -	Gosto Musical de Helenice	97
Quadro 15 -	Lugares e viagens.....	102
Quadro 16 -	Itinerância de <i>Abra o seu coração em Flan</i> , edições 01 -14.....	109
Quadro 17 -	Itinerância de <i>Abra o seu coração em Flan</i> , edições 15-30.....	109
Quadro 18 -	Sexo leitores <i>Abra o seu coração</i>	109

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	CARTAS DE LEITORES E CONCURSOS COMO ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO DE UM PÚBLICO LEITOR E CONSUMIDOR DE JORNAL.....	24
1.1	A emergência do grupo Última Hora e a estréia de <i>Flan</i>.....	26
1.2	Escritas ordinárias em foco: cartas publicadas em jornal.....	34
1.2.1	<u>Flan escreve ao leitor</u>	36
1.2.2	<u>O leitor escreve a Flan</u>	41
1.2.3	<u>Indícios da Circulação de Flan: o jornal da semana</u>	48
1.3	Certames e promoções como estratégias de formação de um público leitor e consumidor de jornal.....	52
1.3.1	<u>Série Flan: Prêmios para Tôda a Família</u>	55
1.3.2	<u>Campanha das 10 mil assinaturas</u>	58
1.3.3	<u>Teste Fotográfico</u>	59
1.4	<i>Flan</i> para os grandes e <i>Flanzinho</i> para os pequenos: a página infantil do semanário.....	61
1.4.1	<u>Concursos premiados para os Flanzistas</u>	69
1.5	Algumas considerações.....	73
2	A INVENÇÃO AUTOBIOGRÁFICA E OS DESDOBRAMENTOS DO EU NA ESCRITA DE VINICIUS DE MORAES COM A CRIAÇÃO DO HETERÔNIMO HELENICE.....	75
2.1	Vinicius de Moraes e a Imprensa Feminina.....	77
2.2	A construção do perfil da conselheira Helenice.....	89
2.2.1	<u>Dívidas</u>	97
2.2.2	<u>Calvície</u>	99
2.2.3	<u>Lugares e Viagens</u>	102
2.3	Algumas considerações.....	103
3	ABRA O SEU CORAÇÃO: PUBLICAÇÕES EFÊMERAS PRESCRITAS PARA A LEITURA DE MULHERES.....	105
3.1	<i>Abra o seu coração</i> e seus protocolos de leitura.....	106
3.2	Cartas de Adultério: entre a violência doméstica, abuso sexual, a questão do trabalho, divórcio e a guarda dos filhos.....	116

3.2.1	<u>A carta de João Baptista de Tal</u>	117
3.2.2	<u>A carta de Lilian</u>	120
3.2.3	<u>A carta de Ana</u>	122
3.2.4	<u>A carta de Guida</u>	124
3.2.5	<u>A carta de Louco</u>	126
3.3	Amor, o destino das mulheres: discursos que naturalizam o controle da sexualidade em <i>Abra o seu coração</i>	127
3.3.1	<u>As cartas de Lolita, L.E.B e Glorinha</u>	128
3.3.2	<u>Cuidados com a saúde e hereditariedade</u>	133
3.4	Correspondência masculina: as dores dos homens	135
3.4.1	<u>Masculinidade e fracasso</u>	137
3.5	Algumas Considerações	139
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS	144
	APÊNDICE - Edições de <i>Flan: o jornal da semana</i> que serão objeto de análise.....	153

INTRODUÇÃO

“MEU TRISTE LEITOR, MINHA INCONSOLÁVEL LEITORA”

Com o vocativo acima Vinícius de Moraes, por trás do heterônimo Helenice, convida os leitores do periódico *Flan: o jornal da semana* a lhe remeterem suas inquietações amorosas. Na primeira edição do semanário *Flan* publicada em 12 de abril de 1953, Helenice faz o seguinte apelo aos leitores:

Imagem 1 - Primeira edição da seção *Abra o seu coração*



Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Segue a transcrição da carta aos leitores:

Eu teria milhões de maneiras para começar esta secção. Poderia citar pensamentos famosos de homens ilustres, ou lindos versos de poetas célebres, falando nas dores da alma, nos males do mundo, na grande mágoa de viver. Poderia dizer a você frases enganadoras capazes de enternecer até as lágrimas. Mas não quero me aproveitar da

dor real que, sei, você está sentindo, porque o destino lhe deu um coração afetivo e lhe legou uma vocação para o sofrimento.

Eu venho também de grandes sofrimentos e amarguras. O mundo das sombras do espírito e das doenças da alma não tem segredo para mim. Foi o fato de sofrê-las que me deu o dom de ajudar o meu semelhante. Sim, considero minha missão aqui nessa coluna tão importante quanto a do psicanalista que, em estreita comunhão com a neurose ou a psicose humanas, procura a brecha por onde insinuar a palavra afirmativa, o conselho redentor, a ordem clara e incisiva que vá lançar um raio de luz nesse poço de trevas.

Eu sei que o mundo é triste, que o ser humano é frequentemente duro e impiedoso, e que o caminho de uns só deixa abismo no caminho de outros. Sei que às vezes o pensamento daquele que sofre só encontra consolo na idéia de Deus ou da morte! Sei que às vezes se olha à volta e só vêm rostos cobertos por máscara da mais cruel indiferença.

Mas a verdade é outra. E eu quero pedir a você que se aproveite dessa verdade que eu aceitei, e que trouxe uma grande paz à minha mocidade, uma imensa paz no seio mesmo do sofrimento.

Eu quero pedir a você que me abra o seu coração.

Quando o mundo lhe parecer hostil e você encontrar em cada ser humano um inimigo: me abra o seu coração.

Abra o seu coração quando aquele ou aquela que você ama lhe parecer distante, e você sentir que periga o seu amor.

Quando você sentir incompreensão dos seus com relação aos problemas do seu tempo, quando você falar e não for ouvido, quando o que você ouvir lhe parecer tão horrível que nada mais lhe reste de esperança: abra o seu coração.

Quando, nos grandes dias de sol, as ruas lhe parecerem vazias de homens, quando tudo lhe parecer inútil e sem perspectiva: abra o seu coração.

Escreva-me uma carta. Eu a responderei fielmente. E nessa resposta, procurarei restituir a você essa esperança que você julga perdida.

Creia-me sua amiga, meu triste leitor, minha inconsolável leitora. Eu estou aqui para ajudar, para ouvir, para compreender.

Helenice (*Flan*, 12-18 abr. 1953. *Abra o seu coração*, p.10)

Logo as cartas começaram a chegar. Nelas, leitoras e leitores remetiam à Helenice seus dilemas amorosos, pedindo aconselhamento sobre a melhor conduta a seguir, revelando, desse modo, sua intimidade em cartas publicadas no jornal.

Há o total de 197¹ cartas publicadas na seção, sendo 90 remetidas por leitoras e leitores² e 107³ de Helenice para os leitores que compreendem o período de março a novembro do ano de 1953, momento em que a coluna *Abra o seu coração* circulou em *Flan* assinada pelo heterônimo de Helenice. As missivas apresentam uma diversidade temática que envolve casos de amor não correspondido, questionamentos sobre namoro, noivado ou matrimônio, também moda, saúde e beleza. Temas que, em um primeiro momento, podem parecer amenidades. Contudo, os anseios dos leitores conduzem a debates sobre questões

¹ O total de 197 cartas publicadas na seção considera as cartas de leitores para a conselheira Helenice publicadas na seção *Abra o seu coração* no ano de 1953 e também as cartas remetidas pela conselheira para os leitores.

² Consideramos as localidades dos leitores identificadas nas seções para definirmos o total de 90 cartas. Há ocorrência de missivas em que Helenice responde a mais de um leitor interessado em determinado tema.

³ Em algumas seções, além de responder as inquietações dos leitores, Helenice apresenta uma carta introdutória com reflexões.

sociais do seu cotidiano, como discursos que se aproximam de critérios de eugenia na constituição da família, a aprovação do divórcio, violência doméstica, divisão do trabalho, recomendações de leitura e educação de mulheres e homens.

Meu olhar se direcionou para esse objeto ao me deparar com o documento *Embaixador do Brasil* expedido pelo Ministério de Relações Exteriores que, em breves linhas espaciais, revelava um pouco da relação de Vinicius de Moraes com a correspondência recebida dos leitores de *Flan* a partir de depoimentos de pessoas que conviveram com o diplomata no Itamaraty. Posteriormente, verifiquei em uma biografia⁴ de Vinicius um subcapítulo dedicado à coluna *Abra o seu coração*. Contudo, apenas seis páginas descritivas aguçavam minha curiosidade e davam pistas da riqueza do material a ser estudado.

Havia na biografia de Vinicius registros de publicações em *Abra o seu coração* com apelo a uma literatura sensacionalista, elegendo-se temas polêmicos e escândalos cotidianos. Castello (2013) ressalta a falta de modos do personagem Helenice que, com sua língua afiada, desagrada o diretor do hebdomadário *Flan*, Joel Silveira, que decide conversar com Vinicius:

“Não sei não, Vinicius. Acho que Helenice está indo longe demais.”, começa. O poeta, incorporando a personagem, revida: “Mas, meu querido, o que afinal te incomoda?” Joel Silveira, num evidente exagero, resolve engrossar: “Estão reclamando que a coluna tem pornografia demais. Eu concordo. Parece até que ela não se chama ‘Abra o seu coração’ e sim ‘Abra suas pernas’. Assim não dá mais”. (CASTELLO, 2013, p.168).

Que tipo de conselhos Helenice prescrevia para leitoras dos anos de 1950 em um correio sentimental publicado em jornal? A fim de responder tal questão, foi preciso catalogar as cartas⁵ e decifrar textos por vezes ilegíveis⁶, organizar as missivas em categorias de análise, de modo a perceber a ocorrência dos temas. Além disso, observamos questões como a origem das missivas; características dos leitores da coluna: se solteiros, casados ou desquitados, o sexo ao qual se identificam; também características relativas à conselheira Helenice. Ademais, foi preciso analisar as relações estabelecidas entre a coluna e o jornal, percebendo-a, então,

⁴ Refiro-me à biografia: CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes o poeta da paixão*: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

⁵ O acesso às fontes se deu através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional que disponibiliza para consulta todos os números do periódico *Flan*: o jornal da semana digitalizado em preto e branco. Os trinta números da coluna *Abra o seu coração* que circularam no ano de 1953 foram digitados em um banco de dados no programa *Word* e organizados em categorias de análise planilhas no *Excel*.

⁶ O material digitalizado ao qual tivemos acesso, muitas vezes, apresenta páginas com baixa resolução digital, o que dificulta a leitura. Por isso, a transcrição de alguns trechos foi feita por aproximações ao contexto da história, havendo ainda partes ilegíveis.

em conjunto com outras seções de cartas de leitores como uma estratégia editorial para formar leitores do jornal.

Notamos que nesse período havia um esforço da sociedade de cercear a sexualidade feminina, inclusive, por meio de impressos recomendados para moças (PINSKY, 2014), a exemplo de coleções de romance⁷ e revistas femininas especializadas⁸, impondo certa ordem no discurso (FOUCAULT, 2011). Em geral, publicações para mulheres pensadas com empenho gráfico sedutor além de recomendações de cunho moralizante prescritivo.

Abra o seu coração difere das publicações citadas em alguns sentidos: 1) é publicada em um caderno feminino de jornal, um espaço para mulheres, em uma publicação, a princípio, pensada para homens⁹; 2) o jornal é uma publicação semanal de cunho efêmero, elaborado sem a pretensão de ser guardado por seus leitores; 3) o custo reduzido para a produção do jornal em comparação a revistas e livros diminui o preço nas bancas, sendo um atrativo; 4) podemos supor o perfil de um público leitor composto não apenas por mulheres, tendo em vista que *Flan* consistia em de uma publicação pensada para a família, com espaços prescritos para homens, mulheres e crianças.

Esta dissertação se situa no campo da História da Educação tendo em vista a contribuição desta pesquisa para uma história da formação do leitor¹⁰ em diálogo com os estudos sobre a História das Mulheres no Brasil. Os jornais são notórios mediadores da encenação do debate público. Por intermédio deles o mundo é editado e traduzido aos leitores. Isto é, ao suscitar um tema ou refutá-lo, a imprensa influencia na escolha do que será debatido

⁷ Estudos sobre coleções de romances para mulheres ver: SILVA, Márcia Cabral da. A Coleção Menina e Moça entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário. *Currículo sem Fronteiras*. V. 10, n. 2, p. 91-105, jul/dez 2010./ In: SILVA, Márcia Cabral da. De como educar as meninas e moças pela leitura de romances e coleções (1930-1960). In: CÂMARA, Sonia (Org.) *Pesquisa(s) em história da educação e infância: Conexões entre ciência e história*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2014./ CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

⁸ Ver a respeito de revistas femininas nos anos 1950 os estudos desenvolvidos por: PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014/ BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. In: PRIORE (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: 2007. / BUITONI, Dulcília. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1986. / BUITONI, Dulcília. *Mulher de Papel: A Representação da Mulher Pela Imprensa Feminina Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

⁹ O caderno do hebdomadário com notícias sobre política e economia é recomendado, em especial, aos leitores homens. Como parte do Grupo Última Hora de Samuel Wainer, o semanário *Flan* é uma publicação pró-Vargas que tem em sua origem o direcionamento de levar para a casa do maior número de leitores a mensagem política favorável ao presidente eleito. Ver: WAINER, Samuel, *Minha razão de viver*. Rio de Janeiro: Record, 1989./ ROUCHOU, Joelle. *Samuel duas vozes Wainer*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2004. / GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987./ LIRA NETO, *Getúlio: da volta pela consagração popular ao suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

¹⁰ Este estudo se insere no âmbito do Grupo de Pesquisa *Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação* (GRUPEEL/UERJ), sob orientação da professora Dr^a Márcia Cabral da Silva.

na sociedade, bem como na configuração da abordagem por parte dos suportes midiáticos (VAZ, 1998). Os periódicos como fontes para a história da educação não devem ser considerados como reflexos de uma realidade imparcial, neutra ou pura, mas sim, uma representação do real, isto é, um “outro acontecimento” repleto de sedimentações e interpretações (CAMPOS, 2007).

A questão fulcral deste estudo diz respeito à problematização da dimensão educativa da coluna *Abra o seu coração* junto às expectativas de relacionamentos amorosos veiculadas nos discursos presentes no correio sentimental. Dentre os questionamentos que norteiam o estudo, destacamos: 1) Quais são as motivações para a escrita de cartas sentimentais para o jornal?; 2) Qual o contexto de produção das cartas?; 3) Sobre o que escrevem?; 4) Qual é o aconselhamento prescrito para cada situação?; 5) Em que medida os aconselhamentos para mulheres e homens diferem?

É preciso, pois, ter em vista a natureza de nossas fontes: cartas publicadas em jornal. Entendemos que as cartas participam de uma relação de interlocução entre destinatário e remetente “uma troca, um jogo interativo entre quem escreve e quem lê” (GOMES, 2004, p. 19). Foucault (2002) afirma que escrever uma carta é:

(...) “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o nosso próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira do remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face (FOUCAULT, 2002, p. 150).

A produção e a troca de cartas podem ser pensadas, portanto, como práticas culturais pelas marcas, gestos e atitudes que os sujeitos tanto imprimem quanto deixam impressas. É com o destinatário que o remetente vai estabelecer relações configuradas a partir de modelos e códigos de interesse socialmente construídos.

A carta demanda um distanciamento entre os interlocutores, que é espacial e temporal e demanda um distanciamento entre o autor e os acontecimentos a que a carta remete. Como escrita, sempre é um ‘sucesso’, um acontecimento que remete a outros acontecimentos sobre os quais reflete. Na carta realizam-se projetos de dizer. (CAMARGO, 2000, p. 87)¹¹.

¹¹ Tese de doutorado em Educação defendida em 2000 na UNICAMP analisa a correspondência trocada entre duas adolescentes no período de 1990 a 1996. Na leitura do material destacam-se: a materialidade da correspondência, as cerimônias e rituais epistolares, os procedimentos a que as correspondentes recorriam, as maneiras como se enlaçavam enquanto autora-locutora e destinatária-leitora; os assuntos tratados quando se pôs em evidência a vivência escolar; e os modos como compunham sua comunicação estreitando laços pela interlocução.

Tal noção é ampliada por Blas (2003), ao ressaltar que a correspondência expressa uma representação de uma forma de vida concreta, isto é, o reflexo de uma maneira de se pensar e conceber o mundo. Trata-se, portanto, de uma representação da sociedade em que foi produzida. Logo, a correspondência como fonte historiográfica apresenta indícios de uma cultura e vestígios das práticas sociais da época em que o sujeito se insere. “Esses usos do escrever subjetivo e existencial, de configuração da identidade privada e ao mesmo tempo da memória coletiva, nos conduzem ao fenômeno que vem sendo denominado escrita do cotidiano” (BLAS, 2003, p. 30)¹².

Nesse sentido, a coluna *Abra o seu coração* nos permite um olhar privilegiado quanto às transformações que afetaram a vida privada no início dos anos 1950, uma vez que, a partir de testemunhos de pessoas comuns, podemos repensar o espaço em que a vida privada se insere naquele momento. Vejamos uma ilustração a esse respeito:

MARIA AMÉLIA – COPACABANA: “... me olho no espelho e me acho feia... Sou uma menina feia... e tenho inveja de minhas amigas que são bonitas e têm namorados bonitos... Tenho a impressão de que gostam menos de mim porque acham que não sou bonita e meus pais gostam mais da minha irmã mais velha, que é bonita e vai se casar...” (*Flan*, 19-25 abr. 1953. *Abra o seu coração*, p. 10)

Nos relatos íntimos confessados nas cartas, a exemplo da fala de Maria Amélia, importa interrogar as inquietações silenciadas e silenciosas, segredos que, por vezes, não cabem serem revelados nem às pessoas mais próximas. A coluna de Helenice parece ser uma espécie de refúgio para os leitores¹³ remetentes de cartas que podem abrir seus corações entre amigos, visto que, assim, a conselheira se auto-intitula, e receber uma resposta em tom de recomendação, como podemos observar no conselho dirigido à Maria Amélia.

Minha querida Maria Amélia, você é um amor. Você vai primeiro que tudo, me mandar um retratinho seu para eu ver se você é feinha mesmo. Porque, sinceramente, desconfio que você esteja exagerando. Vai ver, o que você é, é um pouco desleixada, bem? Vai ver você não se arruma direito, não vai ao cabeleireiro, não põe a maquiagem certa, não tem a costureira que deve... Olhe aqui: eu tive uma amiga, quando eu estava na França, há uns seis anos atrás, que tinha exatamente o seu complexo. Resolvi me dedicar a ela por uma semana. Levei-a a uma porção de profissionais da beleza. Ela saiu nova. Depois, lembrei que ela tocava um pouquinho de violão e tinha uma bonita voz. Fiz com que ela se aplicasse nisso. Um dia, levei-a

¹² Tradução livre da língua espanhola para a portuguesa. Original: “Esses usos del escribir subjetivo y existencial, de configuración de la identidad privada y ao mismo tempo de la memoria colectiva, nos conducen al fenómeno que se há venido denominando como escrituración de lo cotidiano” (BLAS, 2003, p. 30).

¹³ MIGNOT, Ana Crystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs). *Refúgios do Eu*: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

a uma festa, ela tocou e cantou, e quando saímos mais tarde para uma “boite”, ela levava um rapaz bastante pintoso. Não se transformou em nenhuma beleza, mas ficou uma mulher chique e de bom-gosto. O seu talento musical fez o resto. Não posso dizer-lhe o nome, mas hoje ela é bastante conhecida, está casada e tem dois amores de filhinhos. E olhe aqui: ela não é nada rica. Ninguém precisa de dinheiro para se arrumar chiquemente e com bom-gosto. Você, nessa idade, deve ter um corpo jeitoso para vestir. Não desanime. Mande seu retrato, para início de conversa, depois falaremos. Mande dizer também o que é que você sabe fazer se tem algum talento especial... (*Flan*, 19-25 abr. 1953. Abra o seu coração, p.10).

Podemos interrogar, inclusive, sobre a condição da mulher nos anos 1950, assim como interrogar o que Helenice considera apropriado para cada situação. Segundo Helenice, qual o papel da beleza feminina nesse contexto? Quais seriam os rituais de beleza? A felicidade da mulher estaria condicionada ao casamento e à maternidade? Por quais espaços a conselheira circulou? O que legitima o argumento de autoridade da conselheira Helenice?

Conforme essa vertente, Antonie Prost (2009) em *Fronteiras do Espaço Privado*¹⁴ traz um apontamento quanto aos segredos íntimos compreendidos como um refúgio pessoal: “a vida privada se refugiava nos segredos. Segredos de família, vale dizer, coisas silenciadas, inclusive aos filhos. Segredos pessoais: sonhos, desejos, temores, saudades, pensamentos efêmeros ou constantes, mas geralmente informados.” (PROST, 2009, p. 62)

Algumas brechas permitem que tais questões recônditas se expressem em momentos de intimidade e para seletos sujeitos. “Daí a importância de certas figuras externas à família, capazes de se tornarem os confidentes dessas coisas cultas¹⁵” (PROST, 2009, p. 61-62). O que parece ser o caso da correspondência em questão publicada no correio sentimental, uma vez que os leitores esperam que os aconselhamentos de Helenice venham a acalantar suas angústias e, ao trocarem cartas com a conselheira, dão voz aos seus segredos.

A conselheira sinaliza ao leitor Hidalgo que, através das cartas, ela se faz presente na vida de seus leitores.

HIDALGO – Rio de Janeiro – “... e gostaria muito de conhecer pessoalmente a responsável por esta seção...”

Para quê, Hidalgo? Não lhe basta o que lhe posso trazer através de uma carta, ou muitas se for necessário? Você, apesar do seu pseudônimo, é um bom brasileiro, é ou não é? Com certeza está pensando que Helenice é assim ou assada, e já está imaginando coisas... Bobagem, meu amigo. Contenha a

¹⁴ Prost (2009) se refere à família e ao indivíduo imersos nas mudanças ocorridas na França ao longo do século XX.

¹⁵ Prost (2009) cita alguns sujeitos que recebem confidências de âmbito íntimo familiar com destaque às enfermeiras e assistentes sociais quanto a questões femininas, também cita notários e padres a quem são confiadas estratégias familiares como o casamento, compra, venda, partilhas e doações.

sua imaginação. Sou uma mulher muito simples, sem nenhum mistério. Acontece que conheço a vida... (*Flan*, 25-31 out. 1953. *Abra o seu coração*, p.37).

À vista disso, Blas (2003) ressalta que o produto epistolar é resultante de uma ausência, motivo pelo qual busca sempre fazer algo ou alguém presente, isto é, o ato de escrever cartas requer uma série de distanciamentos.

O primeiro [distanciamento] a ser notado é a distância no espaço e no tempo entre as ações de ler e escrever cartas: a distância entre os correspondentes que entram nesse lugar físico e afetivo, constituído pelas cartas. Outro é o distanciamento do autor da carta e todos os acontecimentos narrados, principalmente nos que têm nele mesmo o principal personagem. (GOMES, 2004, p. 20).

Em *Abra o seu coração*, observamos que tal distanciamento se configura pelos conselhos almejados, as inquietações dos leitores remetentes de cartas, a condição de legitimação de ações ou desejos que se encontram ocultos, porém, presentes, e que se intentam externar por intermédio da correspondência para uma leitora amiga e conselheira. Na leitura e na escrita das cartas, ambos, conselheira e leitor, estão presentes, uma vez que uma carta é a representação da ausência daquele que escreve (BLAS, 2003).

Ainda assim existem diferenças entre os tipos de escrita analisados por Blas (2003), Castillo Gómez (2001) e Gomes (2004) que tratam de correspondência pessoal, e o tipo de escrita publicado na coluna *Abra o seu coração*. Cartas publicadas em jornal são fontes de caráter público. Contudo, no caso em análise, nos compete perceber que a correspondência é tensionada por questões de cunho pessoal e sentimental, além de representar a escrita de pessoas comuns. Nesse sentido, há a constante tensão entre o caráter pessoal e o público no correio sentimental.

Delimitamos nossa análise às cartas publicadas no jornal, visto que foram as fontes às quais tivemos acesso através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹⁶ e oferecem profícuos caminhos de análise para nossa pesquisa. O fato de não termos localizado a correspondência original remetida pelos leitores ou para os leitores de *Abra o seu coração* soma-se a esse estudo como um dado inquietante à nossa vontade de saber (FOUCAULT, 2011). Desse modo, indicamos outras possibilidades de análise.

Não cabe a esta pesquisa a busca incessante pela dita “verdade”, pois haveria um traço formal capaz de separar a narrativa de acontecimentos verificáveis da produzida pelo

¹⁶ As cartas originais remetidas pelos leitores não foram localizadas no arquivo pessoal de Vinicius de Moraes sob a guarda do Museu de Literatura Brasileira.

imaginário? Questionamos com Sheila Maciel (2004) no que concerne à dimensão subjetiva dos estudos autobiográficos. Interessa assinalar que o trabalho a partir de tal escrita requer deslocamentos nos procedimentos de críticas às fontes. Quanto a isso, Gomes (2004) expõe que não existe a possibilidade real de se saber a partir de um relato o que de fato ocorreu. O documento auto-referencial não revela o que houve, e, sim, “o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a determinado acontecimento.” (GOMES, 2004, p. 15). Nesse sentido, o historiador deve se ocupar em explorar a ótica oferecida pelo registro escrito e o modo pelo qual o autor se expressa.

Foucault (2011), por outro lado, alerta que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (p. 52). Contudo, representam jogos de poder, desejos e intencionalidades. De tal modo, notamos que a escrita da história é também composta por ausências e lacunas. Nosso intuito é construir uma narrativa, um olhar sobre a personagem Helenice e as prescrições dadas aos leitores de *Abra o seu coração*, sem a pretensão de desvendar a verdade absoluta.

De forma análoga, Sheila Maciel (2004) sublinha os desafios de trabalhar com gêneros confessionais e a busca pela verdade nas narrativas íntimas.

Ninguém nega, no entanto, que, tanto os gêneros confessionais, quanto as outras formas literárias sejam duas maneiras expressivas de contar a experiência humana. Além disso, existem diversas obras dentro do universo confessional que são puramente ficcionais e se utilizam da forma autobiográfica como um recurso a mais dentro da aventura da linguagem. (MACIEL, 2004, p. 76).

A história praticada por esse viés não se desvia dos acontecimentos, “pelo contrário, ela alarga sem cessar o campo dos mesmos; nele descobre, sem cessar, novas camadas mais superficiais e mais profundas.” (FOUCAULT, 2011, p. 55). Trabalhar nessa perspectiva não significa optar por um caminho menos rigoroso, mas, sim, assumir uma postura explicitamente oposta à pretensão de neutralidade e objetividade. Partimos do pressuposto de que o historiador tem como tarefa desfazer o enredo de memórias, de modo a retramá-las. Em outras palavras, é necessário que o historiador não se dedique ao culto de memórias, mas que mantenha uma relação mediada pelo questionamento, pela problematização, assim como pela interrogação (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012).

Neste estudo, levantamos a hipótese de que Vinicius de Moraes, como o talentoso escritor que era, possa ter encenado os dilemas amorosos publicados nas páginas de *Flan*. Do mesmo modo, talvez as cartas publicadas tenham sido de fato remetidas por leitoras e leitores

da coluna, como salienta Affonso Arinos¹⁷, amigo de Vinicius; ainda que por essa perspectiva seja possível que os leitores tenham encenado suas histórias com a consciência de que o semanário *Flan* era publicado em âmbito nacional. Portanto, censuravam seus discursos, ao registrarem histórias de vida, ainda que identificados por pseudônimos. Chamamos também a atenção para a seleção editorial dos temas publicados que deflagra certa intencionalidade ao produzir a notícia. Em todas as hipóteses há a perspectiva da encenação das histórias narradas nas cartas publicadas no jornal.

Com Roger Chartier (2011), assumimos que as representações veiculadas no impresso têm uma energia própria capaz de persuadir seus leitores, segundo a qual o real corresponde ao que elas dizem e mostram. Essa visão de que os textos escritos criam realidades nos ajuda a pensar na dinâmica das representações sobre leitura e leitores existentes nas práticas discursivas de *Flan*. Se, por um lado, na mídia impressa a produção editorial dissemina conceitos de civilidade, desejos que legitimam e instituem padrões, por outro, podemos conceber a leitura como uma forma de resistência às estratégias empregadas por determinados agentes, inscritos nessas práticas, para imposição de uma representação a ser apropriada pelos leitores-consumidores (CHARTIER, 2009, 2011; CERTEAU, 2007).

Este estudo encontra-se organizado em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado *Cartas de leitores e concursos como estratégias de formação de um público leitor e consumidor de jornal* traz proposições acerca da coluna *Abra o seu coração* no jornal *Flan*, compreendendo que, em conjunto com outras seções de cartas de leitores, o correio sentimental é uma estratégia empregada pelo hebdomadário para conformar um público leitor e consumidor de jornal.

De tal modo, observamos que concursos e premiações aparecem de forma recorrente nas páginas do *jornal da semana*. Assim, nos despertam a atenção as estratégias de diálogo com leitores e de premiação em uma série de espaços, a exemplo de concursos, promoções e cartas de leitores, com vistas a seduzir o público a ler e a consumir o jornal, como buscamos ilustrar ao longo deste capítulo.

Tais apontamentos nos instigam a refletir sobre as possíveis formas de aproximação e interação com o público leitor e consumidor que um jornal poderia estabelecer nos anos 1950.

¹⁷ Uma tarde, estávamos em nossa sala no Itamaraty, quando entrou o contínuo trazendo a correspondência para o cronista, que aproveitava as folgas do serviço para respondê-la. Só que, naquele dia, a grande quantidade de cartas me surpreendeu. Intrigado, indaguei-lhe se eram todas de leitores da sua crônica. Meio sem jeito, ele perguntou se eu lia mesmo a Última Hora, ao que confirmei lê-la diariamente. Seu embaraço aumentava: “– Flan, semanário da Última Hora, tem um consultório sentimental.” “– Eu sei, assinado por Helenice.” (FRANCO, 2010, p. 9).

Entendemos que as táticas empregadas na organização dos elementos que compõem o impresso modificam as práticas de leitura, o público que o periódico pode alcançar como também os espaços em que o impresso pode circular. Por isso, indagamos neste estudo se e como existia o diálogo com o público leitor e consumidor de jornal, ou se este seria um mero “utilizador” da informação.

Analizamos, dessarte, a emergência do grupo Última Hora e o surgimento de *Flan* junto à história da imprensa (WAINER, 1989, ROUCHOU, 2004, MORAIS, 1994, BARBOSA, 2007, MARTINS; LUCA, 2012). Em seguida, analisamos as seções *Flan escreve ao leitor*, *O leitor escreve a Flan*, *Abra o seu coração*, *3 concursos Prêmios para tôda a família*, além dos concursos e correspondência publicados na página *Flanzinho*, espaço dedicado ao público infantil. Delimitamos nossa análise ao ano de 1953, por compreender o momento de estreia do semanário, como também o ano em que a coluna *Abra o seu coração* circulou assinada pelo heterônimo Helenice.

Em *A invenção autobiográfica e os desdobramentos do eu na escrita de Vinicius de Moraes com a criação do heterônimo Helenice*, segundo capítulo desta dissertação, problematizamos a partir do conceito de ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006) quem foi a conselheira Helenice, considerando pistas encontradas no diálogo estabelecido entre a conselheira e os leitores da seção.

Interessa-nos saber como ocorre a construção de si desse heterônimo como sujeito de moral através de suas práticas (FOUCAULT, 2012). Para tanto, interrogamos como era a relação familiar de Helenice com o marido e com os filhos; como ela manifestava sua religiosidade nas prescrições; por quais espaços a conselheira circulou dentro e fora do Brasil. De igual modo, são pertinentes à nossa análise as características de sua profissão como colunista de jornal, os livros e autores que lia, quais foram suas referências musicais e os demais elementos que constituem a subjetividade da conselheira.

Além disso, o capítulo traz apontamentos sobre a inserção de Vinicius de Moraes na imprensa, de modo a ampliar a percepção sobre sua trajetória como colunista em *Flan*, em especial, na imprensa feminina. Ademais, discutimos formas de produção e consumo da literatura íntima no século XX.

O terceiro capítulo, *Abra o seu coração: publicações efêmeras prescritas para a leitura de mulheres* é dedicado à análise de representações de gênero presentes no correio sentimental *Abra o seu coração*, propondo reflexões sobre como eram elaboradas as imagens do masculino e do feminino, assim como sobre a concepção de família e sobre relações amorosas. Assumimos, portanto, uma perspectiva relacional, tendo em vista o pacto epistolar

(GOMES, 2004), como, também, a construção de noções de gênero (SCOTT, 1995). Ademais, o capítulo analisa protocolos de leitura, como as imagens impressas, os tipos de letra, as seções veiculadas junto à coluna, com vistas a entender a concepção de leitor pensada pelos editores da publicação.

1 CARTAS DE LEITORES E CONCURSOS COMO ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO DE UM PÚBLICO LEITOR E CONSUMIDOR DE JORNAL

Neste capítulo analisamos algumas das estratégias editoriais e discursivas empregadas pelo periódico *Flan: o jornal da semana* no momento de sua estreia no ano de 1953. De modo específico, interessa-nos as estratégias de diálogo entre a equipe do periódico e os leitores através de colunas de cartas, concursos e premiação, com vistas a seduzir o público a ler e a consumir o jornal.

Escrever cartas é buscar um interlocutor (BLAS, 2003). Assim, podemos inferir que, ao propor tais seções, a equipe editorial do periódico tinha o intuito de estabelecer diálogo com os leitores, buscando espaços afetivos no sentido proposto por Gomes (1999)¹⁸. De outra parte, nota-se o intuito de provocar no leitor o sentimento de autoria, de ser, nas páginas do jornal, um agente produtor de conteúdo.

Marcas discursivas presentes nas cartas analisadas, como a informalidade dos enunciados remetidos por e para os leitores, críticas ao conteúdo do periódico, agradecimentos e cartas elogiosas, nos dão pistas acerca da imagem que *Flan* almejava projetar através da publicação desses discursos.

As estratégias discursivas, em grande medida educativas, foram empregadas desde a primeira edição do hebdomadário e dirigiam-se a um público segmentado, uma vez que organizadas nos diferentes cadernos de *Flan*, a princípio, prescritos para homens, mulheres e crianças, com vistas a abranger o maior número de leitores.

Conforme resultados da pesquisa desenvolvida por Jefferson Queller (2013), “o fetiche de certas mercadorias e o entretenimento foram mobilizados pelo jornal [*Flan*] para a constituição de um público de leitores.” (QUELLER, 2013, p. 114). Queller (2013) infere que, se por um lado, é possível identificar nos concursos de *Flan* o propósito de formar leitores, por outro, estava em jogo também “a possibilidade de eles adquirirem experiências durante o processo de interpretação de notícias.” (QUELLER, 2013, p.117). Tais premissas nos mobilizam com vistas a examinarmos os concursos publicados no hebdomadário e nos fazem refletir a respeito de suas estratégias.

¹⁸ (...) se os espaços de sociabilidade são “geográficos”, são também “afetivos”, neles se podendo e devendo captar não só vínculos de amizade/cumplicidade e competição/hostilidade, como igualmente a marca de uma certa sensibilidade produzida e cimentada por eventos, personalidades e grupos especiais. Trata-se de pensar em uma espécie de “ecossistema”, onde amores, ódios, projetos, ideais e ilusões se chocam, fazendo parte da organização da vida relacional. (GOMES, 1999, p. 20).

É necessário, portanto, não dissociar a “oposição entre a pureza da ideia e sua inevitável corrupção pela matéria” (CHARTIER, 2010, p.39) ao refletimos sobre o suporte e seus protocolos de leitura, os signos verbais e não verbais e as formas pelas quais eles se relacionam.

De tal forma, elegemos algumas seções publicadas no semanário de modo mais frequente: 1) *Flan escreve ao leitor*, 2) *O Leitor escreve a Flan*, 3) *Abra o Seu Coração*, e 4) seções de correspondência de *Flanzinho*, página dedicada ao público infantil.

Foram listadas 05 cartas na seção *Flan escreve ao leitor*, e 130 cartas de leitores em *O Leitor Escreve a Flan* no período de abril a agosto de 1953, compreendendo a série da edição 01 até 20 do *jornal da semana*. A delimitação de nossa análise aos 20 primeiros números tem em vista mudanças na edição do jornal. Dentre elas, até o número 19 de *Flan*, a coluna localiza-se na página 02 do semanário, garantindo ao leitor fácil acesso, portanto, maior visibilidade. A partir do número 20 o *jornal da semana* passa por uma reestruturação editorial, como ilustramos ao longo do capítulo, e a seção de leitores perde o espaço fixo na página 02. Então, passa a transitar pelo semanário, o que torna difícil sua localização, perdendo visibilidade.

Além disso, foram publicadas 90 cartas de leitores na coluna *Abra o Seu Coração* de abril a novembro de 1953, período em que foi assinada pelo heterônimo Helenice. Na página *Flanzinho*, foram verificadas 97 cartas de leitores entre as edições 20 e 38 publicadas de agosto a dezembro de 1953.

Quadro 1 - Seções de cartas

Seções de cartas	
Seção	Nº de Cartas
<i>Flan escreve ao leitor</i>	05
<i>O leitor escreve a Flan</i>	130
<i>Abra o seu coração</i>	90
Cartas publicadas em <i>Flanzinho</i>	99
Total	324

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

De forma análoga, este estudo observa seções de concursos, uma vez que tais seções eram também mediadas por cartas de leitores. *O jornal da semana* dedicava uma página destinada aos 3 *Grandes Concursos para o Público Flan* que abrangia: 1) *Prêmios para toda*

a família; 2) *Concurso fotográfico*; e 3) Campanha das 10 mil assinaturas. Do mesmo modo, na página *Flanzinho* verificamos a ocorrência de desafios premiados. Os referidos certames investiam em atraentes promoções com o objetivo de seduzir o público.

Desse modo, a partir da análise das referidas seções no contexto da estreia do *jornal da semana* junto à história da imprensa (WAINER, 89, ROUCHOU, 2004, MORAIS, 1994, BARBOSA, 2007, MARTINS; LUCA, 2012), ressaltamos algumas estratégias de interação com os leitores empregadas na edição do periódico, de modo a se estabelecer como veículo de repercussão nacional e interrogamos em que medida tais estratégias contribuíam para formar leitores e consumidores.

1.1 A emergência do grupo Última Hora e a estreia de *Flan*

De modo a elucidar um contexto mais amplo em que se insere o semanário, destacamos que *Flan* (1953-1954) é um dos braços do Grupo Última Hora (1951-1973), um conglomerado de mídia dirigido pelo jornalista Samuel Wainer. No início do ano de 1953, o grupo era composto pela 1) Editora Ética, também pela 2) rádio Clube Brasil, assim como pelos periódicos 3) diário *Última Hora* e 4) hebdomadário *Flan: o jornal da semana*.

A carreira jornalística de Samuel Wainer foi contemplada por distintas oportunidades. Samuel que fora “um menino judeu e pobre do bairro do Bom Retiro”, não obstante, nos anos de 1950, se torna um “dono de jornal”. Sua família judia original da Bessarábia, atual Romênia, emigrou para o Brasil no início do século XX¹⁹ fugindo da miséria e da guerra, quando saqueadores invadiam as comunidades judaicas na virada do século XIX para o XX. Sua naturalidade da Bessarábia é um grande segredo em sua vida adulta, porque um estrangeiro não poderia ser dono de meios de comunicação, conforme instituído pela Constituição em vigor. No Brasil, sua família passa a viver de forma humilde como residente de São Paulo no bairro do Bom Retiro (LAURENZA, 2012).

Nesse contexto, quando jovem, Samuel muda-se para o Rio de Janeiro para estudar farmácia, mas não conclui o curso por não ter condições financeiras. Uma vez no Rio de

¹⁹ A data é controversa, Haim e Dovra Wainer, pais de Samuel, declararam ao serviço de imigração que chegaram ao Brasil entre os anos 1915 e 1920. Todavia, Wainer para combater denúncia de falsidade ideológica, em junho de 1953 publica no diário *Última Hora* duas certidões expedidas pelo arquivo do Departamento Nacional de Imigração que atestavam que seus pais haviam desembarcado no Brasil em 05 de janeiro de 1905 no vapor Canárias (LAURENZA, 2012).

Janeiro, como forma de sustento, promovia leilões populares junto a um irmão, em concomitância colaborava para o jornal da Associação de Estudantes Israelitas. (LAURENZA, 2012). Cada vez mais, dedica-se ao jornalismo como profissão. Em suas memórias relata com orgulho ser o único jornalista da América Latina a ter coberto o tribunal de Nuremberg “histórico ajuste de contas entre a consciência jurídica mundial e os criminosos da guerra nazista” (WAINER, 198, p.85). Ademais, dirigiu a revista semanal *Diretrizes* e *O Jornal*, participou da *Revista Brasileira*, também da *Revista Contemporânea* e de *O Cruzeiro*.

A pesquisadora Joële Rouchou²⁰ (2004) ressalta que Wainer diferenciava-se dos demais donos de jornal por ter sido ele mesmo jornalista, profissão que segue até o fim da vida com grande apreço. Chama a atenção a estrita relação entre o jornalista Wainer e Getúlio Vargas. A aproximação entre esses dois personagens é intensificada com vistas à campanha presidencial de 1950. Wainer, que nessa ocasião trabalhava em *O Jornal*, periódico integrante dos Diários Associados de Assis Chateaubriand²¹, cria laços de confiança e proximidade com o então senador Getúlio Vargas. Neste momento, “houve um avanço de encontros e textos, que resultaram em benefício para ambos, um com sua campanha em marcha, o outro com sua carreira jornalística em plena ascensão.” (ROUCHOU, 2004, p. 56).

Vargas vence as eleições diretas de 1950 ainda que sem o apoio da grande mídia. Assim, em 31 de janeiro de 1951, Getúlio Vargas toma posse da presidência do Brasil. Conforme o relato de Wainer (1989), Getúlio, após as eleições, teria lhe indagado se desejava “fazer um jornal”. Para Vargas, era importante ter na mídia veiculadores de discursos políticos favoráveis ao seu governo como estratégia de persuasão e legitimação perante o seu eleitorado. Desse modo, começa a surgir o Grupo Última Hora, que nasce com a ambição de atingir as massas, público eleitor de Getúlio, levando para casa de seus leitores a mensagem de apoio ao presidente eleito.

Assim, o lançamento do periódico *Última Hora* ocorre em 12 de julho de 1951 na cidade do Rio de Janeiro. Então, a partir de março de 1952, se espalha por São Paulo, posteriormente alcança o estado do Rio de Janeiro, seguido do Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Pernambuco. Além disso, permanece um dos mais importantes diários do Rio de Janeiro e de São Paulo (GOLDENSTEIN, 1987).

²⁰ Joële Rouchou é Pesquisadora da Casa de Rui Barbosa. Em sua dissertação publicada em livro a autora problematiza a construção identitária de Samuel Wainer como jornalista e judeu em face de sua condição de imigrante em busca de integração na sociedade. Para tanto, detém-se nas memórias de Wainer transcritas em 1.300 páginas, originalmente gravadas em 53 fitas em forma de entrevista. Ver: ROUCHOU, Joële. *Samuel Duas Vozes Wainer*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2004.

²¹ Assis Chateaubriand fundou os Diários associados, um dos maiores conglomerados midiáticos do Brasil.

Pouco tempo depois, a estreia de *Flan* é anunciada na capa do diário *Última Hora* em uma segunda-feira, no dia 05 de janeiro de 1953, com a tiragem de 131.200 exemplares notificada. O anúncio recebe notório destaque no canto superior da página. Localiza-se ao lado do colorido logo azul²² do jornal, compartilhando espaço com críticas à política, notícias do cotidiano carioca e destaques internacionais.

Imagem 2 - Anúncio de *Flan* em *Última Hora*



Fonte: Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

A legenda da foto expressa o que seria a proposta do novo semanário:

Joel Silveira antecipa para a ÚLTIMA HORA o programa de trabalho para o novo semanário prestes a ser lançado – um retrato vivo e imparcial da semana, composto na base da fidelidade ao fato – Correspondentes especiais nas maiores cidades do mundo e sucursais nas capitais de todos os estados garantirão a mais completa cobertura internacional e nacional- Pela primeira vez entre nós: Um jornal de caráter eminentemente nacional – um caderno em cores exclusivamente para assuntos esportivos – (leia a segunda página deste caderno). (*Última Hora*, 05 Jan. 1953. Capa).

Observamos que o periódico *Flan* nasce com grandes pretensões, promete ser “Algo Novo” na imprensa brasileira. Nesse primeiro momento, pactua com seu leitor o compromisso

²² O acesso às edições do jornal *Última Hora* ocorreu através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional que apenas possibilita a visualização em preto e branco.

com a verdade dos fatos, bem como a promessa de ser um jornal nacional e ainda porta voz de notícias das grandes metrópoles internacionais.

Possivelmente, esta é a primeira vez que *Flan* é divulgado em uma mídia de grande destaque como o diário *Última Hora*. Menções ao *jornal da semana* podem ser observadas na autobiografia de Samuel Wainer²³, na biografia de Assis Chateaubriand²⁴, em entrevistas²⁵, em trabalho acadêmico²⁶ sobre a *Última Hora* e talvez por outros meios. Contudo, sem o mesmo destaque de outrora. Geralmente, poucas linhas bastam para elucidá-lo; em geral, comentam seu lançamento, porém não o seu fim²⁷, como se a longevidade de *Última Hora* (1951-1971) se estendesse ao *Flan* (1953-1954), assim como seus percalços e prestígio.

Dentre as menções ao semanário, destacamos alguns recortes. A autobiografia de Samuel Wainer, por exemplo, dedica três páginas para ilustrar o hebdomadário. Na introdução do capítulo, o jornalista relata suas ambições ao lançar o jornal.

Eu tinha o pressentimento de que não deveria ir além dos jornais do Rio e de São Paulo. Isso bastava para assegurar-me o prestígio político e a glória profissional. Talvez fosse o caso, também, de criar um jornal dominical, semelhante em alguns aspectos a uma revista, que fosse a síntese das versões carioca e paulista da *Última Hora*. Acabei de fato criando esse semanário, com o título de *Flan*. [...]

²³ A autobiografia póstuma de Samuel Wainer foi publicada na década de 80. O depoimento original foi gravado por Wainer e confiado ao jornalista Augusto Nunes, que organizou a sua publicação em livro. Ver: WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver: Memórias de um Repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

²⁴ MORAIS, Fernando. *Chatô: O Rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²⁵ O programa Observatório da Imprensa exibido pela TV Brasil em 23 de novembro de 2011 dedica um especial ao jornal *Última Hora* de Samuel Wainer.

Descrição: “O Observatório da Imprensa relembra os 60 anos do Jornal *Última Hora* com um programa especial. O programa ouve vários colaboradores do diário sobre o papel do jornalista Samuel Wainer e do próprio jornal na imprensa carioca. O *Última Hora* mudou a imagem do jornal popular, inovou em diagramação e na valorização dos jornalistas. O debate também trata das campanhas nacionalistas que Wainer liderou através de seu jornal e de suas relações com o poder, assim como os ataques que sofreu de Carlos Lacerda por causa de sua relação com o presidente Getúlio Vargas. Essas questões serão debatidas no estúdio pela historiadora Alzira Abreu (FGV) e pelo jornalista Milton Coelho da Graça. O programa ouviu a opinião da filha de Samuel Wainer, Pinky Wainer; do presidente da ABI, Maurício Azêdo; do professor Pery Cotta (Facha-RJ); do repórter Benício Medeiros, autor do livro “A Rotativa Parou”, sobre os últimos dias do jornal *Última Hora*; da jornalista Joëlle Rouchou, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa e autora de *Samuel Duas Vozes de Samuel Wainer*. E ainda dos jornalistas Domingos Meirelles (*Última Hora*), Pinheiro Júnior e Marta Góes; do cartunista Lan; e do repórter fotográfico Alcyrr Cavalcanti. Apresentação: Alberto Dines” O programa está disponível no *YouTube* dividido em três partes:

(1/3) <<https://www.youtube.com/watch?v=BdBtf-PpEbA>>

(2/3) <<https://www.youtube.com/watch?v=c82YmiaQUvw>>

(3/3) <<https://www.youtube.com/watch?v=8YLpIsPPuJA>>

²⁶ MARTINS, Ana Luisa; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto 2008.

²⁷ A última publicação de *Flan: o jornal da semana* foi uma edição extra dedicada ao suicídio do presidente da República Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954.

Foi o primeiro grande semanário brasileiro depois de *Diretrizes*²⁸. O nome foi inventado por mim e, por não significar nada, tinha um som cabalístico. [...] (WAINER, 1989, p. 166).

A repercussão de *Flan* parece ter incomodado os donos dos grandes jornais à época, como sugere Wainer (1989).

Àquela altura, Assis Chateaubriand começou a desconfiar de que eu representava uma efetiva ameaça a seu império. Com meus jornais, eu não configurava um risco à sua cadeia de 22 publicações. Mas ele sentiu-se decididamente incomodado ao constatar que surgira em seu caminho um semanário, vendido a preço baratíssimo, feito em papel de jornal, rodado em equipamento rudimentar, com uma imensa liberdade de ação e, principalmente, com uma grande tiragem. Chateaubriand assustou-se. Foi nessa ocasião que o dono dos Associados chamou Carlos Lacerda para uma conversa e colocou sua TV Tupi à disposição do meu grande inimigo. [...] (WAINER, 1989, p. 167).

A impressão em jornal foi para *Flan* uma estratégia mais oportuna pelas possibilidades de impressão simplificada, redução de custos para o editor e consumidor, e facilidade de distribuição associada à publicação do diário *Última Hora*.

Na biografia de Assis Chateaubriand escrita por Fernando Morais (1994), é feita uma única menção ao semanário.

[...] O sucesso indiscutível de *Última Hora* vinha se transformando de pequena dor de cabeça a uma ameaça em potencial aos interesses do dono dos Associados. Um ano depois de lançado no Rio, o jornal punha nas ruas de São Paulo, com igual impacto, uma edição paulista financiada pelo conde Francisco Matarazzo Júnior, que, além de dinheiro vivo, cedeu a Wainer o prédio sob o viaduto Santa Ifigênia para onde tinha pretendido, nos anos 40, transferir a *Folha da Manhã*. **Além de planejar instalar, ainda em 1953, uma estação de rádio, Wainer lançara no Rio e em São Paulo, também com enorme aceitação popular, o semanário ilustrado *Flan*.** Para montar o começo do que sonhava em transformar em uma grande rede, ele levantara um total de 64 milhões de cruzeiros (1,6 milhão de dólares de então, aproximadamente 8 milhões de dólares de 1994) – metade tomada como empréstimo no Banco do Brasil e a outra metade obtida com três grandes capitães de empresas: o banqueiro Walter Moreira Salles e os industriais Ricardo Jafet (que era também presidente do Banco do Brasil) e Euvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional da Indústria [...] (MORAIS, 1994, p. 382, grifos nossos).

No relato acima, de fato, poucas linhas foram dedicadas a *Flan*, observamos ênfase em um contexto mais amplo em que o Grupo *Última Hora* floresce no início dos anos 1950 e o

²⁸ Revista dirigida por Samuel Wainer entre os anos 1938 e 1944. “A revista foi se firmando como uma importante publicação, defendendo interesses nacionalistas (...) Samuel lembra que a luta permanente contra o DIP foi possível graças ao entusiasmo e o trabalho de sua equipe” (ROUCHOU, 2013). A publicação contava com colaboradores como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Joel Silveira, Aníbal Machado e outros. Ver: ROUCHOU, Joelle. *Diretrizes: um espaço de resistência na imprensa do Estado Novo (1938 - 1944)*. Natal: AMPUH, 2013.

sonho de Wainer de transformá-lo em uma grande rede. Ressaltamos, contudo, que, apesar de breve, a menção ao *jornal da semana* não foi silenciada na biografia de Chateaubriand.

Ao contrário, nela o destaque dado a *Flan* elucida a aceitação popular do hebdomadário como parte de um projeto de expansão do Grupo Última Hora. De igual modo, sublinha nomes de figuras importantes que apoiaram o projeto editorial do Grupo, como Francisco Matarazzo Júnior²⁹, Walter Moreira Salles³⁰, Ricardo Jafet³¹ e Euvaldo Lodi³². A proximidade com tais figuras dispostas a financiarem publicações pró-vargas, em certa medida, possibilitou o projeto de expansão do Grupo Última Hora.

A campanha de lançamento de *Flan* emerge com grandes apelos. As propagandas sobre o semanário veiculadas pelo diário *Última Hora* têm início no período pós-festas de final de ano, sendo o primeiro anúncio, como já referido, registrado com destaque na capa da edição 481 veiculada na primeira semana de janeiro de 1953. Os anúncios sobre *Flan* atribuem o caráter cosmopolita e moderno ao *jornal da semana*, ao relatar que seu formato foi delimitado de modo intencional como resultado de pesquisas em jornais europeus e estadunidenses diferenciando-o dos demais em seu aspecto técnico.

Com tal investimento, *Flan: o jornal da semana* é lançado em 12 de abril de 1953, e pretende ser um periódico inovador. Dentre as inovações, nas capas e artigos verificamos títulos curtos e objetivos, além do uso recorrente de fotografias, inclusive nas capas em cores, um diferencial para a época. A equipe do jornal adverte a um leitor na seção de cartas: “pensamos muito antes de editar FLAN. Tudo foi minuciosamente examinado e o que hoje está nas bancas é o resultado de experiência, técnica e observação, incorporada a lição dos grandes semanários do mundo” (*Flan*, 31 mai.- 06 jun. 1953, O Leitor Escreve a Flan, p. 2).

Marialva Barbosa (2007) observa que há na historiografia da imprensa um discurso que mitifica suposta renovação editorial provocada pelo Grupo Última Hora. No entanto, fórmulas redacionais, administrativas e editoriais implementadas pelo Grupo, como o uso de

²⁹ Conde Francisco Matarazzo Junior (1900-1977) foi um empresário brasileiro que dirigiu por quatro décadas as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo que chegaram a ser consideradas o maior complexo industrial da América Latina. Ver: COUTO, Ronaldo Costa. *Matarazzo: colosso brasileiro*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

³⁰ Walter Moreira Salles (1912-2001) foi um empresário, banqueiro e diplomata brasileiro. Ver: <<http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/walther-moreira-salles>>

³¹ Ricardo Jafet (1907-1958) fundador da Mineração Geral do Brasil, também da Usina Siderúrgica de Moji das Cruzes e da Empresa Internacional de Transportes. Foi um dos financiadores da vitoriosa campanha de Getúlio Vargas para presidência da república em 1950. Ver: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/ricardo_jafet>

³² Euvaldo Lodi (1896-1956) foi um empresário e político brasileiro Ver: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/euvaldo_lodi>

cores, fotografias em destaque ocupando a página inteira e caricaturas, não eram novas na imprensa do Rio de Janeiro.

Em certa medida, o formato do jornal parece ter sido negociado com os leitores, como buscamos ilustrar ao longo deste capítulo. Os prêmios e promoções anunciados em seus concursos fulguravam como chamarizes para a leitura e consumo do hebdomadário. A escolha dos itens de premiação compunha o padrão de mercado dirigido aos países considerados desenvolvidos. Geralmente ofereciam aos seus leitores utensílios domésticos tais como, geladeiras, liquidificadores, rádios ou aparelhos televisores. Contudo, propunham também premiações mais ousadas a exemplo de quantias em dinheiro e automóveis.

As notícias publicadas no diário *Última Hora* sugerem que a campanha de lançamento do hebdomadário teve como estratégia comover e mobilizar a cidade do Rio de Janeiro, sede do jornal, e o Distrito Federal (RJ), para a chegada do novo braço do Grupo. De tal modo, a equipe de *Flan* buscou aproximações com escolas de samba, tanto as localizadas em áreas centrais da cidade quanto em áreas periféricas, distribuindo brindes e edições do diário *Última Hora*.

O samba em desfile

A Consagrada “Império Serrano” Receberá Amanhã, Sábado, a Visita da Reportagem

ÚLTIMA HORA e FLAN estarão na noite de amanhã na famosa Escola de Samba “Império Serrano”, a tetra campeã dos desfiles de carnaval da Prefeitura. Será a segunda agremiação a ser visitada por duas reportagens em conjunto. Estaremos lá no alto da “terrinha” assistindo ao ritmo contagiante de sua bateria: vendo os passos característicos de suas cabrochas e as gingas dos componentes de suas inigualáveis “alas”. Mas ÚLTIMA HORA e FLAN não se limitarão a visitar a “Império Serrano”. Outras Escolas serão percorridas. Teremos oportunidade de subir outros morros. Estamos presentes a ensaios que na realizarão em outros dias na “Portela”, “Mangureira”, “Unidos da Capela”, “Três Mosqueteiros”, “Unidos da Tijuca”, “Índios de Acaú”, “Unidos de Vila Isabel”, “Império da Tijuca”, “Congonhas”, enfim, a tantas quantas o tempo nos permitir de sábado até o próximo reinado de Momo. (...) (*Última Hora*, 16 jan. 1953, Carnaval – festa do povo, p.07).

Serão Patrocinados por ÚLTIMA HORA e FLAN os Festejos Carnavalescos do Engenho de Dentro

Chave de ouro, no Engenho de Dentro, terá este ano um dos seus maiores carnavais. A Comissão encarregada dos festejos naquele próspero subúrbio não vem poupando esforços no sentido de proporcionar ao público morador da localidade momentos de intensa alegria na sua popular festividade (*Última Hora*, 03 fev. 1953, Carnaval - festa do povo, p. 10).

O primeiro anúncio é datado do início de janeiro e a estreia de *Flan* ocorre em março, o que indica a antecedência com que a equipe do semanário se dedicou a preparar a cidade para a chegada de *Flan* ainda em um período de aclamada festividade popular para a divulgação do periódico. Além disso, notícias do diário *Última Hora* relatam o entusiasmo do

bloco de carnaval do Grupo que desfilou pela glamorosa Avenida Rio Branco, tradicional passarela dos foliões cariocas localizada no coração do Distrito Federal.

Amanhã na Rua o Bloco de ÚLTIMA HORA E FLAN

Amanhã, finalmente, às 10 horas, estará na rua o Bloco Carnavalesco ÚLTIMA HORA e “FLAN”. Tôdas as providências foram tomadas por “Moprincipe” para que o desfile se revista do maior brilhantismo.

Lauro “Reumatismo” tem sua turma afiada e promete fazer misérias apresentando novos passos que, na certa, deliciarão a todos aqueles que assistirem ao desfile do bloco Bicharada.

Apesar do bloco e a de casa já ter muitos e variados espécimes da fauna brasileira, Fernando Schiavo, presidente do Carioca S.C., doou-nos um dos mais belos animais do seu famoso Bloco da Bicharada que continuará uma surpresa das mais curiosas.

A concentração do bloco está marcada para 9 horas, no saguão do edifício de ÚLTIMA HORA. (*Última Hora*, 13 fev. 1953, Amanhã na Rua o Bloco de ÚLTIMA HORA E FLAN, p.10)

Podemos supor que *Flan* foi também anunciado nos programas da Rádio Clube Brasil, tendo em vista que este veículo pertencia a Samuel Wainer no início de 1953. Ademais, há indícios de faixas e cartazes terem sido espalhados, se não por várias cidades do Brasil, ao menos pela cidade do Rio de Janeiro; e volantes terem circulado no intuito de anunciar a estreia do novo jornal. A coluna *Flan Escreve ao Leitor* relata para o seu público alguns dos esforços empregados pelo Grupo Última Hora para o lançamento do hebdomadário.

Leitor Amigo,

Nos cartazes, nos volantes, ou na propaganda pela imprensa você já deve ter lido que FLAN pretende ser mais do que uma revista e sete vezes um diário. E já sabe também que tudo faremos para dizer “a verdade sobre tôdas as notícias”, dando semanalmente “um retrato honesto do Brasil e do mundo”. Foi o que prometemos – e tudo faremos para cumprir a promessa. [...] (*Flan*, 12 – 18 abr. 1953, *Flan Escreve ao Leitor*, p. 2).

Um dos diferenciais do *jornal da semana* em comparação com o diário do grupo é a característica de ser “sete vezes um jornal”, isto é, poderia dedicar mais espaço, maior volume de informações, ao tratar das notícias da semana; além disso, a equipe do jornal poderia elaborar um relato mais completo sobre o desencadeamento dos fatos. Com isso, o relato ao leitor consideraria antecedentes e consequências do acontecimento ao compor a notícia. O jornal ainda seria capaz de incluir os fatos mais “quentes” por ser impresso 24h antes de ir para as bancas.

A participação popular é incentivada desde a primeira edição e encontra na seção de cartas ao leitor espaço para críticas e trocas com o público. Diálogo esse que a equipe de *Flan* julga indispensável para compor o formato do novo jornal.

[...] É evidente que um jornal não vive exclusivamente do esforço de seus diretores e redatores. Vive também das sugestões e críticas indispensáveis dos que o lêem. FLAN, mais do que qualquer outra publicação, não fechará os ouvidos às queixas e aos palpites de seu público. Tanto assim que este canto de página, dos melhores que temos, ficará sempre à disposição do leitor, para que diga sinceramente, tudo que pense e deva ser transmitido ao seu jornal da semana. [...] (*Flan*, 12 – 18 abr. 1953, *Flan Escreve ao Leitor*, p. 2).

De tal modo, é incentivado que o leitor de *Flan* seja ativo, no sentido de ser crítico da notícia e do formato do jornal, e também aberto ao diálogo. Além disso, seria um leitor reflexivo, interessado em notícias mais detalhadas e no desencadeamento dos fatos ao longo da semana. Os dados publicados na segunda edição do semanário indicam que houve generosa receptividade do público com a tiragem de 160 mil exemplares.

Leitor Amigo,
Finalmente “FLAN” saiu à rua, domingo passado, distribuindo, em todo território nacional, a sua tiragem inicial de cento e sessenta mil exemplares. Como era de se esperar, os leitores de FLAN acorreram, pressurosos, a tomar contato com o jornal da semana, a publicação dominical que doravante informará ao público a verdade sobre todas as notícias, com um conteúdo capaz de interessar a todo tipo de leitor, homens, mulheres e crianças. (*Flan*, 19-25 abr de 1953, *Flan Escreve ao Leitor*, p. 2).

O relato veiculado pela coluna remete a uma comoção de leitores ansiosos para desvendar o novo integrante do Grupo Última Hora. É possível que este registro fosse uma estratégia empregada pelos editores para enaltecer a estreia do semanário. Não obstante, percebemos também que esse diálogo com o leitor revela algo acerca da imagem que a equipe de *Flan* almejava projetar sobre o jornal, ao representá-lo como um periódico inquietante e mobilizador de multidões. Do mesmo modo, sugere o tipo de expectativa desejável pelo semanário, de modo a provocar e seduzir seu diversificado público leitor composto por homens, mulheres e crianças.

1.2 Escritas ordinárias em foco: cartas publicadas em jornal

Ao tratarmos das estratégias de *Flan* para dialogar com os leitores, observamos que a correspondência publicada no jornal nos oferece profícuas possibilidades de análise, inclusive acerca do pacto epistolar estabelecido entre o periódico e sua audiência.

Detalhes como a extensão do corpo do texto, as saudações, a materialidade das cartas, o uso dos espaços em branco, a caligrafia e o ritual epistolar – aspectos aparentemente banais e efêmeros – nos dão pistas sobre o grau de proximidade e hierarquia que demarca o relacionamento entre o remetente e o destinatário. Quanto menor o grau de intimidade, maior será a necessidade do cumprimento das normas epistolares caracterizadas pelo zelo, pela legibilidade empregada na carta, pela caligrafia, pelas aproximações com a norma culta da língua, pela escolha do envelope e do papel. (BLAS, 2003).

Na direção desses estudos, Ângela de Castro Gomes (2004) apresenta a noção do circuito retroalimentado de significação. As cartas só fazem sentido em relação a quem se escreve, ao outro, já que as respostas fazem menção às perguntas e ampliam reflexões que foram feitas pelo remetente, ao tratarem do cotidiano, saúde, solidão, amizade, entre outros assuntos.

De forma análoga, Maria Teresa Santos Cunha (2002) aponta que o ato de escrever cartas íntimas consiste em:

Confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, através das palavras. Trocar cartas corresponder - se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiências, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros. A carta como uma prática de escrita, tanto fala de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer. (CUNHA, 2002, p. 188).

Assim sendo, escrever cartas é se expor ao outro, e ao mesmo tempo significa construir um lugar para si. Reconhece-se hoje a relevância do gênero epistolar como objeto e fonte histórica e o desafio do historiador de lidar com tais registros escritos marcados pela encenação da linguagem; por intermédio das cartas, os correspondentes constroem sentidos para um previsto público leitor. Nesse sentido, Gomes (2004) ressalta que os sujeitos constroem a imagem que se deseja projetar a partir de um teatro confidencial encenado por intermédio das palavras e demais símbolos.

De igual modo, as cartas de leitores publicadas nos periódicos são tensionadas por tais questões, ainda que nem sempre transpareçam para nós, pesquisadores, os aspectos da materialidade original da correspondência. Nesse caso, faz-se necessário delimitar nossa análise conforme as possibilidades de estudo a partir do impresso. A pesquisa é marcada por outras fronteiras: a da seleção das cartas publicáveis, da diagramação das páginas, da ilustração do periódico, e outras possíveis. De todo modo, a escrita epistolar expressa

subjetividades, uma vez que a “carta transcende o discurso enxuto da transmissão de uma série de notícias para configurar-se como consciência da subjetividade e como exteriorização do eu que escreve” (GÓMEZ, 2002, p. 6).

Eduardo Silva (1988) explicita que leitores escrevem aos jornais pela vaidade de verem seus nomes publicados, como também no intuito de denunciarem irregularidades ou insuficiências.³³ Para o autor, as seções de cartas de leitores, ainda que editadas, são portavozes do povo, inclusive dos analfabetos, por canalizarem nesse espaço queixas sobre questões do cotidiano, em especial, relacionadas a obrigações não cumpridas pelo poder público.

As cartas de leitores possibilitam espaço na mídia para divulgar e fazer circular as opiniões dos que as escrevem, funcionando como um fórum que, no caso de *Flan*, se pretende nacional. De tal modo, os leitores escrevem para se sentirem sujeitos ativos integrantes do debate público. Um profissional, ao se posicionar ante a um periódico “reclamando das precárias condições de trabalho, da falta de recursos, está desempenhando o papel de cidadão crítico, participante que luta por direitos.” (ROCHA, 2004, p. 94)³⁴.

Tendo em vista tais premissas, a seguir apontaremos algumas proposições acerca da seção *Flan Escreve ao Leitor* que consta nas quatro primeiras edições do jornal, a partir da 5ª edição torna-se *O Leitor Escreve a Flan*.

1.2.1 Flan escreve ao leitor

Na primeira edição, a seção *Flan escreve ao leitor* anuncia ao “leitor amigo” a estreia do semanário *Flan* nas bancas que “promete ser muito mais do que uma revista e sete vezes um jornal”³⁵. *Flan* insiste que a participação do leitor é indispensável para a composição do

³³ Referimo-nos ao livro *Queixas do Povo* que analisa a coluna de mesmo nome publicada no *Jornal do Brasil* durante a Primeira República. Do mesmo modo essa temática pode ser repensada nos anos 1950, contexto do lançamento do semanário *Flan*.

³⁴ A pesquisa de Mestrado de Bárbara Trindade Rocha analisa 150 cartas de professoras e professores da Educação Infantil entre 1988 a 1996, período de redemocratização pós-ditadura militar, com a intenção de apreender como se estabelece a legitimação do periódico. A dissertação intitula-se *Cartas em Revista: estratégias editoriais de difusão e legitimação em Nova Escola*, defendida em 2004 no Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ.

³⁵ *Flan*, 12-18 de abr de 1953, *Flan Escreve ao Leitor*, p.02

semanário, visto que “um jornal não vive exclusivamente do esforço de seus diretores e redatores. Vive também das sugestões e críticas indispensáveis dos que o lêem”.³⁶

Ao apresentar a linha editorial que o orienta, o semanário promete distinguir-se dos demais jornais pelo compromisso com “a verdade sobre todas as notícias.”³⁷ A equipe editorial se orgulhava de ter planejado *Flan* cuidadosamente, sendo este o resultado de pesquisas em periódicos estrangeiros reunindo, desse modo, qualidades técnicas e conteúdo. “FLAN como um jornal consciencioso só surgiu nas bancas depois de minuciosamente planejado pelos melhores técnicos (...)”³⁸, adiante, indica a organização de seus cadernos.

Percebe-se, desde então, que o *jornal da semana* foi pensado de modo a atingir toda família, uma vez que *FLAN Escreve ao Leitor* afirma que o semanário “é um edifício de três andares: pois bem, a reportagem é o seu alicerce”³⁹. Dessa forma, o primeiro caderno trata de questões políticas no Brasil e no mundo, é destinado “ao senhor”; já o segundo, discorre sobre assuntos mundanos, como moda, cinema e teatro, foi pensado para “a sua senhora”; o terceiro, com crônicas a respeito do Rio de Janeiro e do mundo dos esportes, “confiaremos a seu filho”. Em sua primeira edição é advertido ao público que os cadernos não são estanques para tipos de leitores. “Há de tudo para todos em cada caderno de FLAN. Passe as páginas e veja se não é assim.”⁴⁰

Em entrevista ao jornal *Última Hora*, anterior à publicação do semanário, Joel Silveira, diretor de *Flan*, apresenta sua visão acerca dos objetivos a serem alcançados com a nova publicação do Grupo.

(...) Embora o “fato” mundial e internacional se favoreça em “Flan”, de toda valorização, quer gráfica, quer no que concerne ao texto, isto não significa que nosso semanário se restrinja à reportagem propriamente dita. “Flan” terá de tudo um pouco – e não pouco. Um dos seus cadernos, por exemplo, será quase todo dedicado à mulher, aos seus assuntos, problemas e preferências: moda, lar, decoração, mundanismo (incluindo uma página inteira com flagrantes da “festa da semana”), **consultório sentimental**, etc. O público masculino, por seu lado, encontrará nas páginas de “Flan” além das grandes reportagens sobre temas nacionais e internacionais, matéria vária desde as seções especializadas de xadrez, palavras cruzadas, testes, grafologia, etc., até as páginas de ciência e mecânica populares, medicina, resenha semanal da imprensa do país e do mundo, páginas em cores de humorismo com charges assinadas pelos melhores nomes nacionais e internacionais. Junte-se a tudo isso a matéria de interesse geral, como rádio, cinema, televisão, teatro, circo, buate, bar, restaurante, música culta e popular, “jazz”, etc. A gurizada, por sua vez, encontrará todas as

³⁶ *Flan*, 12-18 de abr de 1953, *Flan Escreve ao Leitor*, p.02

³⁷ *Flan*, 12-18 de abr de 1953, *Flan Escreve ao Leitor*, p.02

³⁸ *Flan*, 03-10 mai.1953, *O leitor escreve a Flan*, p. 01

³⁹ *Flan*, 12-18 abr. 1953, *Flan Escreve ao Leitor*, p.02

⁴⁰ *Flan*, 12-19 abr. 1953. *Flan escreve ao leitor*, p. 02

semanas em “Flan”, uma página inteiramente sua – com histórias selecionadas de autores de qualidade e ilustradas por desenhistas consagrados. E a “torcida” brasileira, terá, todos os domingos, doze páginas (das quais quatro em cores) exclusivamente dedicadas ao esporte em todas as suas modalidades. (...)

(*Última Hora*, 05 jan. 1953, “FLAN”, *Jornal da Semana*, Será Algo Novo em Imprensa, p.02, grifos nossos)

Joel Silveira apresenta uma segmentação do conteúdo direcionado ao público esperado para *Flan*, de modo a tornar o jornal uma publicação de interesse da família: mulher, homem e criança.

Na negociação com seus leitores, o jornal incorpora as sugestões que considera pertinentes, inclusive revisita os conceitos do que é recomendado aos diversos públicos. Na edição 20, a equipe do semanário anuncia em *FLAN Escreve ao Leitor* significativa mudança no formato do periódico.

Desde nosso segundo número que vimos mantendo uma seção denominada “O Leitor Escreve a FLAN”, onde recebemos e acolhemos as sugestões que nos são enviadas, numa demonstração de interesse, que sempre desvaneceu e animou.

Hoje estamos aqui – como no primeiro número – escrevendo ao leitor, que é nosso objetivo, nossa meta, nossa razão de ser. É para o leitor que desejamos fazer o nosso jornal; para mais ninguém.

Entrando agora no 20º número, mudamos de formato; adotando um mais cômodo e mais fácil de ser manuseado. E queremos frisar que o fizemos, não apenas em virtude de nossas reflexões, mas também atendendo a diversas sugestões que nos chegaram das localidades mais distantes do País.

Alguns achavam FLAN difícil de ser lido. Outros opinavam ser demasiadamente grande o seu tamanho. Houve quem sugerisse, até, êsse novo molde que começamos a apresentar a partir de hoje. O novo feitio gráfico dará ao leitor mais facilidade, inclusive em saber onde encontrar a matéria de sua preferência.

Dando essa satisfação a nossos leitores, pedimos que continuem a nos escrever, na certeza de que suas sugestões, serão sempre adotadas, serão sempre consideradas e respeitadas.

A prova está na nossa modificação, ora adotada. (*Flan*, 23-29 ago. 1953, *Flan Escreve ao Leitor*, p. 4).

Ora, se a primeira edição organizava *Flan* em cadernos não estanques recomendando conteúdos políticos a homens, assuntos mundanos como crônicas, moda e literatura para mulheres, e esportes e crônicas da cidade para os jovens, os sumários que começam a ser publicados na edição 20 remetem a uma ideia diferente.

A seguir, na edição 35 do *jornal da semana*, destacamos continuidades e rupturas no formato de *Flan* a partir da organização das seções no sumário do jornal.

Imagem 3 - Sumário de Flan publicado na edição 35

Sumário	
ANO I De 6 a 12 de Dezembro de 1953	
NUM. 35	
● REPORTAGENS	
A Insurreição Dos Anjos	3 a 7
João Alberto Voltou Apreensivo	11 a 13
Nossos Compositores Nacionalizam o Natal	18 a 19
"Ballet" Negro Brasileiro na Europa	22
Quanto Custam as Formaturas	49 a 51
● SOCIAIS	
O Santa Maria Assombrou	25 a 27
Grã-Finismo	27
● POLITICA	
Primeira Mão	2
Presença do Povo	10
Comentários	14
● PARA A MULHER	
Novidades e Trabalhos Manuais	28 a 31
● LITERATURA	
Porta de Livraria	38 e 39
A Dupla Vida de Th. Longeth, de G. Leroux	24
Pouco Amor Não é Amor	23
● PARA A CRIANÇA	
"Flanzinho"	36 e 37
● HUMORISMO	
Caricaturas de Nassara	8 e 9
Caricaturas de LAN	48
● DIVERSÕES	
O Outro Lado da Tela	20 e 21
Os Personagens de "O Ser-tanejo"	32 e 33
Mate o Tempo Enquanto o Tempo	52 e 53
● ECONOMIA	
Economista Soviético Pre-vê Crise Nos EE. UU.	40
● CONCURSOS DE "FLAN"	
Escolha a Sua "Pin-up"	15 a 17
Promoções de FLAN	45
● ESPORTES	
Turfe e Futebol	46 a 47

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Pelos títulos, observamos menor direcionamento de gênero. Assim, páginas como *Literatura*, *Cinema*, *Novela*, *Diversões* e *Passa-tempo* ganham maior destaque no jornal, ao passo que perdem caráter de prescrição para o público feminino. As páginas *Para a Mulher* abrangem temáticas como moda, saúde dos filhos, decoração da casa e outros. Por outro lado,

as notícias sobre temas políticos, a princípio direcionadas para o público masculino, ganham uma nova diagramação, as páginas passam a comportar menos seções, conferindo ao periódico uma forma mais harmônica, havendo ainda destaque para fotos.

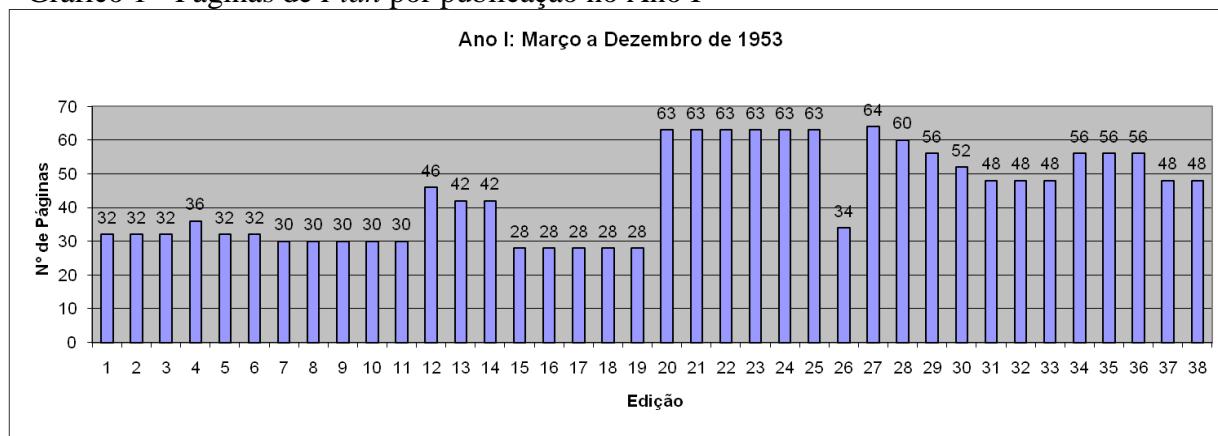
A página *Flanzinho* elaborada para o público infantil surge na edição 11 do semanário e, a partir da edição 19, ganha o espaço de duas páginas. O caderno de esportes sofreu algumas críticas de leitores a respeito da linguagem imprópria para o público jovem, a exemplo da reportagem “Um craque nu”.

O Sr. Paulo Moro, de Álvares Machado, não gostou da reportagem sobre Ademir, “Um craque nú”, que tinha, a seu ver, fotografias que uma criança não pode ver. Mas gosta de FLAN e sugere que se amplie a seção “rádio, cinema, passa-tempo”, que lhe faz esquecer sobre a guerra na Coréia e os preços dos alimentos... (*Flan*, 17-23 mai. 1953, O Leitor Escreve a Flan, p. 2).

Em um caderno prescrito para o público jovem, a imagem de um atleta despido causou espanto no leitor Paulo Moro. Além da crítica desfavorável, Moro destaca as qualidades de *Flan* para o entretenimento e sugere que o jornal amplie algumas seções dedicadas ao lazer.

Parece que sugestões como a de Paulo Moro foram acolhidas, visto que a partir da edição 20 há um aumento significativo no número de páginas. O gráfico a seguir registra a quantidade de páginas por edição:

Gráfico 1 - Páginas de *Flan* por publicação no Ano I



Fonte: *Flan: o jornal da semana*, 1953

Há uma média de 30 páginas por publicação entre as edições 01 a 19, já a edição 20 apresenta 63 páginas, com a média de 57 páginas referentes à sequência das edições 20-38 veiculadas no ano de 1953. Perceber tais mudanças indica a intenção da equipe de *Flan* de estar sempre atenta às melhorias cabíveis e sua disposição a modificar o formato do jornal,

inclusive a equipe do semanário reafirma esse compromisso com o leitor na edição número dois.

[...] Os leitores facilmente perceberão que este segundo número de FLAN já se esforça por ser ainda melhor que o primeiro, que teve tão generosa e ampla recepção. Os nossos propósitos são apenas estes: melhorar sempre, a fim de oferecer ao grande público brasileiro um jornal completo, tanto sob o ponto de vista da reportagem como da informação criteriosa e fiel, tanto sob o ponto de vista da apresentação gráfica, agradável aos olhos, como do conteúdo, que terá sempre um volume de matéria até mesmo superior ao que o leitor pode consumir num domingo, por mais calmo e livre que seja... [...] (*Flan*, 19-25 abr. 1953, Flan Escreve ao leitor, p. 2).

A terceira edição anuncia um instigante concurso como forma de incentivar a participação dos leitores.

Leitor Amigo,

Podemos começar a nossa correspondência de hoje com uma boa notícia: vamos instituir a partir desse número, uma série de prêmios em dinheiro a serem distribuídos entre os leitores de FLAN. Para concorrer, será necessário pequeno esforço: basta escrever à nossa redação uma carta sugerindo o que lhe parecer aconselhável, o que, a seu ver, deve ser adotado pelo seu jornal.

As cartas que trouxerem as melhores sugestões serão selecionadas e, entre seus autores, distribuiremos cinco prêmios: um de mil cruzeiros (1.º), dois de quinhentos (2.º, 3.º) e dois de duzentos e cinquenta (4.º e 5.º) [...] ⁴¹. (*Flan*, 27 abr. - 03 mai. de 1953. Flan escreve ao leitor, p. 2).

1.2.2 O leitor escreve a Flan

A contar da quinta edição, a coluna teria o nome de *O Leitor Escreve a FLAN*. De tal modo, passaria a oferecer premiação em dinheiro para as sugestões e críticas mais interessantes, despertando a iniciativa do leitor. O convite é feito no quarto número do jornal:

Leitor Amigo:

Talvez no próximo número já mudemos o título desta seção. Em vez de FLAN ESCRIVE AO LEITOR, passaremos a O LEITOR ESCRIVE A FLAN. Já nos chegam inúmeras cartas, contendo as sugestões que pedimos. Como V. já sabe, iremos premiar as cinco melhores, de acordo com a seleção que fizemos e que está a cargo do redator Nelson Rodrigues, a quem deve ser endereçada toda a correspondência a esse respeito (...). Não deixe de mandar também a sua sugestão. E

⁴¹ O salário mínimo era de 1200 cruzeiros.

esteja certo de que FLAN melhora a cada semana. (*Flan*, 03-09 mai. de 1953. *Flan* escreve ao leitor, p. 2).

Não por acaso o nome e o formato da coluna são revistos pela equipe de *Flan*. Havia em tal estratégia uma intencionalidade, uma vez que as dimensões e as formas da enunciação são determinadas tanto por seu auditório social quanto pela situação de enunciação (BAKHTIN, 2009). Estes dois últimos dão forma ao discurso exterior “que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação” (BAKHTIN, 2009, p.129).

De tal forma, a ressignificação do nome da coluna confere um caráter ativo aos leitores, que, mais do que nunca, se tornariam autores da mesma. Para além disso, os candidatos aos prêmios precisariam ser leitores críticos do jornal, empenhando-se em desvendar as entrelinhas da notícia, ao mesmo tempo, estando atentos ao formato de *Flan* e ao seu conteúdo.

De fato, ganhadores foram anunciados, como pode ser verificado no quadro abaixo.

Quadro 2 - Concurso O leitor escreve a FLAN

Concurso <i>O Leitor Escreve a FLAN</i>					
Ed	Data	Prêmio⁴²	Ganhadores	Proveniência	Sexo
5	11 a 16 de maio	Cr\$ 1000	Oswaldo Ferreira	SP	M
5	11 a 16 de maio	Cr\$ 500	Ubirajara G Gilioi	Não identificado	M
8	31 de maio a 6 de junho	Cr\$ 500	Ananias Couto	SP	M
8	31 de maio a 6 de junho	Cr\$ 500	Maria Helena Guarnieri	RJ	F

Fonte: *Flan*: o jornal da semana, 1953

O valor máximo ofertado para os leitores como prêmio pela participação se aproximava do salário mínimo vigente em 1953 que correspondia ao valor de Cr\$1200,00⁴³. Os demais prêmios se aproximavam da metade de um salário mínimo.

Em *O Leitor Escreve a Flan*, são publicadas aproximadamente 10 cartas de leitores por edição, contendo elogios, críticas, sobretudo sugestões para melhoria. *Flan* ressalta que a

⁴² Os valores são referentes aos prêmios em dinheiro ofertados pela equipe de *Flan* aos leitores que remetessem via correio as melhores críticas.

⁴³ Para acessar as variações do salário mínimo do ano 1940 até 2014 ver:
<<http://www5.jfpr.jus.br/ncont/salariomin.pdf>>

coluna, assim como o jornal, tem um caráter de diálogo e troca. Na estreia de *O Leitor Escreve a FLAN*, por exemplo, o hebdomadário acentua que:

Finalmente, já agora podemos iniciar de maneira objetiva, o nosso diálogo com o leitor. FLAN nunca pretendeu falar sozinho. Antes pelo contrário. Para o nosso conforto são muitos os que nos escrevem, enviando sugestões, fazendo críticas, ou simplesmente cumprimentando pelo aparecimento do já vitorioso semanário. Compulsando a volumosa correspondência que nos chega às mãos, o que logo ressalta, acima de qualquer outro dado, é a larga generosidade com que o público recebeu FLAN. (*Flan*, 10-16 mai.1953, *O Leitor Escreve a Flan*, p. 2)

Notamos a ênfase conferida ao diálogo com o leitor, pois, uma vez que as manifestações de opiniões dos leitores compõem de forma permanente o periódico, em certa medida, os leitores podem também ser considerados autores do jornal. É possível, pois, sustentar a tese de um jornal popular no sentido de ser escrito com a voz dos leitores, assim como editado por eles. Na direção dessa argumentação, Bakhtin (2009) nos auxilia a pensar sobre o diálogo como uma das formas mais importantes de interação verbal. O autor afirma que o ato de fala impresso constitui do mesmo modo um elemento da comunicação verbal e deve ser analisado como objeto de discussões ativas sob forma de diálogo.

Em nossa análise, percebemos que algumas indicações dos leitores de *O Leitor Escreve a Flan* foram atendidas. Observamos, como exemplo, a carta que segue:

(...) de Campinas, São Paulo, a Srta. Sônia Maria Pamoni pergunta por que não criamos uma coluna sobre assuntos domésticos, com receitas e conselhos úteis. Já providenciamos a respeito, segundo resposta dada a outro leitor no quinto número. Sônia deseja ainda uma seção de astrologia (que já há) e a publicação de uma carta de amor. Esta última sugestão passamos à Madame Helenice, responsável por “Abra o seu coração”. (*Flan*, 17- 23 mai, *O Leitor Escreve a Flan*, p. 2).

Outro exemplo do diálogo com os leitores consiste na criação de *Flanzinho* na edição 11, como resposta aos apelos dos leitores Paulo de Tarso, Fritz Meyer e outros por uma página infantil. “O leitor Paulo Tarso, do Rio, entre outras observações, diz que seria preciso criar uma página infantil, no que concordamos.”⁴⁴

E o Sr. Fritz Meyer, de São Paulo, quer que reservemos uma página só para a juventude: “... não exatamente palavras cruzadas, novelinhas, etc., mas com informações atuais sobre os acontecimentos políticos e comerciais no mundo inteiro, estabelecendo contacto com semelhantes publicações de outros países.” (*Flan*, 31 mai. – 06 jun. 1953, *O Leitor Escreve a Flan*, p. 2).

⁴⁴ *Flan*, 17- 23 mai, *O Leitor Escreve a Flan*, p. 02

De forma análoga, o leitor Adolfo Ribeiro⁴⁵, RJ, questiona a ausência da página de xadrez substituída pelas seções de *Flanzinho*. O semanário registra que a seção requisitada tornou a ser publicada na edição corrente. Contudo, passou a ser registrada na página de esportes.

Do mesmo modo, na edição 5, Oswaldo Ferreira, ganhador do prêmio de mil cruzeiros no concurso da seção, sugere a incorporação de um índice por caderno. A partir da edição 20 um índice geral é adotado por *Flan*. Entre outras sugestões, o mesmo leitor aponta a necessidade de aprimorar as seções de notícias da atualidade. *Flan* responde a crítica do leitor criando a coluna *Última Hora de Flan*, com notícias atuais.

A menção às colunas na seção de leitores é uma forma de propagandear as novas seções, além das já existentes no jornal, recomendando sua leitura. Ademais, sugere que os jornalistas da equipe de *Flan* estão em contínua ação a pensar e repensar o formato do jornal, como exposto na carta a seguir:

Sr. Giovani Dantas, do Rio: passamos ao setor de concursos sua carta, com a sugestão sobre os cupons. Para o Sr. Josias Duarte dos Santos, de Belo Horizonte, podemos dizer que espere: a página infantil vem aí. E o Sr. José Ulysses Andrade Silva, de São Roque, pede uma secção sobre Aeronáutica. Quanto à reclamação, tenha paciência: as falhas irão sendo consertadas, Roma não se fez num só dia. Assim, iremos contentando a todos, inclusive (quem sabe?) a Dona Maria de Lourdes de Carvalho Monteiro, de São Paulo, que quer ver, nas páginas de FLAN, uma coluna sobre trabalhos manuais. (*Flan*, 24-30 mai. 1953, O Leitor Escreve a Flan, p. 2).

Desse modo, como em um diálogo informal, as seções de *Flan* são anunciadas a possíveis novos leitores. Ainda nos casos em que não pudesse atender as reivindicações apontadas, *o jornal da semana* primava em manter o diálogo com seus leitores de forma amistosa, muitas vezes, indicando as razões pelas quais as sugestões não poderiam ser atendidas. Por exemplo, na edição 07, quando o leitor Heberto Ferreira, residente de Florianópolis, SC, reclama que não pode concorrer ao teste de fotografias, pois só recebe *Flan* quando o prazo já está encerrado. O semanário promete pensar em soluções para sanar a falha. Apesar de não evidenciadas, providências para atender os leitores dos locais distantes da capital podem ser observadas em edições posteriores nos concursos da *Série Flan* e nos desafios de *Flanzinho*. O primeiro passa a aceitar a correspondência morosa do mês anterior para o concurso seguinte; o segundo dedica longo prazo para o recebimento das cartas e envia

⁴⁵ *Flan*, 12 -18 de jul 1953, O Leitor Escreve a Flan, p. 02

prêmios aos leitores que residem em cidades do interior do Brasil afastadas do Distrito Federal.

Uma advertência na seção de concursos é publicada na edição 9 de *Flan*:

Aos Concorrentes do Interior

Como aconteceu no primeiro sorteio, os concorrentes do interior, cujas séries de talões nos chegarem depois do sorteio, não ficarão prejudicados, por uma demora cuja culpa, afinal, não lhes cabe. Não entrarão, é claro, no sorteio de hoje, mas nós lhes remeteremos um talão numerado para o sorteio da série de junho, que será realizado no dia 5 de julho próximo, domingo. Assim, ninguém perderá a chance de ganhar os grandes prêmios de FLAN. (*Flan*, 7-13 jun. 1953, Série Flan, p. 23).

Do mesmo modo, quando o leitor David da Costa Marques, do Rio, descreve o que faria caso o jornal lhe pertencesse, *Flan* reconhece a boa vontade de “um leitor atento”, contudo adverte que, apesar disso, o leitor demonstra não ter “conhecimento da vida de um jornal, motivo por que incide em várias informações improcedentes”⁴⁶. Ainda assim, não tolhe o leitor “Em todo caso, passamos a sua carta a quem de direito. As sugestões aproveitáveis serão levadas em consideração”⁴⁷.

Há alguns casos em que a equipe de *Flan* responde de forma irônica, inclusive se gabando de seu conhecimento técnico.

FLAN é jornal ou revista? À pergunta, um tanto ociosa, já demos resposta, ao denominá-lo “jornal da semana”. Abelias Rodrigues da Silva, de São Paulo, acha que FLAN “merece” ser revista, o que é um direito seu, intimamente ligado à sua conceituação de “jornal” e de “revista”. E quanto a sua seção “doutrinal, com princípios cívicos e morais”, seria de desejar que nos mandasse esclarecimentos maiores. Ora, os princípios morais, (cívicos e outros) estão aí, dispersos, informando o clima de todo o jornal (ou revista?), e não é preciso, pois, encerrá-los num canto da coluna, para efeitos farisaicos. Que lhe parece? (*Flan*, 11-16 mai. 1953, O Leitor Escreve a Flan, p. 02).

O jornal da semana, que se diz neutro e com compromisso em relação à notícia, nesse momento assume que há nele certos princípios morais, cívicos e outros dispersos. O leitor precisaria por ele mesmo decifrá-los. Alguns posicionamentos políticos podem ser elucidados a partir das cartas publicadas na seção.

O leitor Joaquim de Oliveira Guimarães, SP, congratula Samuel Wainer pelo trabalho na imprensa Brasileira e critica Carlos Lacerda⁴⁸, ferrenho opositor de Wainer e Vargas.⁴⁹

⁴⁶ *Flan*, 12-18 jul. 1953, O Leitor escreve a Flan, p. 02.

⁴⁷ *Flan*, 12-18 jul. 1953, O Leitor escreve a Flan, p. 02.

⁴⁸ Jornalista e político brasileiro, fundou em dezembro de 1949 o jornal *Tribuna da Imprensa*, jornal de oposição à Vargas. Ver: LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalha em letras de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In:

Num simpático estilo “à vontade”, escreve, de Taubaté, Joaquim de Oliveira Guimarães:

“Faça o favor de dar um abraço no Sr. Samuel Wainer, pelo que está fazendo em prol da imprensa brasileira. Acompanhei todo seu depoimento pela Rádio Continental no inquérito que a Câmara dos Deputados está realizando e fiquei envergonhado em ver como em nossa terra há caracteres do tipo do Sr. Carlos Lacerda, que não titubeiam em utilizar os mais vis processos para finalidades torpes e escusas. Que o Sr. Samuel Wainer não desanime, empunhe o chicote da décima e... látego nesses safardanas, sem dó nem piedade. Com ele, estará a opinião pública, que há muito sonha com uma imprensa honesta e decente em nossa terra”.

Muito bem, Joaquim de Oliveira Guimarães. Continuaremos, quaisquer que sejam os sacrifícios.

Quanto à sua sugestão sobre a coluna agrícola, já está em mãos da chefia da redação, que a estudará. Está nos planos de FLAN.

Sua carta sendo escrita com espontaneidade e vivacidade, é das confortosas. Muito Obrigado. (*Flan*, 12- 18 jul. 1953, O Leitor escreve a Flan, p. 02).

Não por acaso, na capa da mesma edição, é anunciada a matéria “Última Hora desmascara e derrota o ‘complot’ da imprensa amarela”. Nela, *Flan* destaca o controle das organizações da mídia por poucas famílias muito ricas. A matéria critica a “união dos contrários”, questiona o envolvimento de Chateaubriand com políticos que foram rivais. Então, distingue a “imprensa amarela” composta pelos interesses privados dos tradicionais donos dos grandes jornais aliados a políticos opositores à Vargas e a “imprensa popular nacionalista”, caracterizada pelo surgimento do Grupo Última Hora e o interesse de propiciar acesso igualitário à informação⁵⁰.

Pelo teor da notícia, evidencia-se o conturbado momento político que sucedeu o lançamento do semanário em 1953. Nesse momento ocorria uma CPI para averiguar a denúncia de que Samuel Wainer recebera financiamento ilícito do Banco do Brasil para o lançamento do Grupo Última Hora, tendo Vargas facilitado seu caminho. A reportagem de *Flan* congratula a vitória do grupo por ter conseguido que todos os jornais fossem averiguados por semelhante CPI, investigando seus vínculos com o Banco do Brasil.

Laurenza (2012) destaca que a grande mídia conferia ênfase negativa apenas à CPI do Grupo Última Hora, embora nomes como Chateaubriand e Roberto Marinho tivessem recebido do Banco do Brasil quantias inclusive superiores do que a concedida a Wainer.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

⁴⁹ *Flan*, 12-18 jul 1953, O Leitor escreve a Flan, p. 2

⁵⁰ *Flan*, 12-18 jul. 1953, O Leitor escreve a Flan, p. 02

Um outro exemplo do viés político exaltado pela seção de leitores é o pedido do leitor Adolfo Gehardt⁵¹, RS, para que o semanário respondesse ao editorial do *New York Times* sobre o petróleo.

Albo Gerhardt, de Pôrto Alegre, remetendo-nos o recorte com um editorial (o recente e já famoso) do “New York Times”, pede-nos que se dê resposta aos trustes, no que tange a exploração do petróleo. A resposta já foi dada em resposta de Joel Silveira (4º número). Aliás, sobre a reportagem (para exaltá-la) escreve-nos o Sr. Elpídio Marinho Mattos, de Presidente Prudente, São Paulo, sugerindo, ao mesmo tempo, que FLAN envie um repórter à Venezuela, para analisar a exploração do petróleo naquele país. (*Flan*, 17-23 mai. 1953, O Leitor escreve a Flan, p. 2).

No início dos anos 1950, disseminava-se no Brasil intenso debate pondo em questão a criação da Petrobras como uma empresa estatal, com primazia à soberania do Estado sobre o petróleo brasileiro ou se a empresa deveria render-se à disposição do livre mercado aos moldes de países considerados mais desenvolvidos como Estados Unidos e Canadá (LIRA NETO, 2014).

Na mesma edição, é anunciada na capa do semanário a matéria “A história que os ‘ufanistas’ não contaram: Brasil – paraíso da pirataria internacional” publicada na seção *Economia*, condenando as formas pelas quais os recursos naturais – ouro, café, algodão, borracha – vinham sendo historicamente explorados por potências estrangeiras desde o período do Brasil colônia, de modo a criar dependência econômica entre o Brasil e países como Portugal e Inglaterra.⁵²

Dessa forma, há um movimento de alimentação permanente entre o conteúdo do noticiário e as cartas publicadas no periódico. Na direção dessa argumentação, a pesquisa de Elida Matos Vaz (1998)⁵³ apresenta os jornais como mediadores do debate público. Assim, “os jornais, ao selecionarem as cartas, fazem-no com o propósito de confirmar ou reforçar o que abordam em seus noticiários.” (VAZ, 1998, p. 5). Por outro lado, os leitores são estimulados a falar sobre os temas evidenciados pelos noticiários. Como analisamos, a mesma estratégia pode ser observada em *Flan*.

⁵¹ *Flan*, 17-23 mai. 1953, O Leitor escreve a Flan, p. 2

⁵² *Flan*, 17-23 mai. 1953, *Economia*, p.10

⁵³ Élide Mattos Vaz é jornalista e Mestre em Educação. Em sua dissertação intitulada *A encenação da educação nas cartas de leitores* defendida em 1998 na PUC Rio de Janeiro, a autora investiga como os jornais põem em cena um debate sobre a educação através de um movimento de alimentação permanente entre o noticiário e o conteúdo das cartas de leitores. Para tanto, investiga os periódicos *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Dia* entre janeiro a junho de 1996.

1.2.3 Indícios da Circulação de Flan: o jornal da semana

Buscando indícios sobre a circulação de *Flan*, nos debruçamos sobre a correspondência remetida pelos leitores e publicada nas seções *O leitor escreve a Flan*, *Abra o seu coração* e *Flanzinho*. Nos quadros a seguir organizamos a origem desses leitores e a quantidade de cartas remetidas por Estado ou localidade brasileira.

Quadro 3 - Proveniência das cartas em *O leitor escreve a FLAN*

Proveniência das cartas em <i>O leitor escreve a Flan</i>	
Proveniência	Quantidade
BA	01
ES	01
MG	07
PB	01
PR	05
RJ	53
RN	01
RS	05
SC	03
SP	42
Não Identificado	11

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Apesar da expressiva maioria das cartas remetidas dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, há também a ocorrência de leitores das regiões Nordeste e Sul. Ademais, pudemos verificar que a proveniência das cartas não se limita à capital dos estados. Do estado do Rio de Janeiro, por exemplo, foi remetida correspondência de municípios afastados da capital como Petrópolis (2 cartas), Friburgo (1 carta), Niterói (5 cartas), São Gonçalo (1 carta) e Duque de Caxias (1 carta). Quanto ao estado de Minas Gerais, verificamos correspondência proveniente de Belo Horizonte (4 cartas), Itabujá (2 cartas) e Passos (1 carta).

A proeminência de leitores dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo se confirma nas cartas de leitores publicadas em *Abra o seu coração* e nos correios de *Flanzinho* como indicado nos quadros que seguem:

Quadro 4 - Proveniência das cartas em *Abra seu coração*

Proveniência das cartas em <i>Abra o seu coração</i> ⁵⁴	
Proveniência	Quantidade
Aracaju	03
Avaré	01
Bauru	01
Campinas	01
Campos do Jordão	02
Copacabana	01
Friburgo	01
Ipanema	01
Limeira	01
Niterói	02
Ouro Preto	01
Petrópolis	01
Pindamonhangaba	01
Porto Alegre	04
Recife	01
Rio de Janeiro	31
São Paulo	16
Vitória	01
Ilegível	Não identificado

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Quadro 5 - Proveniência das cartas em *Flanzinho*

Proveniência das cartas em <i>Flanzinho</i>	
Proveniência	Quantidade
Alagoas	01
Distrito Federal	34
Espírito Santo	01
Estado do Rio	02
Mato Grosso	01
Minas Gerais	03
Paraná	02
Recife	02
Rio Grande do Sul	01
São Paulo	33
Território do Acre	01
N. id	04
Ilegível	11
Total	97

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

O registro elogioso na página infantil às crianças de outros estados por remeterem cartas também sinaliza a vontade de expansão do jornal para os mais diversos estados do Brasil.

⁵⁴ Optamos por manter a localidade indicada pelos leitores tal qual publicada no jornal.

CORREIO DA GAROTADA[...] WALTER SANTOS BATISTA – Recife – A amiga Lúcia agradece as suas felicitações. Esforçar-me-ei para que o FLANZINHO satisfaça cada vez mais a tôda a gurizada, principalmente a um pernambucano como você. Sabia que a amiga Lúcia também é da sua terra? Como vai o Recife “cidade pequena, porém decente”?... (*Flan*, 04-10 out. 1953, Correio da Garotada, p.40).

Em entrevista ao diário *Última Hora*, Joel Silveira expressa a ambição de *Flan* em se tornar um jornal nacional.

(...) - Nosso objetivo, procurando fazer presente nas páginas de “*Flan*” o país inteiro, através de crônicas semanal dos Estados, é o de dar ao Brasil o seu primeiro “jornal nacional”, plano que procuraremos executar com a ajuda de uma distribuição que realmente atinja, semanalmente, os pontos mais distantes do território. (...) (*Última Hora*, 05 jan. 1953, “FLAN”, Jornal da Semana, Será Algo Novo em Imprensa, p.02).

Leitores de cidades do interior sinalizam como seria importante ver em *Flan* suas cidades representadas.

O Sr. Ivaldo Ramalho, do Rio, sugere que FLAN publique reportagens com fotografias sobre as cidades brasileiras e não fica na sugestão. Tanto assim que já remeteu, juntamente com a carta, um trabalho sobre o seu município natal, Cabo Frio. Acompanham-no várias fotografias. Cabo Frio – concordamos – é realmente uma beleza. Passamos à secretaria de FLAN o seu trabalho, Sr. Ramalho. (*Flan*, 31 mai. – 06 jun. 1953, O Leitor Escreve a Flan, p. 2).

O Sr. J. Leite Sobrinho, jornalista de Campina Grande, Paraíba, limita-se praticamente aos cumprimentos, que são calorosos. Não tenha receio que o Nordeste não será esquecido nas páginas de FLAN. Nem podia ser de outra forma. (*Flan*, 10-16 mai. 1953, O Leitor Escreve a Flan, p. 02).

Nos dois exemplos, a equipe de *Flan* demonstra interesse em acolher representatividades plurais brasileiras. Como um passo nesse direcionamento, em algumas edições, foi dedicada uma página para abordar aspectos de localidades do Brasil.

Quadro 6 - Cidades brasileiras tematizadas em *FLAN*

Cidades Brasileiras Tematizadas em <i>Flan</i>	
Edição	Matéria
21	Recife, uma mistura de província com metrópole
22	Ouro Preto
23	Salvador, boa terra
24	“Ver-o pêso”, pitoresco e poesia de Belém
25	Cabo Frio, onde a natureza é rica
26	400 anos de São Paulo
27	Penha, tradição da cidade
28	Copacabana, vício e virtude
29	Caju, uma paisagem diferente

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

As publicações eram ilustradas pelo conceituado desenhista Darel⁵⁵. As narrativas romantizadas abordavam as belezas naturais dos lugares e suas contradições sociais. A coluna foi publicada em nove números do jornal, dentre eles, nos cinco últimos privilegia o eixo Rio-São Paulo.

Além disso, nota-se que a maioria das cartas publicadas na seção *O Leitor Escreve a Flan* era remetida por um público masculino.

Quadro 7 - Sexo dos leitores em *O leitor escreve a FLAN*

Sexo Leitores de <i>O leitor escreve à FLAN</i>	
Sexo	Quantidade
Feminino	14
Masculino	115
Não Identificado	01
Total	130

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Esses dados não significam em absoluto que havia poucas leitoras, uma vez que deve ter havido uma pré-seleção da correspondência publicada. Por outro lado, chama ainda mais atenção perceber que essa estatística se repete na coluna *Abra o seu coração*, a princípio, publicada no caderno feminino e dedicada a responder às inquietações amorosas de seus leitores. Das 90 cartas remetidas por leitoras e leitores publicadas entre abril e novembro de 1953, verificamos o seguinte quadro:

Quadro 8 - Sexo dos leitores em *Abra o seu coração*

Sexo Leitores de <i>Abra o seu coração</i>	
Sexo	Quantidade
Feminino	27
Masculino	49
Não Identificado	14
Total	90

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

A existência de um caderno feminino sugere a preocupação em atrair as mulheres e envolvê-las. Ainda que o periódico não se devotasse especificamente ao público feminino, havia em *Flan* espaço para tematizar questões relativas às mulheres e seus anseios. Destarte,

⁵⁵ Darel Valença Lins, pernambucano, nascido em 1924 na cidade de Palmares. “Darel ilustrou obras de nomes de peso na literatura, tanto brasileira, quanto internacional. Autores de destaque incluem Graciliano Ramos, Dostoiévski, Nelson Rodrigues e Gabriel García Márquez. Assim como a produção literária de tais autores, os desenhos de Darel retratavam a temática social, humana e da estética. O artista também colaborou com ilustrações para os jornais e revistas *Última Hora*, *Senhor* e *Playboy*.”
<<http://casavogue.globo.com/MostrasExpos/Arte/noticia/2013/11/obras-ineditas-de-darel-mostra.html>>

Abra o seu coração busca estabelecer vínculos afetivos de amizade com seus leitores ao mesmo tempo que os educa, conforme as condutas aceitáveis à época, ao problematizar questões cotidianas da vida privada. De tal modo, a coluna *Abra o Seu Coração* e as seções de cartas de leitores de *Flanzinho* compunham a estratégia de formação de um público leitor do jornal.

Em *Flanzinho*, página dedicada ao público infantil do semanário, a participação de leitoras na seção de cartas é mais expressiva do que nos outros cadernos.

Quadro 9 - Sexo dos leitores em *Flanzinho*

Sexo Leitores de <i>Flanzinho</i>	
Sexo	Sexo
Feminino	40
Masculino	47
Ilegível	10
Total	96

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Apesar de ainda minoria, a publicação de cartas de leitoras do sexo feminino se aproxima bastante da de leitores do sexo masculino no caderno infantil.

1.3 Certames e promoções como estratégias de formação de um público leitor e consumidor de jornal

O *jornal da semana* dedica uma página de cada edição para concursos, seguindo a tradição do diário *Última Hora*. Intitulada *3 Grandes concursos para o público de Flan*, a página oferecia um conjunto de possibilidades de premiação em seus certames. Dentre eles, podemos citar: 1) *Prêmios para Tôda a família*; 2) Campanha das 10 mil assinaturas; e 3) seção *Concurso Fotográfico*.

Os felizardos dos concursos tinham, com frequência, suas fotos estampadas junto a seus prêmios. Além disso, em alguns casos, os nomes dos ganhadores dos concursos de *Flan* eram publicados no diário do Grupo *Última Hora*. Em geral, os participantes eram referenciados como “leitores”, “leitores amigos”, “leitores atentos”, “leitores assíduos”, “nossos leitores”, “prezados leitores”...

Há nesse discurso uma retórica de sedução que busca estabelecer proximidade com o público. Nos espaços destinados aos concursos e promoções, a escolha do signo “leitor” e não “participante”, “concorrente”, “ganhador” ou “felizardo” nos faz refletir acerca da intencionalidade dos concursos semanais. Por esse viés, inferimos que *Flan* almejava conquistar por intermédio de tais espaços mais do que consumidores – pessoas que comprassem o semanário nas bancas ou realizassem assinatura anual –, e sim, também, leitores de suas páginas.

A página seguinte ilustra a nona edição dos *3Grandes concursos para o público de Flan*. Destacamos legendas que acompanham as fotografias dos participantes:

Três contemplados pela sorte e também por estarem em dia com os acontecimentos. Da esquerda para a direita: o locutor Fernando José, da rádio Tupi, residente na rua Leopoldo, 15, apartamento 301, Rio; O Sr. Otto P. Rodrigues, morador na Avenida Epitácio Pessoa, 128, Ipanema e a Srta. Rosalina Magalhães Grangeiro, funcionária de “A Equitativa”, domiciliada na Rua Maria Eugênia, 75, Botafogo. **Todos os três, leitores assíduos** de FLAN, são vistos quando recebiam seus prêmios de 500 cruzeiros, por terem suas cartas sido sorteadas. Fernando José na mesma hora aplicou parte do prêmio numa assinatura anual a fim de se habilitar a novos e mais sensacionais brindes. (*Flan*, 07-13 jun. 1953, 3 Grandes concursos FLAN, p.23, grifos nossos).

Imagem 5 - Leitores contemplados no concurso *teste fotográfico* na edição 09



Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

A seguir, colocaremos em cena alguns aspectos dos *3 Grandes Concursos Para o Público Flan*, ressaltando as regras, as formas de premiação, bem como as estratégias empregadas para conquistar leitores participantes.

Buscamos ressaltar o constante reelaborar do formato de *Flan* tendo em vista as respostas dos leitores. Sempre que necessário o jornal revia o nível de dificuldade de seus concursos e também as premiações. Parece-nos que, em grande medida, os jogos de *Flan* têm o intuito de instigar e criar rotinas, ao oferecer situações interessantes e desafiadoras para a resolução de problemas.

1.3.1 Série Flan: Prêmios para Tôda a Família

Prêmios para Tôda a Família conferia prêmios mensais aos participantes que compusessem os selos com o nome do jornal – FLAN – sendo o selo com uma letra disponibilizado a cada edição. O concurso mensal ocorria em parceria com a Rádio Clube Brasil, um dos braços do grupo Última Hora. Os felizardos eram sorteados ao vivo no programa de auditório *Ciranda dos Bairros* no Rio e, em São Paulo, pelo programa *Ronda dos Bairros* transmitido pela Rádio Nacional.

Imagem 06 - Cupom da *série Flan* publicado na edição 04



Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Flan publica fotos do auditório do programa repleto de pessoas no momento do concurso.

Imagem 7 - Leitores presentes no sorteio de Flan na Rádio Clube Brasil



Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

É sempre diante de milhares de pessoas, assim, que são feitos os sorteios dos grandes concursos "Prêmios para toda a família" de ÚLTIMA HORA. No Rio, no

programa ‘Ciranda dos bairros’, da Rádio Clube Brasil; em São Paulo, na ‘Ronda dos bairros’, da Rádio Nacional. Verdadeiras Multidões de leitores têm assistido aos sorteios dos nossos concursos e é frente a êsse mesmo grande e animado público que serão sorteados também os valiosos prêmios de FLAN, sempre no primeiro domingo de cada mês, a começar em 3 de maio, domingo vindouro, portanto. (*Flan*, 26 abr.- 2 mai. 1953, Prêmios para toda família, p.31)

O formato previsível dos concursos cria uma rotina para os leitores. No caso de *Prêmios para toda família*, verifica-se o seguinte ciclo:

1) Todo domingo o leitor deve comprar o jornal para colecionar os selos da série *Flan* e participar da promoção. O nome do certame sugere a mobilização de toda a família para colecionar os selos.

2) Os selos devem ser colecionados ao longo do mês. Isso implica em semanalmente: comprar *Flan*, recortar, guardar, completar, não esquecer.

3) Os selos seguem uma sequência prevista, a série compõe o próprio nome do jornal e não pode faltar nenhuma letra.

4) Completando a série *Flan*, os selos devem ser trocados por um talão numerado.

5) O talão deve ser remetido para a caixa postal: Rua Presidente Vargas, 1988, Rio; ou Caixa Postal 2.774; ou Avenida Anhangabaú, 262, São Paulo.

6) Todo primeiro domingo do mês haverá sorteio transmitido via rádio. Nesse dia, os concorrentes podem comparecer e se juntar a “multidão de leitores”.

7) Acompanhar os resultados: os nomes dos felizardos são divulgados por rádios do Rio de Janeiro e São Paulo, pelo semanário *Flan*, pelo diário *Última Hora*.

8) Fotografias dos felizardos com suas premiações são publicadas em *Flan*. As legendas geralmente narram algo sobre os leitores como seus nomes, suas profissões ou como se sentiram ao receber o prêmio.

9) Os prêmios são anunciados junto ao primeiro selo do mês e reafirmados até o próximo sorteio.

Algumas estratégias empregadas no ciclo do concurso podem gerar vínculos de familiaridade com o leitor. Entendemos que a fotografia dos ganhadores publicada é uma forma de documentar que a palavra de *Flan* está sendo cumprida. Por outro lado, ao tecer uma narrativa sobre os felizardos, sugere que qualquer pessoa, pessoas comuns, pode ser contemplada, criando um sentimento de esperança nos concorrentes, além do envolvimento afetivo com a promoção. O termo multidão utilizado para descrever o auditório repleto de participantes nos sorteios da série caracteriza algo muito almejado, desperta o desejo e a curiosidade do público. Ademais, o próprio ato de colecionar os selos mobiliza a casa dos

leitores: é preciso comprar o jornal, recortar o selo, os selos devem ser guardados juntos e remetidos via correio ou trocados nos postos de troca na sede de *Flan*.

A série é também recomendada para os leitores na página infantil:

ALICE ARZUENKO – São Paulo – Muito obrigada pelo seu abraço, Alice. Pode concorrer ao sorteio das letras que compõem a palavra FLAN. (*Flan*, 04-10 out. 1953, Correio da Garotada, p. 40).

Dentre os objetos de desejo anunciados pela equipe do periódico, constam geladeira, rádiovitrola, colchão de mola, eletrola, curso de motorista, entre outros. Itens atrativos ainda hoje, quiçá nos anos 1950, tendo em vista que ainda não compunham a vida cotidiana de grande parte da sociedade brasileira, uma vez que o Brasil estava ampliando os processos de modernização e de industrialização próprios do período⁵⁶. Para exemplificar em números, o salário mínimo era de Cr\$ 1200,00⁵⁷ em 1953 e um colchão de molas para cama de solteiro custava Cr\$1500,00 e Cr\$2000,00 o de casal conforme propaganda anunciada em *Flan*.

1.3.2 Campanha das 10 mil assinaturas

A campanha foi ainda mais ousada com as premiações. Nela, os assinantes de *Flan* concorriam aos prêmios conforme a sua ordem de assinatura do jornal. Desse modo, os 100 primeiros concorreriam a 20 rádios de ondas curtas e longas, uma expressiva proporção de cinco pessoas para cada rádio; e assim por diante conforme o quadro abaixo.

Quadro 10 - Prêmios Campanha das 10 mil assinaturas

Primeiros Assinantes	Prêmios
100	20 rádios de ondas curtas e longas
500	10 bicicletas
3000	10 novíssimas geladeiras brancas
7.000	01 possante motocicleta do último tipo completamente equipada
10.000	01 carro novo em folha. Mais um aparelho de televisão como prêmio complementar

Fonte: *Flan: o jornal da semana*, 1953

⁵⁶ A segunda guerra (1930-1945) impulsionou o mercado para que se seguisse com a produção de bens de consumo duráveis, assim como a instalação da indústria de base. (LAURENZA, 2012)

⁵⁷ Para acessar as variações do salário mínimo do ano 1940 até 2014 ver:
<<http://www5.jfpr.jus.br/ncont/salariomin.pdf>>.

Conforme as regras da campanha, os assinantes do *jornal da semana* continuavam a concorrer aos outros prêmios, ainda que fossem contemplados. Portanto, quanto antes assinassem *Flan*, mais chances teriam de participar de suas promoções e porventura ganhar ótimos prêmios. O semanário advertia: “Não perca tempo, amigo leitor. Lembre-se que cada minuto que passa pode significar a perda de um prêmio precioso porque de todo o Brasil nos chegam a cada momento pedidos de assinatura.” (*Flan*, 26 abr - 2 mai 1953. *Concurso para assinantes*, p. 11)

O carro e a motocicleta anunciados pelo concurso foram expostos no hall de *Flan* e *Última Hora* localizado no Rio de Janeiro, na Avenida Presidente Vargas. Desse modo, os consumidores poderiam admirar os objetos de desejo ofertados pelo *jornal da semana*. O prêmio exposto no hall dos jornais é um convite para os leitores frequentarem o ambiente e, cada vez mais, serem seduzidos pelo Grupo Última Hora.

A lista dos 100 primeiros assinantes divulgada na edição 06 e de forma complementar na edição 07 confirma a proeminência de *Flan* quanto ao eixo Rio-São Paulo. Nela é verificada a ocorrência de 50 assinaturas do estado do Rio de Janeiro e 48 de São Paulo. Dentre as duas outras localidades apontadas estão a inusitada assinatura de Nijmegen, Holanda, e a outra de São Borja, Rio Grande do Sul, cidade natal de Getúlio Vargas.

1.3.3 Teste Fotográfico

O concurso *Teste Fotográfico* anunciado na edição quatro do hebdomadário figurou por 13 edições entre maio e julho de 1953, conferindo prêmios em dinheiro a 36 leitores nesse período. Após um hiato de três edições, *Flan* retoma o teste na edição 20 sob novo formato, respondendo aos apelos de leitores. Segundo informações divulgadas pelo próprio jornal, o certame chegara a receber mais de 300 cartas por concurso.

INTERÊSSE

Para que se tenha uma idéia do interêsse que está despertando o teste fotográfico, queremos revelar que soluções nos têm sido remetidas de um sem número de cidades, dentre as quais aqui citaremos as seguintes: Passo Fundo, Pôrto Alegre, Uberaba, São Paulo, Pederneiras, Itariri, Lorena, Belo Horizonte, Itaperuna, Curitiba, São Joaquim da Barra, Presidente Altino, Campinas, Caleiras, Piracicaba, Lins, Taubaté, Itapeva, Santo André, São Luis do Maranhão, Aracatuba, São José dos Campos, Barreto, Salvador, Petrópolis, Uberlândia, Ubá, Moji das Cruzes, Pará de Minas, Piracaia, Bom Jesus Itabapoana, etc., além das cidades próximas do Rio e vários dos seus bairros.

Sensacional, portanto, o sucesso do teste e cujo número crescente de cartas é também outro atestado de seu êxito. (*Flan*, 26 out - 01 nov. 1953, *Teste Fotográfico*, p. 22).

Em um primeiro momento, *Flan* oferta a quantia de Cr\$ 1.500,00 a ser dividida entre três leitores que identificassem e produzissem legendas atrativas a, pelo menos, uma das três fotos publicadas no concurso semanal. As melhores legendas receberiam a quantia de Cr\$500,00 a ser resgatada na sede de *Flan*. As legendas seriam eleitas por uma equipe de três repórteres.

Contudo, na quinta edição de *Flan*, o concurso fotográfico teve seu formato revisitado. Atendendo às solicitações dos leitores, ele se torna mais simples; o leitor não mais precisaria criar uma legenda interessante para cada imagem “afinal, nem todos têm vocação para jornalista...”⁵⁸. No novo formato conferido à seção, bastaria que os leitores acertassem as três imagens do concurso, para concorrerem a um prêmio de Cr\$1.500,00, três de Cr\$500,00. A correspondência que tivesse os três fatos jornalísticos identificados iria para uma urna. Então, três felizardos seriam sorteados. Os leitores poderiam remeter quantas cartas quisessem, bastando anexar o recorte da edição de *Flan* com as imagens do concurso.

As imagens selecionadas com vistas a comporem o *Teste Fotográfico*, muitas vezes, eram exclusivas dos jornais do grupo Última Hora; retratavam celebridades, atletas, atualidades e figuras políticas. Sendo assim, os participantes do certame precisariam ser leitores atentos de todos os cadernos do grupo a fim de identificarem os fatos jornalísticos. Podemos observar tal estratégia no diálogo com o leitor no *Teste Fotográfico* da edição 45: “A foto é dos Índios da Tribo Tchuchruamãe, do alto Xingu e foi publicada nas edições de ÚLTIMA HORA do Rio e de São Paulo e também em FLAN. A chance que demos aos leitores, por conseguinte, foi enorme”.⁵⁹

“Os Leitores Exigiram: Eis Novamente o Teste”⁶⁰ anunciava o título do concurso na edição 20. O formato revisitado do certame apresentava uma única fotografia a ser identificada pelos concorrentes e oferecia não mais dinheiro, mas “um prêmio de valor e utilidade: um rádio, um liquidificador, etc.”⁶¹.

⁵⁸ *Flan*, 11-18 mai. 1953, *Teste Fotográfico*, p. 11

⁵⁹ *Flan*, 17-23 jan. 1954, *Teste Fotográfico*, p. 35

⁶⁰ *Flan*, 23-29 ago. 1953, *Teste Fotográfico*, p. 60

⁶¹ *Flan*, 23-29 ago. 1953, *Teste Fotográfico*, p. 60

Fazendo o teste com uma única foto natural seria que apenas um prêmio, também, fôsse distribuído, prêmio êsse representado por mercadoria e que, afinal de contas, representa valor maior do que três de 500 cruzeiros que vínhamos distribuindo na fase primeira do concurso. Sim, porque um rádio, um liquidificador, etc, sempre valem 1.500 ou mais, como não desconhecem os leitores. (*Flan*, 30 ago. - 05 set. 1953, Teste Fotográfico, p. 60).

Queller (2013) chama a atenção para a intencionalidade do semanário de criar competências e hábitos entre seus consumidores, de modo que eles se tornassem leitores intérpretes das mais diversas formas de mensagem por ele veiculadas. O exemplo seguinte ilustra a fala de Queller (2013).

A primeira fotografia que demos, reabrindo o teste fotográfico, foi amplamente divulgada em tôda a imprensa. Mostrava um aspecto da passagem da milagrosa imagem de Nossa Senhora da Glória. Vale dizer que a quase totalidade acertou, mas, ainda muitos foram os leitores distraídos que identificaram a foto apenas como o Palácio do Catete, o que evidentemente, não bastava. (*Flan*, 06- 12 set. 1953, Teste fotográfico, p.61).

O trecho acima indica que não bastava os participantes identificarem a fotografia, limitando-se a decifram a paisagem ou certos agentes envolvidos. O semanário exigia também que os concorrentes do certame estivessem por dentro da notícia anunciada pela imprensa. Desse modo, impelia competências e habilidades de interpretação quanto à leitura de imagens, assim como a leitura assídua e atenta dos jornais, em especial, os jornais do Grupo: *Flan* e *Última Hora*.

1.4 *Flan* para os grandes e *Flanzinho* para os pequenos: a página infantil do semanário

Flanzinho parece ter surgido como resposta aos apelos dos leitores por uma página infantil mais especializada. Passa, então, a compor o hebdomadário três meses após sua estreia, na edição 11, que circulou de 21 a 27 de junho de 1953. Nesta pesquisa, investigamos as edições publicadas no ano de 1953, por compreenderem o momento de estreia do semanário. Desse modo, analisamos 28 edições da página, que compreendem a sequência da edição 11 até a 38 de *Flan*. Nosso interesse consiste em analisar as seções de concursos e correspondência direcionadas ao público infantil.

A página infantil confere à família e à criança lugar distinto no jornal, uma vez que se apresenta como um espaço de afeição propício à transmissão de valores e conhecimentos.

Desse modo, a segmentação do semanário para o público infantil conformava uma estratégia editorial para dialogar com uma ampla e variada rede de leitores.

O periódico pode ser considerado dispositivo pedagógico comprometido com a nacionalização do debate educacional, com a modelagem de uma agenda para a instrução, com a legitimação de uma escolarização formal cada vez mais estratificada. É nestes termos que Gondra e Machado (2016) referem-se aos usos dos impressos periódicos especializados nos diferentes campos “como suporte para a história e, de modo particular, para a história da educação” (GONDRA; MACHADO, 2016, p. 13). Para estes autores, trata-se de um tipo de fonte empregado por diferentes narradores da história da educação que lidam com esse tipo de documentação, de acordo com as convenções legitimadas em vários presentes.

Portanto, ao reinvestir nesse tipo de documentação, procuramos pensá-la menos que repositório de informação, mas como peça de agenciamento do campo, como efeito de determinadas forças que ocupam e agem no tecido social e na constituição de um campo especializado.

A página conta com diversificadas seções que entretêm e instruem o público infantil. Dentre elas, podemos listar anedotas da coluna *Ria Pinduca!*; palavras cruzadas; desafios na coluna *Você é capaz?*; concursos quinzenais com premiação para os “Flanzistas”; seção de carta de leitores; a “gurizada” era convidada a acompanhar aventuras em histórias ilustradas como *O clube dos bichos* e *As aventuras de Zulmira e Tuninho*; e outras. Algumas colunas são fixas; outras apresentam caráter intermitente.

Podemos tomar de forma análoga para *Flanzinho* as premissas sobre os concursos pensadas para o público adulto, isto é, estratégias de aproximação com as crianças leitoras através do diálogo, seja por intermédio da correspondência publicada, das aventuras ilustradas ou desafios, como também pela sedução dos certames premiados.

Assim como os demais espaços do hebdomadário, a página infantil teve seu conteúdo revisitado em alguns momentos, talvez como decorrência do público ao qual fosse direcionada. Da edição 11 até a 19, o jornal dedica uma página à *Flanzinho*. Seu formato pouco se altera nesse período. Conta com as 1) histórias ilustradas *Aventuras de Zulmira e Tuninho* e *Clube dos bichos*; 2) palavras cruzadas ocupando um quarto da página; 3) um conto popular selecionado; 4) a seção de anedotas *Ria, Pinduca!*; 5) concursos premiados quinzenais; e 6) desafios para as crianças. Em algumas edições são publicados dizeres de autores bíblicos ou clássicos como Aristóteles. Desse modo, a página apresenta conteúdos lúdicos, também religiosos e doutrinários ao mesmo tempo que a redação busca criar relações

de afinidade com as crianças leitoras através de estratégias de interlocução como os desafios premiados.

Imagem 8 - Página *Flanzinho*, edição 09

[illegible]

Entre as edições 15 e 19 *Aventuras de Zulmira e Tuninho* têm seu espaço reduzido e a seção *Porta de Livraria* é acrescentada à página com recomendações de literatura. Há em *Flanzinho* a preocupação com a formação literária do público infantil demonstrada também pela afluência de seções que matizam a literatura.

Imagem 9 - Página *Flanzinho*, edição 15

[illegible]

A partir do número 20, as palavras cruzadas deixam de pertencer à página infantil e Flanzinho ganha uma página extra.

Imagem 10 - página Flanzinho edição 32, p. 32

Flanzinho Mania Lúcia Amaral

Ilusão de Ótica



Dê um pequeno movimento circular a esta página e você terá a impressão de que as seis circunferências externas giram em torno dos próprios centros, da esquerda para a direita, ao mesmo tempo que a roda parece girar em sentido contrário.

Correio da Garotada

LEOPOLDO CORREA BINDER — Distrito Federal — A amiga Lúcia agradece o seu abraço e ficou contente em saber que você gosta do "Flanzinho".

ANTONIO FERNANDES — São Paulo — Está se vendendo que você é um menino inteligente por isso é que adivinha depressa os nossos conceitos, Antônio. Continui a colaborar conosco e tudo o que deseja este jornal.

IVANILDES SILVA — Distrito Federal — Muito obrigada pela saúde e felicidade que você deseja à amiga Lúcia.

JOSE SOMOLINOS HERRERO — Distrito Federal — Este jornal fica muito contente em possuir um lá como você, José. Aqui estamos às suas ordens. No próximo número publicaremos o seu desenho.

DROPPES, GURIZADA! . . .

MACACOS RIGOROSOS

Os macacos de raça guariba vivem em grupos de 3 a 10 e são guiados pelo macho mais velho. Sempre quando o grupo assalta uma roca de milho, deixam o zua de guarda. Se acontece, porém, serem surpreendidos nessa pilhagem, os restantes não têm complexos: apilham no vizinho uma violenta surra.

A MAIOR BACIA

A bacia amazônica é a maior do mundo: mede cerca de 6.400 quilômetros quadrados. O rio que entra a maré e a corrente constitui o curioso fenômeno chamado: "pororoca".



Delicadeza de Rei

Afonso, Rei de Aragão, procurou seu joalheiro a fim de comprar alguns diamantes. Estava acompanhado de cortesãos e o joalheiro, solícito, espalhou sobre o balcão os mais bonitos diamantes e outras pedras preciosas. Feita a compra, o rei deixou a casa de jóias. Assim que ele saiu, o joalheiro correu-lhe atrás e pediu-lhe para voltar à loja. Disse, então, ao rei que um diamante de grande valor havia desaparecido. E devia ter sido levado por algum de seus fidalgos.

Afonso olhou com severidade para os seus cortesãos e disse-lhes: — Aquêle que tirou o diamante merece um castigo muito severo mas a divulgação do seu nome poderia enojar a reputação de uma honrada família e eu não quero causar tal desgraça.

Dito isto, pediu ao joalheiro que trouxesse para ali um pedaço de pó de serra. Atendida a sua ordem, o rei mandou que cada qual das cortesãos mergulhasse dentro do vaso, a mão direita fechada e a retirasse aberta. Isto feito e coando-se o pó de serra, apareceu o diamante.

O rei dirigiu-se, então, aos fidalgos: — Senhores, não suspeitarei de nenhum de vós. Esquecerei o fato. Mas o culpado não poderá escapar ao tormento de sua consciência.

O Clube Dos Bichos



Capenga e Escorinha tentaram acalmar Joca, mas não foi possível. "Aquilo só pode ser um truque de uma criatura desmiolada! Mais deixa estar, eu vou dar um jeito". Ele gritou e voltou correndo, para junto da Talipa. Escorinha também correu, e chegou em tempo de ver Joca tentando arrancar a flor.

ADIVINHE, AMIGO!

Um rapaz ao passar pelo cemitério altas horas da noite, lembrou-se do pai que lá era falecido. De repente, aparece um vulto. O rapaz, nervoso, tremulo, diz: — Abençoe-me, meu pai!

O vulto responde: — Deus te abençoe, meu filho. Você é meu filho mas eu não sou seu pai. Quem era, então? Você será capaz de adivinhar?

(Zezinho op. aqui u)

BISCOITOS DE OURO

400 gramas de malvena; 1 pires de açúcar; 1 colher, das do sopa, de manteiga; 1 ovo e leite de um côco.

Amassa-se tudo muito bem e faz-se os biscoitos em forma de bolinhas. Antes de assar, passam-se em gemas de ovos e depois em açúcar cristalizado.

CHARADAS

Carlos Alberto B. do Amaral (9 anos)

- 1 — A contracção em nossa casa traz o amodo. 1-3
- 2 — A atmosfera está dando ordens ao homem. 1-2
- 3 — A mulher ruim leva ali no trem uma caixa de ouro. 1-3

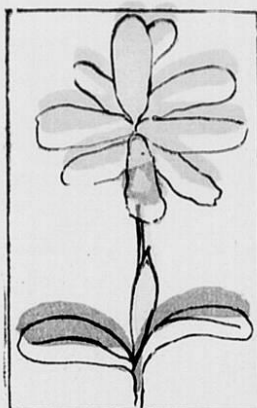
(Solução no Outro Página)



Joca terminou caído no chão. "Ora, veja só! Eu, Joca, estou sendo emburrado por uma flor!" Enquanto isso, Escorinha apanhou uma das flores e chamou: "Alô, alô!". E então ouviu uma voz responder. Ele perguntou: "Quem é você?" Mas a resposta foi uma gargalhada. Escorinha ficou pensando, onde já tinha ouvido aquela voz, que não lhe era estranha.



Tentou obter mais algumas palavras para descobrir quem era que estava brincando com ele, mas não conseguiu. Joca, perdendo a paciência, gritou: "Me dê esta maldita flor, eu vou arrancar a planta toda!" Escorinha respondeu: "Espere, eu tenho a certeza que alguma coisa vai acontecer. Você já está todo atabalhoado. Tenha um pouco de paciência".



Aqui, Desenhistas Mirim!

Carlos Monteiro da Silva (13 anos)

Solução Das Charadas

- 1 — **Namorado;**
- 2 — **Armando;**
- 3 — **Melo.**

OS SAPATOS DA COELHA

UMA onça pôs um dia, em sua toca, o seguinte anúncio: "Precisa-se de uma empregada para uma menina oncinha". Apareceu a coelha e lhe disse: — Estou muito habituada a cuidar de crianças. Se a senhora aceita os meus serviços, cuidarei de sua filha.

Respondeu a onça: — Aceito. Entre aí no buraco e vá tomar conta da "menina". A coelha fez o que a onça disse e pôs-se a cuidar da oncinha.

Todos os dias, a onça vinha trazer comida para a coelha dar à filha. Depois de algum tempo, falou com a onça para lhe mostrar a menina, pois não cabia no buraco e queria ver se a "menina" já estava gorda. Coitada da oncinha! Estava magra de fazer dó. E a coelha... ah! estava gorda que quase não podia andar. Furiosa, a onça gritou:

— Saia daqui, coelha de uma fuga! Não quero que tome mais conta de minha filha. Pois não é que trago a comida todos os dias e a "menina" está magra desse jeito e você gorda de arrebetar! Já pra fora, malandra!...

A coelha ficou com medo de sair, deixando a onça zangada daquela forma. Era rapaz de malá-lia, um dia. Disse, então, para a onça:

— Espere um pouco, Dona Onça! Dê-me eu botar minha bagagem para fora. Tome. Ponha aí a minha cama.

A onça, danada de arrepiar os cabelos, pegou na cama da coelha e atirou-a para longe.

— Tome esta mala, continuou a coelha. Zás! A mala foi bater no chão.

— Tome este saco!

A onça sacudiu o saco longe. Coisas e mais coisas fazia a coelha passar para as mãos da onça e tudo lá bater no meio do mato.

Afinal, a coelha não tendo mais nada para tirar da toca e cheia de medo da onça, pegou as duas orelhas bem juntinhas e botou-as para fora, ao mesmo tempo que dizia:

— Agora, ponha ali estes sapatinhos!



A onça, que já estava pelos cabelos, pegou nas orelhas da coelha, sem ver, e pensando que eram os sapatos, zás!... sacudiu a coelha bem no meio da mata.

Até hoje a onça espera que a coelha saia da toca. Mas, posso garantir, que

nunca mais a coelha se meterá neutra, fazendo coisas que desmoralizam a "raça" dos coelhos. Onde já se viu roubar a comida dos outros e, ainda mais, de um bebê onça?...

Pior a Emenda...

Um homem casou com uma mulher preguiçosa, tão preguiçosa a ponto de não ter nem coragem para costurar seus roupas e os do marido quando se rasgavam. Limitou-se a dizer: "Vai lá, quando os rasgos já eram demais".

Um dia, morreu e o homem suspirou de alívio. Agora sim! Havia de encontrar uma mulher trabalhadeira. Casou e a segunda mulher era ainda pior que a primeira: se as roupas se rasgavam, deixava que as tiras se arrastassem pelo chão, até que arrebetavam de todo. E o marido, cada vez que se detinha a reparar naquele desmanto, suspirava:

Ai que saudade da minha Dó-Nô! Aquela ainda dava nó, mas esta... nem nó sabe dar!...

QUER RIR?

Pequena Confusão

Um rapaz de cidade resolveu se empregar numa fazenda. Certa manhã frio de inverno, estando ainda muito escuro, mandaram-no arrear um burro. O rapaz saiu tateando pelo curral, tonto ainda de sono. Acabou pegando numa vaca em vez de um burro. Impaciente pela demora do empregado, o patrão gritou:

— Por que todo esse atraso, seu "moleirão"?

— Não posso passar o cobresão pela cabeça do burrito, as orelhas estão duras como pedra!

Lógica de Garotos

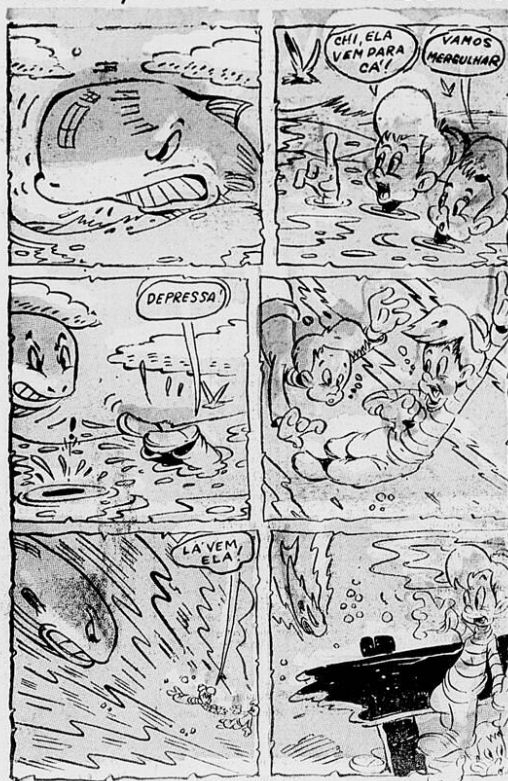
— Como está gente grande posta de cabeça para baixo?

HIGIENE É MATO!

O dono da pensão: — Mas por que o senhor saiu da outra pensão depois de três anos?

— Porque só ontem é que descobri que lá não existe banheiro.

PERCY, O GRANDE PESCADOR



Com o acréscimo de espaço, as imagens recebem destaque e *Flanzinho* uma forma mais harmônica. Surgem, então, novas seções como a de correspondência e também a *Galeria do Flanzista*, na qual uma leitora ou leitor é apresentado por edição. Citamos dois exemplos a seguir:

GALERIA DO FLANZISTA

O nome de hoje na nossa galeria é um garoto de dez anos e reside bem longe da nossa Capital: em Belém do Pará. É um guri bem nortista e chama-se:

EDISON DE ARAÚJO PEREIRA

Muito bem, Edison! Continue a colaborar conosco. (*Flan*, 13-19 set. 1953, Galeria do Flanzista, p. 41).

GALERIA DO FLANZISTA

Vem, hoje, para a nossa galeria, uma menina (**ilegível**), residente no vizinho Estado de Minas Gerais:

MARIA IRACI JESUS DE SÁ

Muito bem, Irací! O “Flanzinho” está todo orgulhoso de acomodá-la entre os colaboradores e aqui deixa um “muito obrigado”! (*Flan*, 20- 26 set. 1953, Galeria do Flanzista, p. 40).

A narrativa expressa afeto entre a equipe do jornal e os leitores Flanzistas. Esses são referidos como colaboradores, ou seja, a eles é aferida uma postura ativa de autoria em relação ao jornal, ainda que pouco de sua fala seja publicado.

A seção de cartas pode ser verificada entre as edições 20 e 38 com vários títulos como indicado no quadro que segue:

Quadro 11 - Títulos da Seção de correspondência de leitores em *Flanzinho*

Títulos Seção de Correspondência <i>Flanzinho</i>	Edições									
Correio da Garotada	20	24	25	26	27	28	29	30	31	33
Correio da Gurizada	21	23	30	37	--	--	--	--	--	--
O que escreve o Flanzista...	28	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Correio dos Leitores	35	36	--	--	--	--	--	--	--	--
O que o leitor escreve...	38	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Sem publicação	22	32	34	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Nas edições 35, 36 e 38 o nome da seção de *Flanzinho* confere o título de Leitores aos remetentes de cartas que, antes, eram referidos como Garotada, Gurizada e Flanzistas. Nas

edições 28 e 38 os remetentes de cartas são referidos como escritores. O diálogo veiculado na seção de cartas incentiva a participação das crianças e suas famílias que são congratulados por suas produções artísticas, pelo esmero com a letra ou, simplesmente, por ler *Flanzinho*. Além disso, em geral, as cartas dos leitores não são publicadas, mas respondidas.

SERGIO F. BIANCO – São Paulo – Agradeça ao seu papai as referências elogiosas que êle fez a êste jornal. Esperamos continuar a agradar a todos os nossos leitores (*Flan*, 18-24 out. 1953, Correio da Garotada, p. 38)

ANA REGINA NOGUEIRA COSTA – Distrito Federal – Não faz mal que você ainda não escreva, para isto é que se tem as titias, não é mesmo? E é tão bom ter uma tia assim como a sua... (*Flan*, 25-31 out. 1953, Correio da Garotada, p. 34)

PEDRO MOREIRA DA SILVA – Distrito Federal – Você acertou as “palavras cruzadas”. Muito bem, Pedro! (*Flan*, 25-31 out. 1953, Correio da Garotada, p. 34)

MARIA EMÍLIA R. DE MOURA- Distrito Federal – Você é uma ótima pintora, Maria Emília. Gostamos muito do desenho que você coloriu. Vamos ver se você tem a sorte de tirar o livro. (*Flan*, 04-10 out. 1953, Correio da Garotada, p. 40)

As edições 29; 31; 32; 33; 36; e 38 expõem desenhos remetidos pelos leitores “mirins”. Desenhos expressam o envolvimento dos leitores com o jornal, reforçam laços de intimidade, produção e autoria das crianças leitoras, como também sua publicação em *Flanzinho* aponta o interesse do jornal nas formas de expressão da criança.

Imagem 12 - Coluna *Pintores Mirins*, edição 29



Fonte: Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Os desenhos eram veiculados um por edição, ao lado da seção de cartas de leitores; e, nas edições 33 e 38, foram incorporados a ela.

Quadro 12 - Publicação de desenhos em *Flanzinho*

Publicação de desenhos em <i>Flanzinho</i>			
Edição	Seção	Desenhista	Idade
29	Pintores Mirins	Maria Emília R. de Moura	9
31	Alô, desenhista mirim!	Maria Emília Rodrigues de Moura	10
32	Aqui, desenhista mirim!	Carlos Monteiro da Silva	13
33	Correio dos Leitores	Maria Emília Rodrigues de Moura	8
36	Desenhistas mirins	Vera Regina dos Santos	6
38	O que o leitor escreve...	Vera Regina dos Santos	8

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

A publicação do desenho próximo à seção de cartas é uma forma de legitimar a autoria e a participação dos leitores mirins. Apenas três leitores têm seus desenhos expostos em 1953, no entanto, não sabemos se outros também remeteram. A idade publicada das crianças pode ser contestada, uma vez que aos mesmos leitores são conferidas idades diferentes. Contudo, sugere que *Flanzinho* era lido por crianças entre 6 a 13 anos. *Flanzinho* se retrata com a leitora Maria Emília R. Moura sobre seu deslize editorial com a publicação da idade da jovem.

MARIA EMÍLIA R. MOURA – Distrito Federal – Desculpe-nos a sua idade ter saído dez anos, foi um cochilo do “Flanzinho”. Muito Obrigada pelo beijo. Você pintou muito bem o nosso desenho. Procure o que você fez nessa página. (*Flan*, 06-13 dez. 1953, Correio de Leitores, p. 36).

Os leitores eram comunicados sobre a publicação de seus desenhos com antecedência criando certa expectativa, como um convite para que continuassem acompanhando as publicações de *Flanzinho*.

VERA REGINA DOS SANTOS – Distrito Federal – Muito bonitos seus desenhos, Vera. Sairão no próximo capítulo. (*Flan*, 06-13 dez. 1953, Correio de Leitores, p. 36).

1.4.1 Concursos premiados para os Flanzistas

ELOIRDES GONÇALVES DA SILVA – Paraná – Gostamos de saber que você aprecia o seu jornal. Se você for premiada, verá o seu nome nas páginas de “Flanzinho” e lhe enviaremos o prêmio já que você mora longe. (*Flan*, 18-24 out. 1953, Correio da Garotada, p. 38)

Assim como *Flan*, *Flanzinho* propunha desafios para seus leitores, algumas vezes, premiados. Os certames premiados tinham a periodicidade quinzenal. O conteúdo dos certames sugere a ênfase na instrução e na educação moral, visto que os concursos envolviam provérbios, habilidades matemáticas, noções geográficas, conhecimento da língua portuguesa, dentre outras áreas do conhecimento. Os prêmios eram livros, cujos títulos não foram mencionados. Desse modo, o formato do concurso de *Flanzinho* e a forma de premiação apontam a concepção de um público infantil não apenas alfabetizado, como também escolarizado.

O formato de algumas seções, como a de concursos, sugere aproximação da criança com a família. Ao propor desafios premiados surge na criança a necessidade de responder corretamente as proposições e remeter correspondência para a redação de *Flan*, o que, em geral, não poderia ser feito sem o auxílio de um adulto, seja para auxiliar a resolução correta dos certames, autorizar a emissão da carta, comprar o selo ou o envelope. Os sorteios dos certames de *Flanzinho* ocorriam na sede de *Flan* na Avenida Presidente Vargas, Rio de Janeiro, e o jornal convidava as crianças e seus responsáveis a participarem do evento. Havia então a estratégia de trazer a leitura de *Flanzinho* ao universo familiar e levar a família para a redação de *Flan*.

A seguir, trazemos alguns exemplos dos certames premiados.

No concurso veiculado na edição 24 de *Flan* é preciso desvendar o nome da capital brasileira que está embaralhado no corpo do gato. O leitor participante chegaria à resposta: Curitiba. O desafio é anunciado tal qual um convite amistoso:

Êste gato leva com êle o nome de uma capital brasileira. Vamos ver se vocês adivinham qual é. A solução enviem, juntamente com o cupão abaixo, para esta redação (Avenida Presidente Vargas, 1988 – Rio de Janeiro) até o dia 3 de outubro. Aos três guris premiados serão oferecidos bonitos livros da “Edições Melhoramentos”.
Vamos todos de lápis em punho para êste novo concurso! (*Flan*, 20-26 set. 1953, Concurso do Gato, p. 39)

Imagem 13 - Concurso do Gato, *Flanzinho*, edição 24

Flanzinho *Mania Lucida Amant*

Atenção, Gurtizada! QUEBRE A CABEÇA!

Concurso do Gato

Este gato leva com ele o nome de uma capital brasileira. Vamos ver se vocês adivinham qual é. A solução enviem, juntamente com o cupão abaixo, para esta redação (Av. Presidente Vargas, 1588 — Rio de Janeiro) até o dia 3 de outubro. Aos três gar- ços premiados serão oferecidos bonitos livros da "Edições Melhoramentos".

Vamos, todos de lápis em punho para este novo concurso!

NOME
IDADE
ENDEREÇO

O QUEIJO

O queijo é um alimento altamente nutritivo, magnífica fonte de proteínas de alto valor biológico e excelente fornecedor de cálcio. Podemos mesmo dizer que é o alimento em que esse mineral atinge mais alta concentração. SAPS.

Fonte: Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

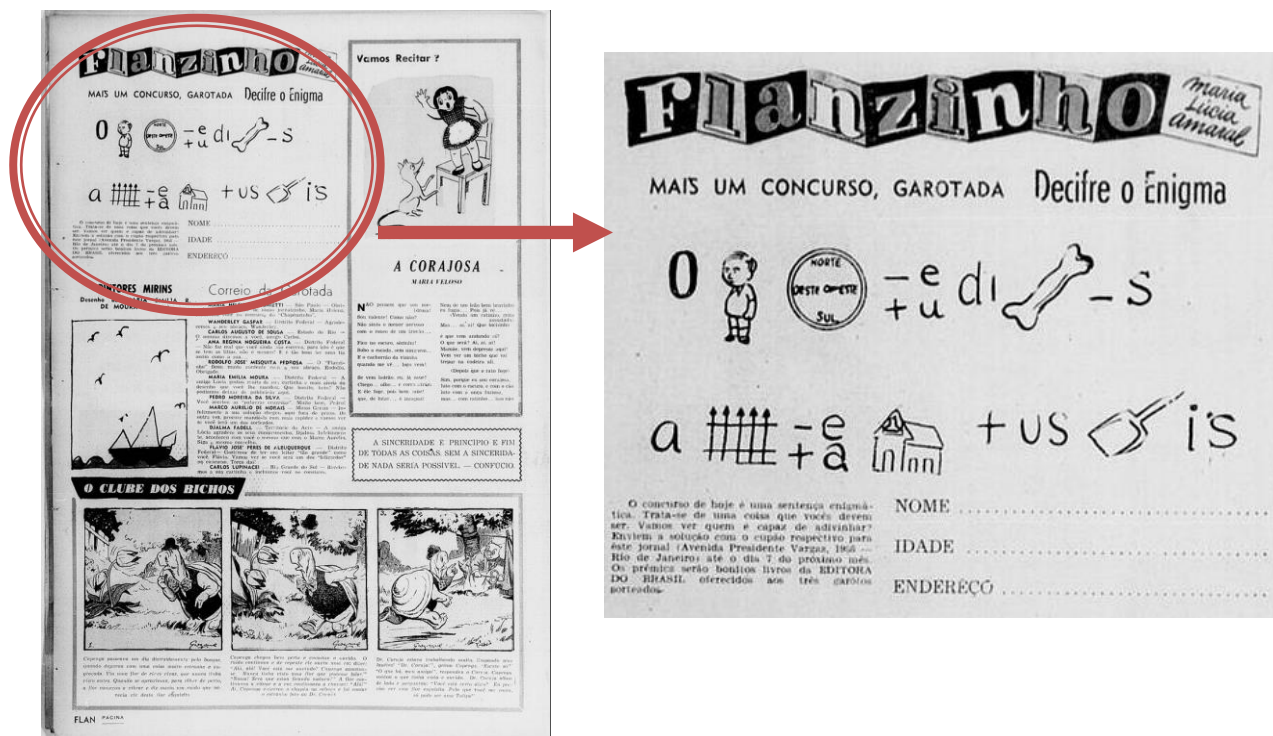
Abaixo do cupom é publicado um pequeno texto informativo sobre o valor nutritivo do queijo de modo a instruir seus leitores sobre uma alimentação saudável.

O Queijo

O queijo é um alimento altamente nutritivo, magnífica fonte de proteínas de alto valor biológico e excelente fornecedor de cálcio. Podemos mesmo dizer que é o alimento que esse mineral atinge mais alta concentração SAPS. (*Flan*, 20-26 set. 1953, Concurso do Gato, p. 39)

Na edição 29 é preciso descobrir qual é o provérbio que está codificado. Assim, o leitor chegaria ao enunciado prescritivo “O menino estudioso agrada seus pais”.

O concurso de hoje é uma sentença enigmática. Trata-se de uma coisa que vocês devem ser. Vamos ver quem é capaz de adivinhar? Envie a solução com o cupão respectivo para este jornal (Avenida Presidente Vargas, 1588 — Rio de Janeiro) até o dia 7 do próximo mês. Os prêmios serão bonitos livros da EDITORA DO BRASIL oferecidos para três garotos sorteados. (*Flan*, 25-31 out. 1953, Decifre o Enigma, p. 34)

Imagem 14 - Decifre o Enigma, *Flanzinho*, edição 29

Fonte: *Flan: o jornal da semana*, 1953

Na edição 31 a “gurizada” deve escrever uma frase ou sentença para celebrar a proclamação da República. Os leitores são convidados:

Mais um concurso, Gurizada!

Concurso da República

Comemorando a Proclamação da República que será no próximo dia 15, vamos fazer, hoje, um concurso sobre esta grande data do Brasil. Cada um de vocês faça uma pequena frase ou sentença sobre a República e envie para este jornal (Avenida Presidente Vargas, 1958) até o dia 21 do corrente. Seleccionaremos as frases mais bonitas e entre os garotos portadores destas frases, sortearmos três jogos da “Edições Melhoramentos”. A sentença deve ser simples e expressiva e sobre qualquer assunto que diga respeito à proclamação da República no Brasil.

Vamos ver quem vai ser um futuro historiador ou escritor. Todos de lápis em punho! (*Flan*, 08-14 nov. 1953, Concurso da República, p. 23).

Imagem 15- Concurso da República, *Flanzinho*, edição 31



Fonte: Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional

Portanto, as estratégias de diálogo com o leitor através de colunas de cartas e certames premiados criavam certa expectativa como um convite para que continuassem acompanhando as publicações no jornal. No caso de *Flanzinho* nota-se que os desafios para crianças abrangem conteúdos lúdicos, também religiosos e doutrinários.

1.5 Algumas considerações

A discussão do que se publica na imprensa periódica sempre suscitou questionamento, o que não deixaria de ser para o caso vertente do *Flan: o jornal da semana*. Há objetividade ou neutralidade? Que material iconográfico está presente, atentando para as opções e funções cumpridas por ele na publicação? A que público se destina?

A partir da leitura realizada em *Flan*, podemos admitir que este jornal como impresso periódico seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se definiu chegar ao público leitor visado através de estratégias pré-definidas para conquistar o público leitor do jornal por meio de espaços de diálogo, como, por exemplo, seções de cartas de leitores e concursos premiados.

Tal postura verifica-se quando analisamos os discursos do jornal e percebemos que este adquire significados de muitas formas, sobretudo pelos procedimentos tipográficos que o configura. Além disso, há ênfase em certos temas, linguagem e natureza do conteúdo que não são, de forma alguma, dissociáveis do público leitor que o jornal pretende atingir.

Portanto, o semanário *Flan* não é uma publicação isolada. É, antes de tudo, um empreendimento editorial que pretendeu reunir um conjunto de indivíduos, tornando-se projeto coletivo por agregar um público leitor em torno de ideias, crenças e valores que se pretendiam difundir através da palavra escrita.

2 A INVENÇÃO AUTOBIOGRÁFICA E OS DESDOBRAMENTOS DO EU NA ESCRITA DE VINICIUS DE MORAES COM A CRIAÇÃO DO HETERÔNIMO HELENICE

Neste capítulo, interessa-nos analisar como ocorre a construção do heterônimo Helenice como sujeito de moral através de suas práticas (FOUCAULT, 2012). Assim, nosso interesse recai sobre as práticas que expressam os projetos e desejos instituídos a partir do discurso da conselheira; práticas discursivas que delimitam o “ser mulher” e o “ser homem” nos anos 1950.

Perceber Helenice como um heterônimo de Vinicius de Moraes, portanto, como uma personagem encenada por seu autor, foi um dos desafios da escrita do presente capítulo. Por esse viés, encenar significa por em cena, em evidência, do mesmo modo significa representar, interpretar determinado papel (VAZ, 1988).

Os heterônimos são personagens que pensam diferente de seus autores, e têm, inclusive, estilos diferentes de escrita, ainda que porventura haja algumas semelhanças (ALBERTI, 2004)⁶². Assim sendo, as prescrições de Helenice nas cartas publicadas em *Abra o seu coração* não consistem em produções assinadas por um nome falso. Não é Vinicius o autor das prescrições, e, sim, a personagem criada por ele.

Pensar continuidades e rupturas nas trajetórias percorridas na vida de Vinicius e na do heterônimo Helenice remete à questão da “ilusão biográfica” assinalada por Bourdieu (2006). Conforme o autor, as biografias e narrativas sobre a história de vida de uma pessoa pressupõem a “unidade do eu” que é percebida por Bourdieu (2006) como uma abstração do mundo social, ao entender a identidade como a constância de um ser em si mesmo.

As biografias, por exemplo, reconstroem a vida em etapas. Para tanto, apresentam uma ordem progressiva de fatos através de uma narrativa coerente e orientada no intuito de dar sentido à existência de uma pessoa. Tal forma de narrar histórias de vida produz a ilusão retórica de um ser traçado por um percurso de vida fluido e linear, uma vez que nega os fatos descontínuos, ocorridos de forma aleatória ou imprevistos vivenciados pelo biografado.

⁶² Alberti (2004) esclarece que pseudônimos são adotados quando autores decidem ocultar seu nome evitando o reconhecimento da autoria da publicação. Heterônimos, por sua vez, são personagens que têm uma história de vida própria, muitas vezes, pensam diferente de seu autor, ainda que, porventura, haja aproximações entre personagem e autor.

Bourdieu (2006) atribui a “ilusão da unidade do eu” a três fatores: 1) o nome próprio; 2) o ser biológico; e 3) a assinatura. Eles alimentam a ilusão de um eu não fracionado e não múltiplo, uma vez que representam a constância da identidade de um sujeito consigo mesmo. Assim sendo, essa ilusão permeia nossas vidas cotidianas em nossas memórias e projetos futuros, sendo um exercício árduo desvinculá-la de uma identidade.

De modo tal, é importante ressaltarmos que não é o intuito desta pesquisa a concepção de uma escrita biográfica de Vinicius de Moraes, mas, sim, a acepção de uma escrita interpelada por nossas questões. Como veremos adiante, a este estudo é relevante traçar um perfil da conselheira sentimental que prescreve para suas leitoras e leitores normas de conduta aceitáveis sobre os usos dos prazeres⁶³. Isto é, através de um olhar sobre Helenice, poderemos perceber uma das facetas de Vinicius de Moraes, um intelectual que em sua trajetória transita com prestígio e notoriedade por diversos espaços na sociedade, sendo diplomata, poeta, letrista, cantor, pai, marido e filho. Contudo, nesta pesquisa, nosso interesse recai sobre um momento específico de sua trajetória na imprensa, o período de abril a novembro de 1953, quando está à frente do correio sentimental *Abra o seu coração*, publicado no hebdomadário *Flan*. Sem desconsiderar as múltiplas identidades de Vinicius, aqui falamos sobre Helenice, não de um homem travestido de mulher, mas sobretudo, de um heterônimo, um personagem criado por seu autor.

Dessarte, este capítulo é organizado em duas seções e sua proposta consiste em elucidar o perfil da conselheira Helenice. Assim, a primeira seção traz apontamentos sobre a inserção de Vinicius de Moraes na imprensa, de modo a ampliar a percepção sobre sua trajetória como colunista em *Flan*, em especial, na imprensa feminina. Além disso, discutimos formas de produção e consumo da literatura íntima no século XX.

Na segunda seção, interessa-nos saber o que confere e legitima o argumento de autoridade da personagem Helenice e a faz uma jornalista apta a aconselhar as leitoras e leitores da coluna *Abra o seu coração*. Para tanto, são pertinentes à nossa análise as características de sua profissão como colunista de jornal, os livros e autores que lia, qual seu nível de instrução formal, quais foram suas referências musicais e os demais elementos que constituem a subjetividade da conselheira. De igual modo, interrogamos como era a relação familiar de Helenice com o marido e com os filhos; como ela manifestava sua religiosidade

⁶³ O termo “Uso dos prazeres” em Foucault (2012) pode ser entendido de duas formas: 1) se refere à atividade sexual, momento do ano ou idade da vida propícia à atividade sexual; 2) Forma pela qual um indivíduo dirige sua vida sexual. Desse modo, o termo se refere aos limites que o indivíduo se impõe, também às circunstâncias sob as quais realiza os atos sexuais e a importância que ele lhes atribui na sua vida.

nas prescrições às leitoras e aos leitores; por quais espaços a conselheira circulou dentro e fora do Brasil.

Não obstante, problematizamos neste capítulo o modelo da seção de correio sentimental como uma forma de vigiar os corpos e mentes, conforme os valores considerados próprios à época.

2.1 Vinicius de Moraes e a Imprensa Feminina

Conhecer um pouco das inserções de Vinicius de Moraes na imprensa pode ampliar a percepção quanto à atuação desse intelectual⁶⁴ no correio sentimental de *Flan* em 1953. Nos anos 1950, Vinicius trabalhava como diplomata de carreira no Itamaraty e já tinha certa projeção como poeta, tendo sete livros de poesia publicados⁶⁵. Contudo, não deixa de colaborar com jornais e revistas.

É possível encontrar no acervo do escritor⁶⁶ manuscritos de crônicas para o diário *Última Hora* datados de 1951. As crônicas falam sobre o mundo do cinema. De modo geral, Vinicius tecia críticas sobre filmes em estreia, também sobre o desempenho de artistas e diretores, bem como comentava sobre sua participação na Comissão Especial para Cinema, Rádio e Televisão⁶⁷.

Além disso, o livro *Para uma menina com uma flor* publicado pela Editora do Autor em 1966 reúne 28 crônicas de Vinicius publicadas entre 1941 e 1953 nos periódicos *Sombra*, *O Jornal*, *O Diário Carioca*, *Última Hora*, *Flan*, *Manchete* e *A Vanguarda*, assim como crônicas publicadas nos periódicos *Fatos e Fotos* e *Última Hora* entre 1964 e 1966. Apesar do

⁶⁴ Intelectual Ângela Castro Gomes (2004) ressalta que pode ser considerado um intelectual o indivíduo que está inserido numa determinada rede de sociabilidade que o situe no espaço cultural e o permita interpretar o mundo social e político do seu tempo.

⁶⁵ Livros de Vinicius de Moraes publicados até 1953: *O caminho para a distância* (1933), *Forma e exegese* (1935), *Ariana, a mulher* (1936), *Novos poemas* (1938), *Poemas, sonetos e baladas* (1946), *Pátria minha* (1949).

⁶⁶ Fundação Casa de Rui Barbosa – Arquivo do Museu de Literatura. Pasta: Moraes, Vinicius de.

⁶⁷ No manuscrito datado de 11 de julho de 1951 intitulado *A coisa marcha*, Vinicius de Moraes esclarece que a Comissão Especial para Cinema, Rádio e Televisão se encarregava de estudar e opinar sobre o planejamento do Conselho Nacional de Cinema. Dentre os temas levantados pela comissão, Vinicius cita direitos autorais e distribuição de patentes.

romantizado título, as crônicas tratam de temas variados, alguns menos líricos como a Segunda Guerra Mundial e os primeiros anos da ditadura militar no Brasil.

No ano de 1943, Vinicius de Moraes ingressa no Itamaraty como diplomata de carreira. Ainda assim, permanece como colaborador de jornais e revistas. O biógrafo José Castello (2013) descreve um pouco da trajetória de Vinicius na imprensa. Entre 1941 a 1944 Vinicius colaborava com o jornal *A manhã*, periódico favorável ao Estado Novo produzido pelo poeta Cassiano Ricardo. Em 1944, Vinicius passa a dirigir o *Suplemento Literário* de *O Jornal*. Em 1945, torna-se colaborador do *Diário Carioca*, posteriormente da revista *Diretrizes*, publicação dirigida por Samuel Wainer. Em 1947, lança a revista *Filme* junto a Alex Viany. Em 1951, colabora como cronista do diário *Última Hora* de Wainer, posteriormente como crítico de cinema.

Nesse contexto, em 1953, Vinicius de Moraes consulta o amigo Samuel Wainer, então diretor do Grupo Última Hora, sobre novas oportunidades de trabalho, com vistas a ampliar sua renda em face do nascimento de Georgiana, sua terceira filha. Nessa ocasião, Vinicius é convidado a colaborar com duas colunas em *Flan*, mais novo empreendimento de Wainer, dirigido por Joel Silveira: 1) o correio sentimental *Abra o seu coração*, e 2) a coluna *Diz-que discos* que trazia as novidades do mercado fonográfico (CASTELLO, 2013).

A atuação de Vinicius no correio sentimental é referida de forma breve em algumas publicações sobre o autor. No site institucional sobre a carreira de Vinicius, a participação em *Flan* consta em sua biografia da seguinte forma:

1953

No ano em que nasce sua terceira filha, Georgiana, Vinicius passa a assinar o correio sentimental do semanário *Flan*, de Samuel Wainer. Dirigido por Joel Silveira, editado à cores e revolucionário na proposta, o semanário durou apenas nove meses em meio à intensa campanha com Carlos Lacerda contra o dono do jornal. O poeta assinava colunas de sua seção intitulada “Abra o seu coração” (Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/vida>).

É pertinente assinalar que *Flan: o jornal da semana* circulou entre abril de 1953 a agosto de 1954. Já a colaboração de Vinicius de Moraes na coluna *Abra o Seu Coração* teve a duração de 30 edições registradas entre abril e novembro de 1953, aproximadamente nove meses. Em novembro de 1953, Vinicius se muda para a França para servir a embaixada brasileira. À vista disso, a edição 31 publica a nota que segue:

O poeta Vinicius de Moraes, que também é diplomata de carreira (Cônsul do Ministério do Exterior), acaba de ser designado para servir na Embaixada Brasileira na França, com as funções de secretário. O poeta ficou exultante e exultante ficou mais ainda a já numerosa

colônia brasileira na capital francesa. Quanto a nós, de *Flan*, registramos o fato com satisfação, sobretudo porque Vinicius é um velho colaborador e, nesta condição, continuará enviando notas e reportagens de Paris para nossos leitores. (*Flan*, 08-14 nov. 1953, Em Primeira Mão, p. 02)

Imagem 16 - Nota sobre a viagem do poeta e cônsul Vinicius de Moraes



Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Não foram localizados artigos assinados por Vinicius posteriores a edição 30 de *Flan*. A partir de então, há um hiato na publicação de *Abra o seu coração* até março de 1954 quando, então, passa a ser assinada por Suzana Flag, heterônimo de Nelson Rodrigues.

O correio sentimental é também mencionado na biografia *Vinicius de Moraes: o poeta da paixão* de Castello (2013). Nela, à coluna são dedicadas algumas páginas descritivas sobre as cartas publicadas. Ademais, o capítulo ressalta a relação do colunista Vinicius com Samuel Wainer e Joel Silveira. Em outras biografias mais populares como *Vinicius de Moraes uma Geografia Poética* de Castello (2005) e *Folha Explica: Vinicius de Moraes* de Eucanaã Ferraz (2008) tal faceta do intelectual não é registrada.

Depoimentos de pessoas próximas a Vinicius mencionam o período em que foi colaborador de *Flan* e ampliam a percepção de como se dava a relação do colunista com o

correio sentimental. No relato que segue, Affonso Arinos⁶⁸ descreve a forma pela qual lhe foi revelado o trabalho de colunista sentimental de Vinicius de Moraes em *Flan*.

Findo o expediente, nos dirigíamos à sede do jornal Última Hora, distante apenas uns quarteirões, onde Vinicius devia entregar sua crônica diária, com que suplementava os modestos vencimentos funcionais. Eu desconhecia, a princípio, que a colaboração do poeta com a imprensa ia além daquela coluna. Uma tarde, estávamos em nossa sala no Itamaraty, quando entrou o contínuo trazendo a correspondência para o cronista, que aproveitava as folgas do serviço para respondê-la. Só que, naquele dia, a grande quantidade de cartas me surpreendeu. Intrigado, indaguei-lhe se eram todas de leitores da sua crônica. Meio sem jeito, ele perguntou se eu lia mesmo a Última Hora, ao que confirmei lê-la diariamente. Seu embaraço aumentava: “– Flan, semanário da Última Hora, tem um consultório sentimental.” “– Eu sei, assinado por Helenice.”

(...)

Veio, em seguida, a confissão encabulada de Vinicius: “– Helenice sou eu. Esse monte de cartas se deve ao fato dela ter anunciado uma receita infalível contra a queda de cabelos.” Conhecendo o poeta, não duvido de que seus conselhos possam ter desfeito vários lares de leitoras incautas. E ainda ganhei uma receita de próprio punho, dedicada por Helenice, que começava mais ou menos assim: “Comprar uma escova de pelo-de-aramé. Esfregar com força o couro cabeludo. Vai cair cabelo á beça. Não dar bola.” (FRANCO, 2010, p. 9).

Preferimos manter a maior parte da transcrição do relato de Affonso Arinos de modo a assumirmos “a subjetividade do autor como dimensão integrante da sua ‘verdade’” (GOMES, 2004, p. 14). A análise recai, portanto, na ótica assumida pelo registro e como Arinos se expressa.

Os diplomatas Affonso Arinos e Vinicius de Moraes trabalharam juntos no Itamaraty e mantinham laços estreitos de amizade para além do ambiente de trabalho. Eram “quase inseparáveis, durante o dia no Ministério, à noite em romaria pelos bares de Copacabana.” (FRANCO, 2010, p.40). “Os dois eram tão próximos que Affonso Arinos acompanhou o poeta num bar no Posto 6, em Copacabana, para comemorar, em 1953, o nascimento da filha Georgiana de Moraes.”⁶⁹ Desse modo, a fala de Arinos ajuda a perceber que poucas pessoas tiveram conhecimento da atividade de Vinicius como autor da coluna *Abra o seu coração*, mesmo amigos próximos desconheciam tal atividade.

⁶⁸ Affonso Arinos de Melo Franco (filho): Diplomata e ocupante da 17ª cadeira da Academia Brasileira de Letras. Nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, a 11 de novembro de 1930, Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais e Doutorado em Direito Público pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Foi colaborador dos periódicos: revista *Manchete*, em 1955-56; correspondente do *Jornal do Brasil* em Roma, em 1957-58; *Tribuna da Imprensa*, 1960-61; *Fatos e Fotos / Gente*, 1976; *Jornal do Commercio*, 2002-03. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/AAMFranco.html>>; <<http://www.academia.org.br/academicos/affonso-arinos-de-mello-franco>>.

⁶⁹ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/afonso-arinos-de-melo-franco-relembra-passado-em-livro-10082712>

O depoimento de Arinos encena a imagem de Vinicius como um homem encabulado, que não consegue esconder as cartas de leitores que recebe. Sendo assim, a criação do heterônimo foi uma forma do autor se resguardar de preconceitos por exercer tal função. “Vinicius teme a repercussão daquela aventura nos salões machistas do Itamaraty. O poeta reconhece muito bem os terrenos sombrios que precisou ultrapassar até se permitir a liberdade de incorporar Helenice” (CASTELLO, 2013, p.165).

A princípio, Vinicius hesitou em participar da coluna sentimental. Mas reconsiderou ante a possibilidade de assinar com um heterônimo e, é claro, receber algum dinheiro como pretendia (CASTELLO, 2013). A amiga Miúcha⁷⁰ faz um breve comentário sobre os conselhos dados pelo colunista:

Vinicius fazia uma coluna sentimental num jornal. Um consultório sentimental. Ele assinava com um pseudônimo. Era muito engraçado, dava as respostas mais malucas que você possa imaginar. Ele se divertia com tudo o que fazia – então, nos trabalhos que arrumava, aproveitava para se divertir também. (MIÚCHA, 2004, p. 86).

As falas de Miúcha e Arinos apontam certa leveza e humor no trabalho de Vinicius em *Flan* tendo em vista a possibilidade de responder aos leitores usando um heterônimo. Arinos (FRANCO, 2010), conta que o nome Helenice fora inspirado por uma talentosa pilota de automóveis francesa chamada Hellé Nice que, em março de 1933, mobilizou a cidade do Rio de Janeiro ao disputar o IV Grande Circuito da Gávea pilotando um modelo Alfa Monza azul. O circuito da Gávea tem grande peso nas provas internacionais, por seu nível de dificuldade é conhecido como “Trampolim do Diabo”.

A pilota chamada Mariette Hélène Delangle nasceu em 1900 na França. O nome artístico Hellé Nice possui duplo sentido. Segundo um deles, Hellé é derivado de Hélène e Nice da cidade em que vivia; o outro é um trocadilho intencional com a língua inglesa que indica o quão boa ela era, nesse caso, uma excelente pilota “a hell nice pilot”. Ao todo, a Hellé Nice correu 78 grandes prêmios de Fórmula 1, além de participar de rallies como a maioria dos pilotos. Ademais, conquistou oito recordes mundiais de velocidade. O declínio de sua carreira ocorre em 1949, na véspera do Rali de Monte Carlos, quando o piloto Louis Chiron a denunciou publicamente de ter sido espiã da Gestapo, polícia secreta alemã, durante

⁷⁰ Heloisa Maria Buarque de Holanda (Miúcha): Cantora e compositora, nasceu no Rio de Janeiro em 30 de novembro de 1937. Filha do historiador Sérgio Buarque de Holanda e de Maria Amélia Buarque de Holanda, ela é irmã do compositor Chico Buarque e das também cantoras Ana e Cristina. Foi criada em São Paulo em um ambiente de música, já que sua casa era freqüentada por Vinicius de Moraes e outros compositores. Ainda menina, formou um conjunto vocal com os seis irmãos. Disponível em: <http://bossanova.folha.com.br/autores-10-biografia.html>.

a Segunda Guerra Mundial. Apesar de Chiron não apresentar provas e Hellé Nice negar veementemente a acusação, a pilota perde patrocinadores e é impedida de competir (SEYMOUR, 2015).

A pilota era uma figura controversa à época, sua trajetória contrapunha o que era esperado de uma mulher no início do século XX. Hellé Nice nunca se casou ou teve filhos, teve breves relacionamentos amorosos com homens de destaque como um barão do vinho, estrelas do cinema e pilotos de Fórmula 1. Chamava atenção por sua beleza e não hesitava em posar para a imprensa. Na cidade do Rio de Janeiro, fez “sensação ao posar na praia de Copacabana com um cigarro na boca e maiô de duas peças. O próprio ditador Getúlio Vargas, admirador do gênero vedete, deixou-se fotografar a cumprimentá-la embevecido” (FRANCO, 2013, p. 41).

Antes de se dedicar profissionalmente à carreira automobilística, Hellé Nice participou das noites francesas como dançarina, além disso, foi modelo e pousou nua. Sua popularidade permitiu que ela enriquecesse rapidamente. Não obstante tais polêmicas, a pilota se destacava por disputar os grandes prêmios da Fórmula 1 em circuitos internacionais, competindo entre os melhores pilotos – todos homens.

Assim, é expressiva a escolha de Vinicius de Moraes, ao eleger tal personagem desafiadora, independente, polêmica e mulher como musa inspiradora do correio sentimental. Em realidade, a escritura de cartas aos leitores de um jornal não seria algo tão polêmico quanto as pistas de um rali, mas, se a pilota Hellé Nice desbravou o espaço público notoriamente masculino nas pistas de ralis e da fórmula 1, a conselheira Helenice também parece ter conquistado seu espaço profissional nas páginas do correio sentimental de *Flan*.

Nos anos 1950, a prática de escritura de cartas por mulheres já era algo mais frequente. Ainda hoje, a escrita epistolar sobre dilemas amorosos tende a parecer um tema “naturalmente feminino”. Distantes do espaço público, mulheres se refugiaram em práticas de leitura e escrita no espaço privado enquanto no espaço público homens exerciam seu poder⁷¹ (GOMES, 2004). Elas se dedicaram à escrita de cartas, “uma vez que se tratava de uma atividade privada que não alterava nenhuma das convenções sociais impostas pela sociedade patriarcal”⁷² (GÓMEZ, 2001, p. 203). Portanto, não era algo tão surpreendente que uma mulher atuasse em uma ocupação já consagrada como feminina nas páginas do caderno feminino de um jornal.

⁷¹ A autora Ângela de Castro Gomes (2004) se refere aos séculos XIX e início do XX.

⁷² Tradução livre do trecho “puesto que se tratava de una actividad privada que no alteraba ninguna de las convenciones sociales impuestas por la mentalidad patriarcal” (GÓMEZ, 2001, p. 203).

De fato, a correspondência que leitores remetem com vistas à publicação em um correio sentimental em um jornal não tem configuração privada. No entanto, percebemos que uma das propostas da coluna é a de extravasar para a esfera pública relações amorosas e familiares próprias do âmbito privado. Outra proposta é a de conformar seus leitores ao comportamento considerado próprio à época.

A literatura íntima se torna produto de consumo e ao longo do século XX passa a ser objeto de desejo de um grande número de leitores interessados no segredo⁷³. A literatura confessional⁷⁴ alimenta o apetite *voyeur* dos leitores que acreditam descobrir segredos invioláveis da vida privada do autor; que poderia ser alguém de destaque na sociedade ou mesmo um sujeito anônimo. No conturbado século XX, repleto de sanções, conflitos e guerras, os leitores são atraídos pelo que seria um testemunho único, de modo a obter ligação entre os seres humanos e a dor que os une⁷⁵ (MACIEL, 2004).

A publicação de cartas no correio sentimental permite a existência de um lugar para se compartilhar vivências entre anônimos. Um convite a contar segredos, desabafar angústias e compartilhar a solidão. Ao mesmo tempo, saber sobre os dramas que cerceiam as vidas de outras pessoas. Para tanto, a figura de uma mulher conselheira e amiga como Helenice poderia gerar uma relação de familiaridade com as leitoras e leitores de *Abra o seu coração*.

É oportuno ressaltarmos que a personagem Helenice é construída sob a ótica de uma subjetividade masculina. Isto é, trata-se de uma personagem mulher criada por um homem, portanto, a partir do que um homem espera que uma mulher seja, pense e aconselhe. Outros intelectuais como Claudio de Sousa e Nelson Rodrigues, do mesmo modo que Vinícius, recorreram a heterônimos femininos para se identificarem em publicações prescritas para mulheres no século XX.

Claudio de Sousa, por exemplo, elegeu o heterônimo Anna Rita Malheiros para publicar na *Revista Feminina*, periódico que circulou entre 1914 a 1936. A colaboração de D. Anna Rita Malheiros teve sua estréia no ano de 1915 no concurso *Luta Moderna*, enquete que

⁷³ As escritas confessionais florescem no século XX, apesar de terem seu início associado ao século XVIII. (MACIEL, 2004).

⁷⁴ A literatura confessional consiste em narrativas escritas em primeira pessoa. Memórias, diários e biografias compõem o gênero confessional. (MACIEL, 2004).

⁷⁵ Maciel (2004) cita o sucesso editorial do diário de Ane Frank que “vendeu mais de 25 milhões de exemplares, é um relato em primeira pessoa de uma adolescente judia escondida da fúria dos nazistas por vinte e cinco meses. (...) Conhecer o cotidiano e a intimidade de uma adolescente judia nos sombrios anos da Segunda Guerra Mundial por meio de seu diário íntimo é, sem dúvida, uma experiência ímpar. Se analisarmos mais a fundo, no entanto, perceberemos que este diário, além de saciar nossa curiosidade histórica, é um alerta, enraizado na cotidianidade, sobre a condição humana e o sentido da vida.” (MACIEL, 2004, p. 80).

indagava para as leitoras “Qual deve ser o papel da mulher nas sociedades modernas?”⁷⁶. Três cartas de leitoras foram publicadas em edições subsequentes à enquete, dentre elas, a de D. Anna Rita Malheiros como a primeira.

Nessa edição, D. Anna é descrita como “talentosa professora” e é anunciado que se tornará colaboradora assídua da revista. A fala de D. Anna no concurso *Luta Moderna* delimita mudanças na concepção dos papéis sociais de homens e mulheres no início do século XX. Para ela, naquele momento, o espírito do homem se distancia de atividades braçais e valoriza a inteligência. D. Anna ressalta que o homem civilizado almeja uma companheira que, ainda que de forma superficial, compreenda o movimento intelectual do mundo. Contudo, sem abrir mão de tradicionais costumes e de seus deveres; como boa filha, boa esposa e mãe exemplar. Desse modo, a instrução é um dever da mulher moderna⁷⁷. (MALHEIROS, 1915, p. 12).

Na década de 1940, Nelson Rodrigues criou os heterônimos Suzana Flag e Myrna para publicar em páginas femininas nos periódicos *O Jornal* e *Diário da Noite* respectivamente, ambos pertencentes aos Diários Associados de Assis Chateaubriand.

A pesquisa de mestrado de Zechlinsk (2006) indica que Nelson Rodrigues criou heterônimos femininos para escrever uma literatura considerada inferior, o que indica como a escrita feminina era desvalorizada. Zechlinsk (2006) compara esse fato com a prática de escritoras no século XIX utilizarem pseudônimos masculinos a fim de legitimarem a literatura de alto nível que escreviam.

Suzana Flag e Myrna escreviam folhetins de sucesso que contribuíam para o aumento das tiragens dos jornais. No folhetim *Meu destino é pecar* publicado em 1944 em *O Jornal*, Suzana Flag narra a trama familiar de Lena e Paulo. O pai e a madrastra da jovem Leninha negociam seu casamento com Paulo como forma de pagar uma dívida. Então, Leninha passa a morar na fazenda de seu marido junto à família dele. Lá, se apaixona pelo misterioso Maurício, um homem muito bonito e irmão de Paulo.

⁷⁶ CAMPOS, A. Os concursos da LUTA MODERNA. . *Revista Feminina*, São Paulo, 1915, Maio, Nº 12 (p. 12). Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/hemeroteca/hemeroteca_pdf.php?pdf=revistas/BR_APESP_RFEM_191505012>. Data de acesso: 22 de janeiro de 2014.

MALHEIROS, A. Os concursos da LUTA MODERNA. *Revista Feminina*, São Paulo, 1915, Janeiro, Nº 8 (p.11- 12). Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/hemeroteca/hemeroteca_pdf.php?pdf=revistas/BR_APESP_RFEM_191501008>. Data de acesso: 22 de janeiro de 2014.

⁷⁷ O artigo *Revista Feminina (1915): Leituras Seleccionadas E Interpretações Corretas Para Leitoras Ideais* de Aline Tasmerão e Jenifer Santos (2014) publicado na revista *Linha Mestra* analisa o concurso *Luta Moderna* proposto pela *Revista Feminina*.

O folhetim sensacionalista marcado por reviravoltas foi publicado em forma de livro pela editora O Cruzeiro ainda em 1944 sendo um sucesso de vendas. A popularidade da coluna aumentou de forma significativa as tiragens de *O Jornal* que, de três mil exemplares, passou a vender vinte mil. A repercussão do sucesso de *Meu destino é pecar* rendeu ao heterônimo outros folhetins como *Escravas do Amor* publicado nos Diários Associados também no ano de 1944; *Minha Vida*, publicado na revista *A Cigarra* em 1946, um romance autobiográfico de Suzana Flag; e *O homem proibido* veiculado pelo jornal *Última Hora* em 1951. (ZECHLINSK, 2006).

No romance *Minha Vida*, Suzana narra o drama de sua história em páginas de sensação: sua mãe confessa adultério e se suicida, seu pai se mata no enterro da esposa e Suzana vê-se obrigada a casar com o amante de sua mãe. É também Suzana Flag quem passa a assinar a coluna *Abra o seu coração* em *Flan* no ano de 1954, após período de hiato de 04 meses, entre novembro de 1953 e março de 1954 em que a seção não é publicada.

Suzana é, então, anunciada como colaboradora do *jornal da semana* na seção *O leitor escreve a Flan* em março de 1954. A coluna justifica à leitora Geny Alvim a razão pela qual a conselheira Helenice precisou se afastar: viagem à Europa.

Helenice, que assinava em FLAN a apreciada seção “Abra o seu coração” foi forçada a interromper sua colaboração em nossas colunas, por motivo de viagem à Europa. Mas a leitora Geny Alvim de Menezes pode enviar a sua carta a Suzanna Flagg, a conhecida autora da novela “Meu Destino é Pecar”, que, a partir deste número, substituirá Helenice em nosso jornal. (*Flan*, 14-20 mar. 1954, *O leitor escreve a Flan*, p. 31).

Na mesma edição, *Abra o seu coração* publica um convite “à mulher enamorada”. O convite é restrito às mulheres: “Suzana Flag atenderá por carta às mulheres que sofrem, que duvidam, que sonham.”

Abra o seu coração apresenta sua nova colaboradora como romancista e autora de *Meu destino é pecar*. A seção rememora um dos mistérios do romance que não revela se a autora seria, ao mesmo tempo, personagem da história e enfatiza que “O título por si teve uma especialíssima ressonância.”⁷⁸

(...) “Meu Destino é Pecar” consagrou para sempre o nome de Suzana Flag. O Brasil inteiro se voltou para a romancista sua desesperadora complexidade. O nome – Suzana Flag – parecia encerrar uma sugestão também de mistério, de novela. Ela não seria, ao mesmo tempo. Autora e personagem? O Destino que traçou para sua heroína não seria uma projeção da experiência vivida até as últimas consequências?

⁷⁸ *Flan*, 14-20 mar. 1954, *Abra o seu coração*, p. 29

Essas perguntas não tiveram respostas. E Suzana Flag, que continuou escrevendo, permanece, até hoje, na sombra. Poderíamos dizer: “Suzana Flag, essa desconhecida”... (...) (*Flan*, 14-20 mar. 1954, Abra o seu coração, p. 29)

Em acréscimo, a seção fala dos desejos femininos e da importância de vigiá-los:

(...) [No romance *Meu Destino é Pecar*] Suzana Flag fazia de sua heroína um símbolo feminino. E, de fato, quantas mulheres aqui ou alhures, são arrastadas pelo pecado? Querem fugir, querem lutar, mas há uma força maior que as empurra, há um abismo que as chama. Chega, então, o momento da queda, que é a um só tempo, tão temida e tão sonhada. Todos nós sabemos o quanto é contingente, falível, a vontade de uma mulher! (...) (*Flan*, 14-20 mar. 1954, Abra o seu coração, p. 29)

O correio sentimental esclarece a função de Suzana Flag e da coluna: “(...) Pela primeira vez, nós a veremos à frente de um verdadeiro consultório. Seu papel em abra o seu coração é guiar, orientar, iluminar a mulher apaixonada.”⁷⁹ Isto é, entende-se que os desejos das mulheres precisam ser constantemente vigiados, pois são suscetíveis a rendição ao “pecado”. Portanto, assim como Helenice, Suzana Flag tem o dever de orientar as mulheres sobre como controlar suas vontades, seus desejos.

A referência à mulher “arrastada para o pecado” através de uma força maior que a empurra caracteriza o poder da sedução atribuído ao sexo feminino. Nesses termos, a mulher é representada tal como a “origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida (...)” (PERROT, 1996, p. 168).

Nota-se ainda na fala de Suzana Flag uma tendência em se homogeneizar a mulher, “tendência que pode levar a supressão do eu em benefício do ser social (...) ocasionando a supremacia do termo ‘mulher’ em detrimento do ‘mulheres’” (AZEVEDO, 2015, p. 68).

De forma análoga, o heterônimo Myrna é criado por Nelson Rodrigues em 1949 para assinar um correio sentimental intitulado *Myrna escreve* publicado no periódico *O Diário da Noite*. Myrna era representada no jornal pelo desenho de uma mulher branca de rosto fino e cabelos crespos que tinha uma tarja negra da justiça nos olhos. A coluna teve duração de seis meses. Posteriormente, Myrna passou a assinar o folhetim *A mulher que amou demais*. A publicação teve repercussão positiva, apesar de não ter alcançado o estrondoso sucesso de Suzana Flag. (ZECHLINSK, 2006).

Interessa-nos problematizar a razão pela qual homens criaram heterônimos femininos para escrever uma literatura considerada inferior. Desse modo, desvincularam seus nomes e

⁷⁹ *Flan*, 14-20 mar. 1954, Abra o seu coração, p. 29

suas histórias de vida dessa trajetória. Tal temática é relevante, uma vez que contribui com a compreensão de que as relações sociais são constituídas por relações de poder. O regime do poder disciplinar produz saberes que de forma estratégica servem de mecanismos para moldar os sujeitos. Desse modo, os espaços são construídos de maneira a vigiar os sujeitos no intuito de controlá-los e discipliná-los. (FOUCAULT, 1987).

Assim sendo, qual é a relevância da escolha de um nome? A esse respeito, Foucault (2011) tece considerações acerca da conformação do argumento de autoridade a partir da menção ao nome do autor.

(...) o nome do autor serve para caracterizar certo modo de ser do discurso: para um discurso ter o nome do autor, o fato de se poder dizer “isto foi escrito por fulano” ou “tal indivíduo é autor”, indica que esse discurso não é um discurso do cotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber certo estatuto. (FOUCAULT, 2011, p. 46).

À vista disso, Bourdieu (2006) relaciona o nome próprio a uma identidade social constante e durável. A nomeação garante a unidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis em que ele intervém como agente. O nome Vinícius de Moraes, por exemplo, no campo profissional, remete a um homem que transita por diversos espaços. O nome identifica o diplomata, o poeta, o letrista, cantor, o colunista de jornal. No pessoal, identifica também um pai, marido, filho dentre outros possíveis percursos seguidos por Vinicius. Contudo, propositalmente, não identifica Helenice.

Nessa perspectiva, de modo inverso, a criação de heterônimos desvincula a história de vida do personagem criado daquela de seu autor. Dessa forma, amplia as possibilidades de invenção desse personagem. Se, por um lado, os heterônimos femininos podem ser percebidos como uma tática editorial que faculta um sentimento de identificação com o público composto por mulheres ou por temas os quais mulheres são consideradas mais aptas a se interessarem, por outro lado, os heterônimos resguardam a identidade de intelectuais já prestigiados ao publicarem na imprensa feminina. Reafirmam, portanto, a delimitação da atuação das mulheres em espaços considerados menos notáveis, restritas a escreverem sobre questões pertinentes ao âmbito do espaço privado, como o lar e a vida amorosa.

Ressaltamos ainda que, na imprensa feminina, personagens criados a partir da subjetividade de homens escrevem, a princípio, para mulheres com o intuito de orientar as leitoras sobre as boas condutas matrimoniais aceitáveis à época e o papel da mulher na sociedade. Desse modo, selecionam as temáticas que o público feminino deve ler e se

interessar, o que remete à noção de que essas seriam ou deveriam ser as preocupações femininas. Seria essa uma forma sutil de silenciar a voz das mulheres na imprensa?

Essa estratégia editorial, de um lado, nega a participação de autores prestigiados em cadernos femininos e, de outro, não permite que mulheres se expressem nesses espaços. Assim, legitimam a atuação de homens no debate político, na literatura criminal de Nelson Rodrigues, no discurso médico de Cláudio Souza, na crítica de cinema de Vinicius de Moraes, dentre outros.

Michele Perrot (1989) assinala que para romper com uma narrativa histórica que privilegie a visão de homens é preciso acessar o “sótão da história”, revisitando fontes como os arquivos privados, como diários e correspondência, pois a narrativa tradicional reserva às mulheres pouco espaço, uma vez que privilegia a cena pública. Ainda, quando são notadas, geralmente são descritas a partir de estereótipos:

Mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca, histéricas do momento em que gesticulam. A visão que se tem das mulheres funciona como um indicador: elas são consideradas raramente por si mesmas, mas com frequência como sintomas de febre ou abatimento. (PERROT, 1989, p.13).

Para além disso, importa notar que nos casos referidos quando mulheres parecem ter voz no espaço público através da imprensa, são, na verdade, homens que opinam sob a encenação do que uma mulher deveria ser. Nessa direção, recorreremos ao questionamento de Virginia Woolf⁸⁰ de modo a refletirmos sobre a criação da personagem Helenice: “quem pode medir o fogo e a violência do coração de um poeta quando capturado e enredado num corpo de mulher?” (WOOLF, 2014, p. 61)⁸¹. A autora questiona as formas pelas quais a história e a literatura representam o que é ser mulher, quase sempre sob uma ótica masculina. Homens escrevem sobre os sentimentos das mulheres, sobre as ações das mesmas e delimitam também as consequências de seus atos.

⁸⁰ Referimo-nos à crítica de Virginia Woolf em *Um teto todo seu*, ensaio baseado em palestras proferidas por Woolf nas faculdades Newham e Girton em 1928. O ensaio propõe reflexões acerca das condições sociais da mulher e sua influência na produção literária.

⁸¹ Em *Um teto todo seu* Virginia Woolf (2014) nos convida a refletir sobre quantas mulheres são autoras de livros e sobre o que escrevem. Woolf (2014) observa que teria sido impossível a qualquer mulher escrever as peças de Shakespeare na época em que o autor viveu. Então propõe imaginarmos o que teria acontecido caso Shakespeare tivesse uma irmã chamada Judith tão maravilhosamente dotada de talento literário quanto ele. Então interroga como ambos teriam sido criados. Woolf (2014) supõe que Judith, ao contrário de seu irmão, não teria acesso à instrução formal em escolas ou possibilidade de emprego. E, sim, aprenderia desde cedo a ser responsável pelos afazeres da casa, cozinhar, coser, limpar. Não obstante, Judith precisaria acolher as recomendações matrimoniais, conforme a escolha de seu pai.

Dessa forma, durante muito tempo as mulheres foram objetos de um relato histórico que as relegou ao silêncio e à invisibilidade. Silêncio cerceado por fronteiras morais que direcionavam o ser mulher às obrigações do espaço privado ante a premissa que infere o espaço público como pertencente aos homens, local em que poucas mulheres ousam se aventurar.

2.2 A construção do perfil da conselheira Helenice

A escrita sobre o outro também desnuda Helenice e revela faces da conselheira. Helenice se deixa aparecer como leitora no julgamento que elabora sobre as histórias de vida narradas pelos leitores, como autora de prescrições ao orientar a conduta de seus leitores e, principalmente, nos exemplos que oferece sobre suas vivências.

Importa compreender o que particulariza esse heterônimo nas histórias narradas em *Abra o seu coração*, com vistas a ampliar a percepção da problemática da heteronímia em Helenice. Com isso, persuadidas pela proposição de Borges (2011)⁸², buscamos vestígios, registros e fragmentos da existência da conselheira sentimental. Desse modo, observarmos pistas da história de vida de Helenice a partir do diálogo estabelecido entre a conselheira e seus leitores na correspondência publicada na coluna.

Helenice, muitas vezes, cita suas vivências como forma de inspirar seus leitores a superarem dilemas pessoais. Além disso, essa estratégia humaniza a personagem criada por Vinicius e prepara o espírito dos leitores para aquilo com o que irão se deparar ao longo da leitura.

Assim, nesta seção, elaboramos o perfil da conselheira Helenice norteado pelas questões características de sua profissão como colunista de jornal, os livros e autores que lia, seu nível de instrução formal, suas referências musicais e os demais elementos que constituem a subjetividade da conselheira. De igual modo, interrogamos como era a relação familiar de Helenice com o marido e com os filhos, como ela manifestava sua religiosidade nas

⁸² “Como se pesquisa a vida de um indivíduo? Por intermédio das ‘vozes’ que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados, ou seja, por meio das chamadas fontes documentais. Como ‘sem documentos não há História, os vestígios que encontramos em boa medida condicionam nossa ambição de investigação’.” (BORGES, 2011, p. 212).

prescrições às leitoras e aos leitores, por quais espaços a conselheira circulou dentro e fora do Brasil.

Na primeira edição da coluna, a conselheira convida seus leitores a lhe remeterem cartas compartilhando seus dilemas e angústias:

MEU TRISTE LEITOR, MINHA INCONSOLÁVEL LEITORA

[...] Eu venho também de grandes sofrimentos e amarguras. O mundo das sombras do espírito e das doenças da alma não tem segredo para mim. Foi o fato de sofrê-las que me deu o dom de ajudar o meu semelhante. [...]

Eu sei que o mundo é triste, que o ser humano é frequentemente duro e impiedoso, e que o caminho de uns só deixa abismo no caminho de outros. Sei que às vezes o pensamento daquele que sofre só encontra consolo na idéia de Deus ou da morte! Sei que às vezes se olha à volta e só vêm rostos cobertos por máscara da mais cruel indiferença.

Mas a verdade é outra. E eu quero pedir a você que se aproveite dessa verdade que eu aceitei, e que trouxe uma grande paz à minha mocidade, uma imensa paz no seio mesmo do sofrimento.

Eu quero pedir a você que me abra o seu coração.

Quando o mundo lhe parecer hostil e você encontrar em cada ser humano um inimigo: me abra o seu coração.

Abra o seu coração quando aquele ou aquela que você ama lhe parecer distante, e você sentir que periga o seu amor.

Quando você sentir incompreensão dos seus com relação aos problemas do seu tempo, quando você falar e não for ouvido, quando o que você ouvir lhe parecer tão horrível que nada mais lhe reste de esperança: abra o seu coração.

Quando, nos grandes dias de sol, as ruas lhe parecerem vazias de homens, quando tudo lhe parecer inútil e sem perspectiva: abra o seu coração.

Escreva-me uma carta. Eu a responderei fielmente. E nessa resposta, procurarei restituir a você essa esperança que você julga perdida.

Creia-me sua amiga, meu triste leitor, minha inconsolável leitora. Eu estou aqui para ajudar, para ouvir, para compreender.

Helenice (*Flan*, 12-19 abr. 1953. Abra o seu coração, p. 10)

Já na primeira publicação, Helenice escreve aos seus leitores demonstrando proximidade no relacionamento entre eles. É a informalidade da escrita que indicia a proximidade esperada no relacionamento entre remetente e destinatário. A conselheira finaliza de modo afetuosamente, criando vínculos de amizade com o público leitor: “Creia-me sua amiga, meu triste leitor, minha inconsolável leitora. Eu estou aqui para ajudar, para ouvir, para compreender.”

O fechamento de uma carta “é um espaço para gentilezas, saudações, bons desejos, despedida e assinatura” (ROCHA, 2012, p. 143). Ao finalizar uma carta, o autor deixa a última impressão para aquele que a lerá (GÓMEZ, 2002). Na publicação transcrita acima, a conselheira rompe com formalidades do fechamento da escrita epistolar, parece que ela deseja expressar afeto e transmitir uma boa impressão aos leitores.

Ao assumir a função de conselheira e dialogar com seu público, Helenice representa a idealização de uma mulher que passou por amarguras reais, conhece as verdades da vida e as

dores do desamor. O domínio de seus desejos constitui condição moral para orientar os leitores através de seu exemplo de virtude. Helenice supera possíveis adversidades ao encontrar um homem que a apresentou o verdadeiro amor. Então com ele se casa, como expresso na correspondência abaixo.

IGNOTO – Porto Alegre – “... uma incurável tristeza, que me leva cada vez mais às bordas do suicídio...”

Eu o compreendo tanto, Ignoto... Esta sua amiga aqui já sofreu do mesmo mal e, se tempo andasse quinze anos para trás e nossos papéis se invertessem seria você quem receberia uma carta da qual constaria a triste frase acima.

Não posso lhe dizer exatamente como venci a minha tristeza, Ignoto, mas foi provavelmente a luta mais dura que já tive no mundo. Nada tinha graça para mim. Acordava já com a sensação da inutilidade do dia a vencer e deitava-me com a de nada ter feito de bom. A cinza das horas, de que fala o poeta Manuel Bandeira, parecia cobrir-me toda. [...]

Depois, aconteceu-me um amor, êsse mesmo que guardo fielmente até hoje. Foi a cura. Daí em diante passei a abençoar cada dia que passa, e quando me lembro que, tivesse sido mais fraca, teria perdido toda essa felicidade que me esperava, confesso a você que fico horrorizada. (*Flan*, 25-31 out. 1953. Abra o seu Coração, p. 37).

Nesse sentido, a felicidade feminina está condicionada ao matrimônio e à esperança no amor, afinal “O grande sentimento de quem ama deve ser o da esperança.”.⁸³ Helenice sugere que a infelicidade de estar solteira lhe despertava a “sensação da inutilidade”, sendo esta “a luta mais dura” que já enfrentou, os dias se passavam sem que ela encontrasse seu papel na sociedade.

Tamanha tristeza a fez considerar o suicídio, a menção ao livro *A cinza das horas* reafirma o sentimento de melancolia e confere à fala da conselheira um tom fúnebre. No livro, os poemas por vezes relatam o ato de morrer e a agonia de esperar pela morte⁸⁴, como expresso no poema *Desencanto* “Eu faço versos como quem morre.” (BANDEIRA, 2013, p. 5).

O termo “esperança” está estritamente relacionado ao sentido de espera, visto que Helenice se entrega à melancolia e não sugere a busca de algo que a faça se sentir plena, e, sim, indica a espera de um “acontecimento” capaz de dar sentido aos seus dias.

O cessar da busca matrimonial concebeu o fim de um ciclo de angústias no qual Helenice lutava consigo contra a violência de seus desejos. A cura de Helenice foi o amor de um homem que lhe proporcionou plenitude na vida “Passei a abençoar cada dia que passa”⁸⁵.

⁸³ *Flan*, 11-17 out. 1953. Abra o seu Coração, p. 45.

⁸⁴ O poeta Manuel Bandeira escreveu o livro *A cinza das horas* no período em que enfrentava grave tuberculose. BANDEIRA, Manuel. *A cinza das horas*. Rio de Janeiro: Global, 2013.

⁸⁵ *Flan*, 25-31 out. 1953. Abra o seu Coração, p. 37.

Assim, constituir família com seu marido representou para Helenice conhecer virtudes em si mesma. Há, nesse sentido, a transição entre um passado em que predominava a dúvida de viver sem vislumbre de uma finalidade para sua existência em direção a um presente em que há prazer em existir por sua família.

Além de dona de casa, Helenice é jornalista, colunista de um jornal de propriedade do Grupo Última Hora, que alcançara grande notoriedade nos anos 1950. Quando questionada pelo leitor Carlos Alberto sobre sua índole, a conselheira demonstra seu descontentamento ante a acusação:

Carlos Alberto – Ipanema “... você como todas que fazem consultórios sentimentais deve ser uma vigarista, uma exploradora do sentimento alheio. Tire a máscara Dona Helenice...”

Escute uma coisa, “seu” Carlos Alberto. Eu estou aqui trabalhando e ganhando meu dinheirinho como todo mundo. Mas estou na boa fé. Ouviu? De modo que, vá lamber sabão.

Helenice (*Flan*, 19-25 abr. 1953, Abra o seu coração, p.10)

Ao dedicar-se ao “seu dever jornalístico”, Helenice não perde de vista o compromisso com sua família:

Da minha mesa de trabalho vejo a sala, meu marido que brinca com nosso pequenininho, e lá adiante pela janela aberta, a noite grande se estende sobre milhões de seres felizes e infelizes. Esses últimos precisam de mim – e eu aqui estarei, fiel a meu dever jornalístico e humano, para dizer as palavras que necessita ouvir (...) (*Flan*, 19-25 abr. 1953. Abra o seu Coração, p. 10).

A conselheira trabalha em casa com olhos atentos à rotina familiar, conciliando as atividades profissionais e domésticas em uma dupla jornada. Sobre ser colunista em um semanário Helenice relata: “Emociona-me pensar que serei a destinatária de dolorosas confidências, aquela para quem se voltam as necessidades de amor, de esperança, de fé e de consolo”⁸⁶. O trecho “Foi o fato de sofrê-las que me deu o dom de ajudar o meu semelhante” exprime que as qualidades da conselheira para ocupar o cargo de colunista não são vistas como profissionais, mas entendidas tal qual um ato de caridade, legitimado pelo seu exemplo de virtude.

Apesar disso, Helenice compara sua função na coluna com a de um psicanalista que, através de seus conselhos, prescreve condutas:

(...) considero minha missão aqui nessa coluna tão importante quanto a do psicanalista que, em estreita comunhão com a neurose ou a psicose humanas,

⁸⁶ *Flan*, 19-25 abr. 1953. Abra o seu Coração, p. 10.

procura a brecha por onde insinuar a palavra afirmativa, o conselho redentor, a ordem clara e incisiva que vá lançar um raio de luz nesse poço de trevas. (*Flan*, 12-19 abr. 1953. *Abra o seu coração*, p. 10).

Uma vez que compara a importância de *Abra o seu coração* a um consultório de psicanálise, Helenice estabelece diferenças entre ambos. O dever do psicólogo é ajudar o paciente a resolver sofrimentos psíquicos através da palavra afirmativa. Por outro lado, Helenice tem o dever jornalístico e humano de compartilhar “a verdade” com os que necessitam de “amor, de esperança, de fé e de consolo”⁸⁷, como expresso em “E eu quero pedir a você que se aproveite dessa verdade que eu aceitei, e que trouxe uma grande paz à minha mocidade, uma imensa paz no seio mesmo do sofrimento”⁸⁸.

A legitimidade de Helenice para aconselhar seus leitores deriva das vitórias que teve sobre si, ao se conformar às prescrições da razão ainda que diante de tentações. Isto é, ao ser guardiã zelosa de si em face aos desejos e prazeres e a força que exercem, conduzindo à sedição e à revolta. A conselheira aprendeu a resistir às tentações e a se guardar, segundo sua visão, com decência em qualquer circunstância.

Helenice é movida pela fé e pela religiosidade, características que conferem a ela as qualidades próprias para aconselhar seus leitores na direção da “verdade”. Assim, a palavra redentora é como “um raio de luz nesse poço de trevas”⁸⁹. A conselheira apresenta em seu discurso a dicotomia entre “redenção e trevas”, “o bem e o mal”, “o que é divino e o que é promíscuo”, a “lucidez e a loucura”. Os opostos servem como parâmetros da ordem moral. Desse modo, o que foge às prescrições apresentadas na coluna *Abra o seu coração* deve ser considerado como uma atitude não virtuosa que conduz a vida dos indivíduos ao sofrimento como expresso em “Sei que às vezes o pensamento daquele que sofre só encontra consolo na idéia de Deus ou da morte!”⁹⁰. As prescrições são, portanto, o consolo redentor que pode salvar vidas.

Helenice se considera uma apóstola do bem em uma árdua missão de mitigar a dor dos que sofrem. Para tanto, convida os leitores a lhe remeterem suas angústias:

‘O’ vós que vos propondes a consolar os tristes e a mitigar um pouco a dor dos que sofrem, sabeis que é esta missão mais árdua e ingrata de quantos podem abraçar os Apóstolos do Bem que se esforçam para varrer a face da Terra a semente do

⁸⁷ *Flan*, 19-25 abr. 1953. *Abra o seu Coração*, p. 10

⁸⁸ *Flan*, 12-19 abr. 1953. *Abra o seu coração*, p. 10

⁸⁹ *Flan*, 12-19 abr. 1953. *Abra o seu coração*, p. 10

⁹⁰ *Flan*, 12-19 abr. 1953. *Abra o seu coração*, p. 10

sofrimento, da miséria e da sorte. (*Flan*, 26 abr. -02 mai. 1953, *Abra o seu coração*, p.10)

Desse modo, a religiosidade cristã da conselheira se faz presente em várias prescrições. Ela não cita a religião que a orienta, contudo fornece pistas sobre sua devoção.

Conforme Foucault (2012), na espiritualidade cristã o sujeito se constitui como virtuoso e temperante no uso dos prazeres em uma relação do tipo “elucidação-denúncia”, “decifração-purificação”. Ou seja, é preciso que o indivíduo se auto-regule e denuncie suas omissões a quem possa orientá-lo propriamente conforme a moral dos prazeres. Nessa direção, faz-se valer a noção de biopoder que preza pela preservação da vida afastando-a dos eventuais perigos⁹¹ (FOUCAULT, 1984).

Para Foucault (1984), o poder deve ser estudado a partir das técnicas e táticas de dominação. Uma das preocupações do autor é a de “não tomar o poder como fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros” (FOUCAULT, 1984, p.183). Conforme ainda suas noções, o poder, na verdade, não existe. Ele é o próprio funcionamento da sociedade. Desse modo, o que existe são as táticas ou relações de poder que se estabelecem na sociedade.

Nas prescrições de *Abra o seu coração*, a relação desejo e prazeres é percebida em uma tensão sempre pronta à sedição e à revolta. Portanto, deve ser vigiada: “a faculdade de desejar, deve conformar-se às prescrições da razão.” (FOUCAULT, 2012, p. 87).

Helenice enfatiza que o sofrimento é uma vaidade humana de não se render à “verdade” divina. Sofrer é, portanto, uma escolha dos que preferem não zelar pela moral cristã.

Cartas dolorosas se acumulam sobre minha mesa de trabalho. Por que, por que tanto sofrimento? Uma vida tão curta e tão “única”, e tantos seres desgraçados... E o pior não é isso: tantos seres desgraçados por fraqueza, por falta de energia moral, por vaidade, por deserção... Sim, existe a vaidade de sofrer essa que nos faz debruçar sobre nós mesmos, essa que predispõe a soprar nossas próprias feridas, em vez de curá-las (*Flan*, 03-09 mai. 1953, *Abra o seu coração*, p.10)

Na visão de Helenice, ser guardião de si era um dever dos sujeitos, do mesmo modo o era zelar pela boa conduta para além das aparências. Helenice adverte, pois, ao leitor Velhinho Aluado, de 27 anos, que se lastima por ser pobre com pouca instrução e por estar apaixonado por duas mulheres:

⁹¹ Foucault define dois tipos de poder presentes na sociedade de controle: 1) poder disciplinar – aplicado aos corpos através de técnicas de vigilância e das instituições punitivas; e o 2) biopoder – poder sobre a vida, poder empregado para controlar os corpos individuais e a população (FOUCAULT, 1984).

Eu conheço muito as pessoas como você, que afivelam a máscara do cepticismo sôbre um rosto bastante “crente” para poder viver e ir levando. Você nasceu pobre, preferiu uma vida de farra a dar duro, como se diz por aí, e sofreu da desmoralização que isso sempre traz fatalmente a um homem. (*Flan*, 24-30 mai. 1953, Abra o seu coração, p.10)

A prescrição da conselheira considerava o sofrimento do leitor Velhinho Aluado como consequência de suas desvirtuosas escolhas de vida. A interiorização da boa moral conformaria um rito para a plenitude humana. Nesse sentido, não basta a aparência de uma boa conduta, é preciso vigiar a essência do ser para que não haja deslizos. O poder disciplinar passa a ser exercido por intermédio de mecanismos permanentes de controle e vigilância. O indivíduo estaria sendo sempre vigiado, ainda que por si mesmo. (FOUCAULT, 1984).

Pelo vislumbre das recompensas de seguir a boa moral valeria a pena abdicar do gozo dos prazeres imediatos em busca do eterno:

Se eu vos pudesse falar do milagre das ressurreições, da misteriosa flor que brota dentro da noite quando tudo parece perdido, irremediavelmente perdido... Se eu pudesse vos dizer dos caminhos da esperança, e das grandes novas paisagens aonde eles vão dar... Se eu vos pudesse dizer: não perdi nunca a fé na vida... (*Flan*, 03-09 mai. 1953, Abra o seu coração, p.10)

O conselho de Helenice remete a um prazer que não pode ser expresso em palavras; cada sujeito precisa experimentá-lo por si. Novamente, a salvação do sujeito consiste em ter esperança no sentido da espera, em acréscimo, na abdicção de prazeres imediatos. Assim, “ter fé na vida” e seguir “pelos caminhos da esperança” pode livrar o ser humano do sofrimento de uma vida desvirtuosa.

Tendo analisado os 30 números do semanário *Flan* em que a coluna assinada por Helenice foi publicada, observamos não ocorrer menção à instrução formal da conselheira. Contudo, há indicações de sua relação com a leitura. No quadro abaixo, denominado Biblioteca da Helenice, estão organizados trechos em que a conselheira menciona autores e obras de seu interesse⁹².

⁹² Foi feito um esforço para localizar autores e gêneros quando não informados.

Quadro 13 - Biblioteca de Helenice

Biblioteca da Helenice				
Ed.	Data	Citação	Gênero	Autor
3	26/abr	“‘O’ vós que vos propondes a consolar os tristes e a mitigar um pouco a dor dos que sofrem, sabeis que é esta missão mais árdua e ingrata de quantos podem abraçar os Apóstolos do Bem que se esforçam para varrer a face da Terra a semente do sofrimento, da miséria e da morte” É com esta bela citação que desta vez Helenice se dirige ao leitor	N.id.	N.id.
3	26/abr	(...) como o poeta francês Baudelaire, fizeram do tédio o ‘spleen’, um motivo de inspiração e uma ilha onde situar a própria vaidade e descontento (...)	Poético	Baudelaire
6	17/mai	Como é possível alguém se surpreender com os romances de Kafka, as peças de Shakespeare ou as histórias de Nelson Rodrigues, quando uma carta, uma simples carta, coloca diante de mim uma situação como a que passo a expor abaixo (...)	Prosa literária	Kafka
6	17/mai		Teatral	Shakespeare
6	17/mai		Crônica	Nelson Rodrigues
7	24/mai	Sim, meus caros confidentes, o pior de tudo é a poeira do tédio, a poeira impalpáveis do tédio, a “cinza das horas” que deu título a um livro do poeta Manuel Bandeira	Poético	Manuel Bandeira
8	31/mai	Mas me parece tão remoto o Sr. me dizer, em cartas datada de abril de 1953, que é um seguidor de PITHAGORAS (escrito assim com “h” e em maiúsculas) que, francamente, não sei o que lhe retrucar. Considero estimável que o Sr. seja um apaixonado da verdade – mas porque a verdade de Pitágoras?	Filosofia	Pitágoras
8	31/mai	O Sr. já ouviu falar de Jânio Quadros, Sr. Andrews Carey? No senador McCarthy? No presidente Perón? Em ferro elétrico, matéria plástica, cinerama, bomba atômica, sistema crediário?	Político	Jânio Quadros
				Senador McCarthy
				Presidente Perón
8	31/mai	Que têm mais Platão, Sócrates ou o iniciado Malireya a ver com o nosso drama de mundo?	Filosófico	Platão
8	31/mai		Filosófico	Sócrates
8	31/mai		Filosófico	Malireya
9	07/jun	CURIOSO como o espelho dos dias mostra o que vai na alma humana – malgrado o noticiário policial dos jornais, atualmente não chegando nem as encomendas. O espelho dos dias mostra homens se agitando na luta cotidiana, mulheres entregues a seus afazeres, a agitação do tráfego, o entrecruzamento constante de conhecidos e desconhecidos: mas não revela nem por sombra os terríveis sumidouros existentes em cada unidade da multidão, os torvos pélagos que vão no espírito daquele pai de família, o drama da caixeira que vai ao nosso lado na lotação (....)	Jornalístico	N.id.
11	21/jun	“Quanta gente que ri, talvez, consigo guarda um atroz, recôndito inimigo como invisível chaga cancerosa” disse o poeta.	Poético	Raimundo Correa
11	21/jun	Não há perigo meu caro Napoleão. Você terá o Marengo sem nunca chegar a ver o Waterloo dos seus cabelos.	História Geral	Napoleão
11	21/jun	Ânimo, Françoise Villon, ânimo como tinha em seu homônimo, o grande poeta e lutador francês.	Poético	Françoise Villon
17	02/ago	O homem não é, em si, o lobo do homem: mas os desnivelamentos sociais e econômicos, a luta pela sobrevivência e a necessidade de se afirmar dentro de um meio hostil o fazem frequentemente passar por tal. Num mundo de lobos, o cordeiro evidentemente, não tem vez.	Filosofia Política	Thomas Hobbes
18	09/ago	(...) estou falando daquela espécie de amor, que, segundo o poeta, é o “amor que move o sol e outras estrelas...”.	Poético	Dante Alighieri

Quadro 13 - Biblioteca de Helenice

Biblioteca da Helenice				
Ed.	Data	Citação	Gênero	Autor
22	07/set	Acho indispensável que você pegue o seu Don Juan a jeito e tenha com êle uma séria conversa.	Literário	José Zorilla
29	25/out	A cinza das horas, de que fala o poeta Manuel Bandeira, parecia cobrir-me tôda.	Poético	Manuel Bandeira

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Tendo em conta o quadro acima, podemos observar a predominância do interesse pelos gêneros poético e prosa literária na biblioteca de Helenice. Ademais, a partir dos dados levantados, podemos inferir que Helenice é uma leitora de jornal e não de revistas femininas; uma vez que sequer menciona alguma. A conselheira refere-se ao noticiário policial e mostra-se sensível às causas sociais dos trabalhadores e pais de família. Os dados indicam também que a conselheira se interessa por filosofia e está atenta às questões políticas da atualidade.

Quanto ao gosto musical, foram referenciados apenas dois artistas ligados ao samba, à música popular. Em acréscimo, foi mencionado o compositor Noel Rosa, como poeta.

Quadro 14 - Gosto Musical de Helenice

Gosto Musical			
Nº	Data	Música	Artista
12	28/jun	O poeta Noel Rosa já disse que pão de pobre cai sempre com a manteiga virada pra baixo.	Noel Rosa
13	05/jul	Tristeza não pagam dívidas, dizia o velho samba carioca	Francisco Alves
14	12/jul	A verdade é que é melhor uma cabeleira basta que um besta numa cabeleira.	Não Identificado
14	12/jul	A contrapor a glamorosa marchinha, há também o verso do samba que diz que “pente de careca é mão”	Marcha de Haroldo Lobo e Milton Oliveira, com Linda Batista

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Além de ressaltar os estilos musicais que compunham a lista de preferências de Helenice, analisamos com quais temas eles dialogam nas cartas publicadas em *Abra o seu coração*. São eles: dívidas e calvície.

2.2.1 Dívidas

Há um tom irônico e irreverente atribuído ao discurso de Helenice através das citações de letras de música selecionadas. Na edição 13 a conselheira cita o samba de Francisco Alves

“Tristezas não pagam dívidas” para introduzir dois relatos de homens endividados. Então, acrescenta “Tristezas não pagam dívidas, dizia o velho samba carioca. Não pagam mesmo. Nem empréstimos tão pouco.”⁹³.

Referindo-se à sua vivência exemplar, Helenice expõe sua preocupação em manter suas dívidas quitadas de modo a não se sentir envergonhada ante a sociedade:

Na condição de mulher casada, confesso que nunca precisei usar desses recursos, meus empréstimos tendo se limitado a umas poucas centenas de cruzeiros pedidos a uma ou outra amiga, uma vez ou outra na vida. E pagos também com a maior presteza, pois dever é para mim um sacrifício. Sinto-me tão desconfortável devendo que prefiro passar uma necessidade a enfrentar o desconforto que uma dívida traz. (*Flan*, 05-11 jul. 1953, Abra o seu coração, p.09)

A “condição de mulher casada” no Brasil estabelecia barreiras para que a mulher administrasse o dinheiro, visto que, o Código Civil de 1916 designava o marido como chefe da sociedade conjugal. Ao se casar, a mulher era desprovida de capacidade civil plena. O marido era administrador dos bens da família, incluindo imóveis e renda advinda da herança e de bens particulares da esposa. Além disso, o Código Civil de 1916 não permitia à mulher casada e ao seu marido prestarem fiança, fazerem doação ou hipotecarem bens sem outorga mútua.

Quanto à solicitação de empréstimos pela esposa, o artigo 247 do Código Civil de 1916 presume a mulher autorizada pelo marido nas seguintes situações:

I – para a compra, ainda a crédito, das coisas necessárias à economia doméstica;
 II – para obter, por empréstimo, as quantias que a aquisição dessas coisas possa exigir;
 III – para contrair as obrigações concernentes à indústria, ou profissão que exercer com autorização do marido, ou suprimento do juiz.
 Parágrafo único. Considerar-se-á sempre autorizada pelo marido a mulher que ocupar cargo público, ou, por mais de seis meses, se entregar a profissão exercida fora do lar conjugal. (BRASIL, 2003).

Nesses termos, seria critério do marido revogar ou não a autorização de sua esposa a obter crédito. Ainda assim, o empréstimo deveria estar vinculado à economia doméstica. Nesse sentido, parece ser menos burocrático para Helenice pedir empréstimos a alguém próximo como uma amiga. A conselheira diz preferir passar necessidades ao importuno de uma dívida. Talvez para uma mulher fosse ainda mais delicado o título de devedora, uma vez

⁹³ *Flan*, 05-13 jul. 1953, Abra o seu coração, p.9.

que sua relação com o dinheiro deveria ser administrada pelo “chefe da família”. A dívida da mulher seria, pois, de responsabilidade de seu marido.

2.2.2 Calvície

Na edição 14, Helenice revela publicamente receita contra a calvície “conselhos que é preciso seguir à risca, e sem falhar um só dia por muito, muito tempo!”⁹⁴. A calvície é a temática de maior incidência na coluna *Abra o seu coração* com 22 ocorrências, já a infidelidade é a segunda com 08 ocorrências, ou seja, menos da metade que a primeira. Portanto, cabe um olhar mais atento ao discurso da conselheira quanto a essa temática.

Ao longo da narrativa da receita há uma pitada de humor irônico, inclusive, com menção a versos de marchinhas de carnaval:

A verdade é que é melhor uma cabeleira basta que um besta numa cabeleira. A contrapor a glamorosa marchinha, há também o verso do samba que diz que “pente de careca é mão”.⁹⁵ E muitas outras piadas demeritórias capazes de deixar os carecas pelos cabelos. (*Flan*, 12-18 jul. 1953, *Abra o seu coração*, p.09)

Há irreverência no diálogo estabelecido com os leitores, de modo que a conselheira parece estar se divertindo ao escrever a missiva. Mais que nunca, Helenice faz uso da estratégia de criar vínculos com seus leitores:

Enfim, Helenice compreende completamente uma namorada, noivas, irmãs, mães dos carecas e os próprios carecas, que são, afinal de contas, aqueles que não têm onde passar a mão para afugentar sua melancolia. (*Flan*, 12-18 jul. 1953, *Abra o seu coração*, p.09).

A primeira ocorrência de carta sobre calvície é verificada na edição 08. Nela, Helenice responde ao seu leitor Careca Melancólico, proveniente de Vitória, por meio de carta particular aconselhando uma receita infalível que acabaria com sua “melancolia capilar”. A

⁹⁴ *Flan*. 12- 18 jul. 1953. *Abra o seu coração*, p. 9.

⁹⁵ É gozado quá-quá-quá/ Ver um careca se pentear/ Passa pente na cabeça, bota até loção/ Mas o pente do careca é a mão!/II/ Se ainda existir meia dúzia de fiapos/ Que trabalho prá conservação.../ Ele passa muito mais/ De uma hora no espelho/ Ajeitando meia dúzia com a mão!/ “Pente de careca é a mão”, marcha de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira, com Linda Baptista, RCA Victor: 80.0858/A, Carnaval de 1952.

conselheira acrescenta: “Não lhe prometo fazer seu cabelo crescer de novo, mas lhe prometo fazer sua queda parar completamente.”⁹⁶.

A receita misteriosa despertou interesses. A partir de então, Helenice se vê “afogada em cartas de melancólicos carecas”⁹⁷ remetidas de localidades diversas; “noivas lacrimosas pedindo por noivos carecas, são mães aflitas desejando a restauração capilar de seus próprios filhinhos, são namoradas desejosas de acariciar espaçadores antes que bolas de bilhar (...)”⁹⁸. Inclusive Afonso Arinos rememora a volumosa correspondência recebida por Vinicius sobre o tema. Dentre as localidades das missivas verificamos: São Paulo, Ribeirão Preto, Porto Alegre, Vitória, Niterói, Vila Carrão, Itaperuna, Rio de Janeiro e outras. A conselheira respondia aos leitores interessados através de carta pessoal, alertando-os que a coluna *Abra o seu coração* não era um consultório médico.

Helenice anuncia na edição 13 um recado aos carecas:

Recado aos carecas – Não posso mais com vocês. Vocês são legião, e não me mandam, a não ser raramente, envelopes selados para as respostas. Eis o que Helenice vai fazer, contrariando o que disse – dará no próximo número os seus conselhos – todos de uma vez – esperando apenas, de cada um, um muito obrigado posterior. (*Flan*, 05-11 jul. 1953, *Abra o seu coração*, p.09)

A receita detalhada foi publicada uma única vez na edição 14. Leitores que não compraram a edição precisaram adquiri-la posteriormente, pois Helenice não mais repetiu a receita em *Flan* ou a enviou via carta pessoal.

(...) a) Comprar imediatamente uma escova de pêlo de arame. Se não houver na sua cidade mande buscar no Rio ou em São Paulo. Trata-se de uma escova de forma oblonga com fundo semi-esférico de borracha, e pêlos de arame, macios, razoavelmente separados. **Essa escova é indispensável.**

b) Uma vez de posse da escova, escove o couro cabeludo, a princípio não muito fortemente, para não feri-lo, e depois aumentando de vigor, até se habituar. Essa escovadela deve ser dada duas vezes por dia, de manhã, antes do banho, e à noite, ao deitar. A cabeça só deve ser lavada uma vez por dia, de manhã. Esfregue bem o couro cabeludo, com a escova em todas as direções, no sentido e contra o sentido do nascimento do cabelo. Faça-o pelo menos cinco minutos, pacientemente. No geral, uma abundante quantidade de caspa se desprenderá dessa fricção. Escove até sentir que a caspa se desprende quase toda. Depois baixe a cabeça e [ilegível] bem de [ilegível] da película com a própria mão. [ilegível] Mas não use em hipótese alguma qualquer espécie de sabão ou sabonete que não seja um “[ilegível]” gorduroso [ilegível], local de encontrar em qualquer farmácia. O nosso velho sabonete Aristolino pode também ser usado com ótimos resultados. Ensaboe bem a cabeça duas vezes, e lave-a depois com água corrente. Não o faça em banho de imersão.

⁹⁶ *Flan*, 31 mai. – 06 jul. 1953, *Abra o seu coração*, p.10

⁹⁷ *Flan*, 12-18 jul. 1953, *Abra o seu coração*, p. 09

⁹⁸ *Flan*, 12-18 jul. 1953, *Abra o seu coração*, p. 09

Essas duas lavagens de cabeça só devem ser feitas em banho matinal, durante a primeira semana. Depois passar a uma vez apenas.

c) Não se assuste se, a princípio sua queda aumentar. É o cabelo morto que está se despreendendo. Insista, sem desanimar; uma fricção de manhã antes do banho, e uma à noite, ao deitar.

d) Não use nada na cabeça que não seja vaselina pura sólida. Depois de enxuta a cabeça, de manhã, ponha um pouco na mão e passe-a superficialmente nos cabelos, sem [ilegível], apenas para dar jeito para [ilegível]. E não o faça mais de uma vez ao dia. O “shampoo” gorduroso já servirá para dar um retoque final. E não ponha demais.

e) Faça disto um hábito diário, como escovar os dentes. Em caso de doença, quando não puder lavar a cabeça, faça apenas as fricções.

f) Consulte um médico e veja se tem alguma insuficiência hepática. É provável que tenha. Nesse caso faça o tratamento correspondente.

g) Procure saber também de seu médico, se não tem alguma deficiência de vitamina B. Se tiver, tome um complexo, com base em B-1.

h) Durante a primeira semana de tratamento, faça uma dieta de gorduras, frituras, massas e açúcares, mas se aconselhe antes com o seu médico. Alimente-se à base de carnes grelhadas, sem gordura, leite, frutas e legumes.

i) Se a queda persistir – o que é muito pouco provável – procure saber de seu médico se não tem alguma colite, ou qualquer outra disfunção intestinal. Se tiver – e é muito provável que tenha – faça o tratamento correspondente, mantendo rigorosamente a dieta indicada.

j) Se essa queda, depois disso, não parar, eu me considero completamente desmoralizada. Mas olhe bem que não prometo fazer seu cabelo crescer de novo. Em muitos casos, pode crescer um pouco, mas é raro. Mas a queda, essa certamente cessará.

k) E tenha finalmente a gentileza de me agradecer, em carta, logo que tiver positivadas as minhas afirmações. Eu acho que não é pedir demais, [ilegível].

E boa sorte!

HELENICE (*Flan*, 12-18 jul. 1953, Abra o seu coração, p.09)

Contudo, na edição 24 a receita contra Calvície é publicada de forma resumida a pedido da leitora Maria Cecília que enfrentava aparente conturbado problema capilar:

MARIA CECÍLIA – S. Paulo – “Helenice, meus cabelos ultimamente caem com frequência. Tenho tentado todos os recursos de que disponho. Compro produtos de todas as marcas e o resultado é sempre negativo. Queria saber se você dispõe de alguma receita que possa sanar esse mal.”... (*Flan*, 20- 26 set. Abra o seu coração, p. 46).

Uma advertência é feita à leitora sobre o propósito da coluna, em seguida, a receita é publicada:

Maria Cecília, esta minha seção não abrange receitas. Tenho por norma entregar isso a um especialista. Não sendo médica, não poderia emití-las. Entretanto, como o seu apêlo é quase “dramático” e como o problema de meu marido foi sanado sem qualquer uso de droga, aí vai a receita:

– Escove com escova de pêlo de arame, duas vezes ao dia. O escovar deve ser executado em todos os sentidos, proporcionando ao couro cabeludo, maior circulação de sangue e a eliminação da caspa. Isso é em geral infalível. Faço votos de que seu caso seja brevemente resolvido, e se tal não acontecer, consulte um médico especialista, o.k. Maria Cecília? E só lave a cabeça com um “shampoo” um pouco gorduroso. (*Flan*, 20- 26 set. Abra o seu coração, p. 46).

A advertência reafirma que a qualificação de Helenice vem das experiências que teve na vida. E que não há suporte científico que garanta o sucesso de suas receitas, em especial, das que necessitam do aval médico.

2.2.3 Lugares e Viagens

No quadro abaixo destacamos as localidades mencionadas pela conselheira, de modo a refletir sobre as relações que ela estabelece com a cidade em que vive e com os lugares que visita.

Quadro 15 - Lugares e viagens

Lugares e Viagens			
Nº	Data	Citação	Lugares
2	19/abr	eu tive uma amiga, quando eu estava na França, há uns seis anos atrás, que tinha exatamente o seu complexo.	França
8	31/mai	Os bairros reconquistam seu perfume: cheiro de mato na Gávea e no Cosme Velho; cheiro de mar em Copacabana, Ipanema e Leblon; cheiro de vida familiar em Botafogo...	Gávea (RJ)
			Cosme Velho (RJ)
			Copacabana (RJ)
			Ipanema (RJ)
			Leblon (RJ)
			Botafogo (RJ)
8	31/mai	No entanto, apesar dos céus, apesar dos ares, vi um homem morrer de fome na Praça da República, ali mesmo na ilha de tráfego onde se espera os bondes.	Praça da República (RJ)
12	28/jun	Um luminoso dia de junho serve de mortalha aos mortos do pavoroso incêndio de São Paulo.	São Paulo (SP)

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Helenice sugere profícuas relações com a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, com destaque para a “vida familiar em Botafogo”⁹⁹. Ela não revela o local onde mora, contudo mostra-se habituada à vida cotidiana dos bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Helenice expressa certa sensibilidade ante as transições da cidade e seus habitantes. Ao passar pela Praça da República, se espanta com a indiferença dos transeuntes ante a insólita morte de um homem.

A conselheira utiliza o espaço de sua coluna para manifestar condolência pelas vítimas do trágico incêndio ocorrido em São Paulo ocorrido no dia 13 de julho de 1953. O desastre aconteceu no Clube Elite 28 de Setembro, frequentado por jovens e trabalhadores. O incêndio

⁹⁹ Vinicius viveu em Botafogo durante sua infância, estudou nos colégios Afrânio Peixoto e Santo Inácio localizados nesse bairro. Em 1953 morava na Gávea. (CASTELLO, 2013).

vitimou 56 pessoas, houve também muitos feridos. O clube era localizado no subúrbio de São Paulo na Rua Florêncio de Abreu onde se realizava um baile festejando o dia de Santo Antônio¹⁰⁰. Helenice expõe seu ponto de vista sobre o incêndio:

O homem pobre não tem vez. Além de seu duro e medíocre cotidiano, é geralmente o ser marcado pela catástrofe em nosso mundo. Os grandes flagelos o atingem mais ferozmente. É sempre ele, e sua gente, que se situa na zona das secas e das inundações, no trem de madeira de subúrbio que o trem de aço abalroa, no passeio popular da barca que naufraga no circo quando a fera escapa, no baile que o incêndio devora, no pardieiro que desaba, no meio do conflito, do pânico e do massacre. É ele um constante cadáver com uma constante vela ao lado do tráfego urbano. Triste vivente, é também o morredor por excelência (*Flan*, 28 jun.- 04 jul. 1953, *Abra o seu coração*, p. 9).

O jornal *A Noite* noticia a tragédia com pesar e acusa as autoridades municipais de ausência de fiscalização. A notícia expõe as precárias condições de funcionamento do clube que, entre outras coisas, não possuía saída de emergência.¹⁰¹

Helenice faz uma crítica social à forma com que o Estado assiste seus cidadãos mais pobres. Se, por um lado, essa fala reforça a construção da imagem de uma conselheira caridosa preocupada com as causas dos mais humildes, por outro, percebemos que Helenice, nesse momento, faz uso do espaço do correio sentimental a fim de propor reflexões políticas aos seus leitores, em especial, sobre as relações de classe, tal como expresso em: “Os malefícios dos governos em geral recaem sobre suas magras costelas. O desdém dos esnobes procura-os particularmente, para alimentar o preconceito e a falsa noção de classe”¹⁰²

2.3 Algumas considerações

Neste capítulo, tecemos um perfil da conselheira Helenice a partir das pistas percebidas nas cartas publicadas no semanário *Flan*. Investigamos, desse modo, como Helenice constrói seu discurso de autoridade junto aos seus leitores. Para tanto, primeiro, buscamos aproximações da trajetória de Vinicius de Moraes com a imprensa feminina. Em seguida, analisamos o diálogo publicado em *Abra o seu coração* entre a conselheira amiga e

¹⁰⁰ *A Noite*, 16 jun. 1953, Vinte cadáveres sem identificação, p. 8.

¹⁰¹ *A Noite*, 16 jun. 1953, Vinte cadáveres sem identificação, p. 8.

¹⁰² *Flan*, 28 jun.- 04 jul. 1953, *Abra o seu coração*, p. 9

seus leitores. Então, ressaltamos características, habilidades, assim como o capital cultural da conselheira.

Helenice contava detalhes de sua trajetória de vida ao apontar recomendações aos leitores de modo a encenar a imagem de uma mulher exemplar, assim, atribuía a si mesma as qualidades necessárias a uma conselheira como, ter resistido às tentações da juventude ao uso dos prazeres e esperado por seu amor, ter casado, ser mãe, exercer uma dupla jornada de trabalho sem abrir mão da família, ser cristã. Seu valor se dava pelas vivências que teve, mais que isso, por ter resistido ao ímpeto de suas angústias, ao desejo da morte e ao sofrimento ocasionado pela espera de um marido.

Ressaltar tais características na construção do heterônimo da conselheira Helenice contribui para pensar o modelo de mulher idealizado pela mídia no início dos anos 1950. Desse modo, interrogar tais preceitos provoca reflexões sobre o que é “ser mulher”; o que representa a felicidade, o trabalho e a família nesse período. Assim, importa desnaturalizar conceitos legitimados pela imprensa, através de pesquisas sobre gênero e história das mulheres na perspectiva da história da educação.

3 ABRA O SEU CORAÇÃO: PUBLICAÇÕES EFÊMERAS PRESCRITAS PARA A LEITURA DE MULHERES

O que podem nos oferecer cartas sobre o amor, inquietações amorosas de “tristes leitores” e “inconsoláveis leitoras” publicadas em jornal? Quais possibilidades de análise um correio sentimental proveria para a história da educação? São questões que precisamos indagar.

É, pois, o que há de efêmero em uma literatura escrita às pressas, com personagens e sentimentos sem uma elaboração muito profunda, que nos mostra uma maior proximidade com o cotidiano das leitoras e dos leitores que buscavam no jornal momentos de informação, lazer e entretenimento, como também de imaginação, sonhos e fantasias. Por meio do correio sentimental publicado no jornal é possível perceber representações de ideias que contribuíram para pautar comportamentos e compunham, assim, o imaginário da vida cotidiana dessas pessoas. (ZECHLINSKI, 2006).

Nesta pesquisa buscamos problematizar uma história de formação do leitor, nas fronteiras com a História da Educação a partir de publicações que circulam em tempos e espaços em que a escola não necessariamente está presente. A educação é aqui percebida em um sentido mais amplo, que não se limita a sala de aula ou a práticas escolares. “A relação das leituras ordinárias com a escola formal remete à continuidade e à imbricação dos processos de educação do homem em e para a sociedade.” (CUNHA; Et Al, 2009, p. 3).

Ressaltamos então a noção de um processo civilizador a partir do impresso. Processo esse que reorganiza “(...) os relacionamentos humanos que se fez acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem, cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e de sentimentos civilizados”. (ELIAS, 1993, p. 195).

Dessarte, este capítulo, para além da formação de leitores, analisa representações de gênero presentes no correio sentimental *Abra o seu coração* propondo reflexões sobre como, no correio sentimental, eram elaboradas as imagens do masculino e do feminino, assim como da concepção de família e das relações amorosas.

3.1 *Abra o seu coração* e seus protocolos de leitura

A coluna *Abra o seu coração* consiste em um correio sentimental dedicado a responder às inquietações amorosas de suas leitoras e leitores. Assinada por Helenice, heterônimo de Vinicius de Moraes, a princípio a seção foi publicada no caderno feminino de *Flan: o jornal da semana*. Em seguida, acompanha as mudanças editoriais do jornal. Então, perde o caráter de segmentação de seu público-alvo, caracterizado pelo caderno feminino, e torna-se uma coluna itinerante, publicada em páginas diversas do jornal¹⁰³.

A coluna circulou entre abril e novembro de 1953. Foi interrompida após sua trigésima edição a pretexto de uma viagem da conselheira Helenice para a Europa. Retorna às páginas de *Flan* em março de 1954. Contudo, nesse período, assinada por Suzana Flag, heterônimo de Nelson Rodrigues.

O correio sentimental propunha um espaço no semanário para orientar suas leitoras e leitores sobre como deveriam ser e se portarem em relação aos seus sentimentos, condutas morais e as formas corretas de fazerem uso dos prazeres. A seção intentava direcionar o comportamento de seus leitores tanto no âmbito público quanto no privado, visto que as prescrições indicadas pela conselheira deveriam ser percebidas como algo natural e próprio de uma essência¹⁰⁴ que caracterizaria o que é “ser mulher” e “ser homem” nos anos 1950.

A correspondência publicada no jornal traz à cena temas pertinentes à vida privada dos leitores tais quais amores correspondidos ou não, desejos de matrimônio, decepções amorosas como infidelidade e solidão, e também conteúdo sobre moda, beleza, saúde e assuntos cotidianos. Em um primeiro momento podem parecer amenidades, contudo os anseios dos leitores conduzem a um debate sobre questões sociais do seu cotidiano, tais como noções de eugenia na constituição da família, a aprovação do divórcio, violência doméstica, trabalho e educação de mulheres e homens.

Em seu formato, *Abra o seu coração* expunha um fragmento das cartas selecionadas precedido do pseudônimo da leitora ou leitor e de sua localização, que poderia ser um bairro, cidade ou estado. Em seguida, Helenice prescrevia a conduta aconselhada para cada ocasião, ao mesmo tempo em que narrava as missivas dos leitores. Portanto, no correio sentimental prevalece o ponto de vista da conselheira na narrativa construída sobre os relatos dos leitores.

¹⁰³ Ver quadros 16 e 17

¹⁰⁴ Este estudo compreende a feminilidade e a masculinidade como construções sociais e culturais a partir da perspectivas próprias de cada sociedade (MARCH, 2011).

Imagem 17 - Coluna *Abra o seu coração*, edição 10

PASSATEMPO PASSATEMPO PASSATEMPO P

Abra o seu coração

CARTAS boas, de seres bons — um sujeito único problema é o timidez para viver; e outro, um santo, positivamente um santo em nosso mundo de pânico. Cartas amigas que, num dia triste — pois Helenice também os tem — me recomfirmaram a alma e deram-me novas forças para continuar. Talvez com seus signatários fosse o caso de inverter os papéis, ser Helenice a que escreve e a que se queixa, e eles os seus conselheiros. Muito obrigado a vocês dois, a quem eu respondo abaixo, pela clareza de vossos corações e pela bondade de vossas almas. Vocês me trouxeram, como a fonte encontrada na solidão, a água fresca da vossa generosidade humana.

CICERO DA SILVEIRA — RIO DE JANEIRO —
 "Oh, alma boa que acolhe a nobilíssima missão de consolar os aflitos, reconduzir os transviados, estimular os desanimados e reabilitar os perdidos nas densas trevas de um mundo desigual, recebi mais estas palavras do amor puro e são, saído de meu coração reconhecido, etc., etc."

O sr. estava inspirado quando me escreveu sua boa carta, sr. Cicero. O sr. diz que eu sou "a Caridade manifestada num corpo de Mulher", que eu sou "uma Sabia, uma Iniciada nos mistérios do Ocultismo", que eu sou "um Apostolo com a missão de consolar os aflitos e encaminhar os desajustados morais na senda de Deus e do Bem". Meu caro sr. Cicero, são tudo lantejoulas de sua parte... A pobre Helenice não é nada disso. Helenice é um, poderia ela própria lhe pedir alguns conselhos, porque, pela sua carta, o sr. é que devia estar aqui, e não eu. Sua carta é de um ser completamente bom e justo. Tão bom, tão justo que, diante do sr. só resta a Helenice curvar sua pobre cabeça de mulher e pedir desculpas de sua imperfeição humana.

Inestético — Pindamonhangaba — "Estou escrevendo a você porque tenho por hábito ler sua esplêndida seção nesse magnífico jornal que é FLAN... Tenho 36 anos de idade e tenho um emprego modesto em um escritório comercial. Sou solteiro. Nunca tive um caso amoroso na minha vida. Amei platonicamente e sem nunca confessar, a algumas mulheres".

Você, Inestético, se confessa além do mais nervoso, pouca saúde, tímido e sem jeito no trato social. Diz não gostar de exportar e importar. Depois me pede para ensinar-lhe a viver solitário e ser mais ou menos feliz, pois — ajunta — gosta relativamente da sua solidão.

Depois ainda, me dá você a grande nova: está amando apaixonadamente uma menina, mas ela só tem 16 anos e: "...naturalmente não vai querer um homem relativamente velho e pobre, tendo ela um bom futuro, pois está no ginásio e vai ser normalista". Mas você diz compreender a situação, acha-se disposto a não esperar retribuição para o seu amor e quer saber o seguinte: se não será ridículo continuar a gostar dela, que, segundo você, às vezes o trata bem e às vezes ignora a sua presença. Acrescenta, no entanto, que esse amor impossível é tão bom que gostaria de continuá-lo "com uma música em surdina, que sussurra a minha vida".

Meu caro Inestético, em primeiro lugar muito obrigada pelo adjetivo "esplêndida" com que você classifica esta seção. Tanto melhor se você a vê com tão bons olhos. Helenice faz o que pode, e seu desejo é, realmente, servir aqueles precisados de um pouco de orientação. Dar uma demonstração, como se diz por aí. Dito o que, vejamos o seu caso: — quanta palavra deprimente você usa para se qualificar, meu amigo, a co-reçar pelo seu pseudônimo! Inestético! Francamente, considero sua modestia um pouco exagerada.

Eu, francamente, acho bobagem você ficar amando uma pessoa em silêncio. O amor é um sentimento que deve se afirmar, existir dentro da vida. Não sei se você conhece o verso do poeta Mário de Andrade: "Amor tem ser amado, era pinhões!". Eu, se fosse você, buscaria uma certeza, mesmo que ela venha a ser um golpe. Porque, meu caro, as mulheres dificilmente escapa um amor como o que você está tendo, e a sua sem-amada deve desconfiar. Se você não disser nada, veja o que lhe espera: amanhã sua musa se apalvora por outro, em face da sua indecisão, e você vai ficar roendo essa coisa danada que se chama uma dor de cotovelo. Não. Afirme-se, Inestético. Arranque dentro de você essas palavras Inestético, tímido, desajeitado. As mulheres ligam muito menos do que você pensa ao fato de um homem ser feio. Elas querem que ele seja um homem, isso sim. Seja um homem. Se lhe for impossível, escreva-nos normalmente, porque aí então meus conselhos serão outros. Mas não alimente um amor impossível, que só vai lhe fazer sofrer para o futuro.

HELENICE

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Nas primeiras 17 edições, Helenice introduz a seção com uma fala direcionada a todos os leitores da coluna. Nesse momento, a partir da literatura, ditados populares, música e, também, menções às suas experiências de vida, a conselheira, geralmente, propõe reflexões sobre temas abordados nas cartas que seriam publicadas a seguir. Há ainda ilustrações que reforçam a mensagem das missivas sobre os anseios dos leitores.

Posteriormente, a partir da edição 18, a coluna passa a ser escrita em um formato mais objetivo. Dentre as alterações, a fala introdutória de Helenice deixa de ser publicada e a ênfase recai ainda mais sobre os conselhos dados aos leitores, uma vez que os fragmentos das falas dos remetentes das cartas tornam-se bastante enxutos, por vezes, resumindo-se a uma linha. A contar da edição 21 as ilustrações deixam de ser publicadas. Ademais, a assinatura de Helenice, usualmente grafada em letra bastão maiúscula, recebe uma mudança estética para letra de mão nas edições 23 e 24.

Imagem 18 - Coluna *Abra o seu coração*, edição 23

Flash PSICOLÓGICO
FALANDO
COM A MENTE

A Arte de Fazer Rir Esconde a Tristeza e a Angústia de Um Ator
ALISTON, COM 35 ANOS, EXPRIME TUDO A BORDA DE SUA FOLHA

1933

Abra o seu coração

SERGIPANO - Aracaju — ... "ou acabar o namoro ou pedi-la em casamento..."

Na minha opinião, nem uma coisa nem outra por enquanto, Sergipano. O essencial a fazer é levar sua noiva a um bom médico, de sua inteira confiança e submetê-la a um tratamento rigoroso, regime alimentar, etc. Conversar com meu médico a respeito do que me perguntou (pois não estou credenciada a dar-lhe uma opinião abalizada sobre o assunto) e ele me declarou o seguinte:

- 1) Os filhos de uma diabética podem ser normais e saudáveis.
- 2) E' absolutamente possível a uma moça de 19 anos curar-se radicalmente dessa doença.

Apesar disso, insisti em que a moça deve iniciar o quanto antes o tratamento, pois nunca é aconselhável que uma pessoa se case doente. Tenha um pouco de paciência, Sergipano, cuide bem de sua noiva durante alguns meses e depois case-se com ela, pois diabete nunca foi motivo para afastar duas pessoas que se gostam.

RENATO CINTRA - São Paulo — ... "mais uma vez volto à sua presença..."

Volte quantas vezes quiser, Renato, a casa é sua. Suiba porém, que não há muito mais o que dizer do caso. Sua carta, apesar de longa, não expõe propriamente nenhum problema. Você limitou-se a me relatar algumas peripécias do seu namoro, que me parecem bastante normais. Que mais quer você? Um namoro tipo "mar de rosas", sem incidentes, sem brigas, sem dúvidas, sem preocupações? Isso não existe, moço. Amor é assim mesmo, complicado, esquivo, às vezes até cruel. Toque o barco para a frente, vá levando, como diz o povo, que está tudo bastante normal. Use sua imaginação para fazer aumentar o interesse de sua namorada. Mostre-se mais seguro de si, mais indiferente, menos ansioso. Deixe que ela tome um pouco as iniciativas, pois me parece que é a sua própria atitude, um pouco ardente de mais, que esfria o entusiasmo da moça. A mulher também gosta de conquistar além de ser conquistada, meu amigo. Não custa nada fazer a vontade delas um pouquinho...

Venda-se um pouco mais caro e verá como as coisas mudam. E escreva-me depois, dizendo se estou ou não com a razão. Mas preste bem atenção: quando digo para você mudar de tática não estou de maneira alguma insinuando grosserias ou atitudes de Robert Mitchum, que humilhem a moça ou a façam perder o respeito. Apenas uns toques de inaférence aqui e ali e um certo mistério de sua parte serão o suficiente. O que sua namorada precisa é descer um pouquinho desse pedestal em que você mesmo a colocou, deixando-a convencida de que é a dona da parada...

Helenice

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

As mudanças sinalizam uma maior ênfase às prescrições de Helenice, ou seja, ao comportamento prescrito à leitora ou ao leitor. O formato objetivo da coluna suprime ainda mais o contexto vivenciado pelos leitores remetentes das cartas e suas emoções. Desse modo, a coluna deixa de individualizar os conselhos de Helenice com vistas a uma situação específica vivenciada por um leitor, para generalizar o que se deve fazer em ocasiões similares. Tais investimentos sinalizam o anseio de reformular a coluna.

Outro apontamento nessa direção é o caráter itinerante de *Abra o seu coração* em *Flan*. O correio sentimental compartilha espaço com diferentes seções do jornal ao longo de suas 30 publicações no ano de 1953. A princípio, a coluna *Abra o seu coração* é publicada na página de passatempo junto às palavras cruzadas, horóscopo semanal e dicas de xadrez. Posteriormente, acompanha as quatro primeiras edições do lançamento do romance folhetim *A Mentira*, de Nelson Rodrigues da edição 11 a 14. Nessas edições, há também espaço para publicidade.

Quadro 16 - Itinerância de *Abra o seu coração em Flan*, edições 01 -14

Edição de <i>Flan</i>		01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14
Seção	Passatempo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	---	---	---	---
	Folhetim	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	X	X	X	X
	Propaganda	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	X	X	X	X

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Nas edições posteriores, *Abra o seu coração* é publicada junto à seção *Flash Psicológico Professor Baskarán* da edição 15 a 19 e da edição 22 a 30, algumas vezes, junto a propagandas. A seção *Flash Psicológico* entrevistava artistas como Ruth de Souza, Cacilda Becker, Rodolfo Mayer, Amaral Gurgel e outros, com a proposta de abordar assuntos tanto pessoais quanto profissionais que marcaram a trajetória dos artistas entrevistados.

Nas edições 20 e 21 o correio sentimental compartilha espaço respectivamente com as crônicas *A Madrugada* e *Trocador de ônibus* de Orígenes Lessa.

Quadro 17 - Itinerância de *Abra o seu coração em Flan*, edições 15-30

Edição de <i>Flan</i>		15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
Seção	Flash Psic.	X	X	X	X	X	---	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Crônica	---	---	---	---	---	X	X	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Propaganda	---	X	X	---	X	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Na edição 20 são anunciadas mudanças no formato do jornal. Dentre elas, é criado um índice com as principais páginas do semanário, de modo a substituir a organização de *Flan* em cadernos não estanques para homens, mulheres e crianças. Assim, *Abra o seu coração* se afasta ainda mais da proposta de direcionamento exclusivo para o gênero feminino, uma vez que deixa de ser publicada em um caderno pensado para mulheres. Além disso, um aspecto relevante é que a maioria das cartas publicadas no período analisado era remetida por homens. Fato que nos despertou atenção, em especial, face à localização da coluna, a princípio, em um caderno direcionado ao público feminino.

Quadro 18 - Sexo leitores *Abra o seu coração*

Sexo <i>Abra o Seu Coração</i>	
Mulheres	27
Homens	49
Não Identificado	14

Fonte: Flan: o jornal da semana, 1953

Das 90 cartas de leitores publicadas, 49 foram remetidas por leitores identificados como homens, enquanto 27 por leitoras identificadas como mulheres e 14 não identificadas.

Isto é, o quantitativo remetido por homens corresponde a mais da metade das cartas publicadas¹⁰⁵.

Desde a primeira edição, a seção se propõe a dialogar com leitores de ambos os sexos, tal como sinaliza o vocativo anunciado por Helenice para convidar os leitores do jornal a remeterem cartas: “MEU TRISTE LEITOR, MINHA INCONSOLÁVEL LEITORA”. Desse modo, há uma ruptura na segmentação do público leitor esperado para o caderno feminino. Não obstante, notamos a expansão do alcance dos discursos moralizantes também para o público masculino. O correio sentimental torna-se então uma fonte privilegiada para o estudo sobre a produção e a circulação de saberes e significados sobre as tensões que constituem as relações de gênero no Brasil naquele período. Ainda que os leitores “não orientassem seus comportamentos estritamente por modelos ficcionais, a aceitação das histórias pelo público nos leva a crer que essas imagens contribuíam para formar (...) valores (...) sobre (...) as diferenças de gênero.” (ZECHILINSKI, 2006, p.43).

Em um primeiro momento, dois aspectos nos chamaram a atenção quanto a esse objeto de estudo. Por um lado, trata-se de uma escrita pouco conhecida de Vinicius de Moraes, intelectual brasileiro de prestígio e bastante referenciado por sua condição de poeta, músico e diplomata. Por outro, a partir dessa correspondência publicada em jornal, uma escrita efêmera, quase que condenada ao esquecimento, é possível pensar de forma relacional os deveres e direitos de mulheres e homens em suas relações amorosas: namoro, noivado, casamento e outras.

Deve-se atentar para uma dupla faceta atribuída ao termo “relacional”, ao problematizarmos a correspondência em questão. O termo tanto se refere à delimitação dos papéis feminino e masculino a construir noções de gênero quanto à relação traçada entre os leitores remetentes de cartas e a resposta da conselheira Helenice.

Logo, a análise da coluna *Abra o seu coração* nos permite refletir sobre a diferenciação entre os sexos, em especial, sobre pressupostos de características constitutivas da identidade do feminino e do masculino. Joan Scott (1995) no artigo *Gênero: uma categoria útil à análise* estabelece duas proposições a fim de conceituar gênero: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86).

¹⁰⁵ O parâmetro referenciado para a contagem das cartas foi a localização indicada pelos leitores. Assim sendo, a edição 14 de *Flan*, que publica receita contra calvície a pedido de inúmeras leitoras e leitores, responde a 14 cartas.

As proposições de Scott (1995) permitem, ainda, problematizar gênero como um conceito relacional delimitado em constantes tensões nas relações sociais entre mulheres e homens. Scott traça como desafio da nova pesquisa histórica “fazer explodir essa fixidez (...) que leva à aparência de uma permanência intemporal na representação binária de gênero.” (SCOTT, 1995, p. 87).

Por outro lado, Ângela de Castro Gomes (2004) adverte que a escrita epistolar é uma prática intrinsecamente relacional, no sentido de haver sempre um autor/emissor e um destinatário. Quem escreve, escreve para alguém. O pacto epistolar envolve “receber, ler, responder e guardar cartas.” (GOMES, 2004, p. 19).

Por essa vertente, Foucault (2012) nos faz pensar em um insistente cuidado ético em cercear a sexualidade, alvo de constantes interdições, muitas vezes, feitas por intermédio de textos prescritivos a exemplo de cartas, coletâneas e discursos que têm como principal objetivo propor regras de conduta. Para Foucault (2012), os textos práticos, isto é, os que são objetos da prática, visam construir a armadura da conduta cotidiana, uma vez que foram feitos para serem lidos, apreendidos, meditados. Tais textos cumprem o papel de fazer com que os indivíduos zelem por sua conduta e se interroguem sobre ela como sujeitos éticos.

Importa-nos pensar a coluna *Abra o seu coração* junto a outras publicações para mulheres produzindo, em certa medida, ordem no discurso (FOUCAULT, 2011). Notamos que no contexto dos anos 1950 há uma preocupação constante da sociedade em normatizar e controlar a sexualidade feminina, reiterada, inclusive, pelo discurso de impressos (PINSKY, 2014).

Destarte, há o florescimento de um segmento editorial de publicações especializadas para moças com vistas a conduzi-las a modelos comportamentais com parâmetros de certo e errado, “para que as próprias mulheres possam se policiar e também umas às outras. Mesmo nos espaços de descontração (festas, passeios, praias...) (...)” (PINSKY, 2014, p.58).

Os livros e a leitura foram importantes dispositivos para o combate ao ócio feminino que poderia dar origem a maus pensamentos, “desejos inconfessáveis, necessidades estranhas e, por isso, ser extremamente pernicioso à formação feminina.” (CUNHA, 1999, p.30). A então hegemônica Igreja Católica passa a recomendar aos fiéis a leitura de “romances honestos” capazes de encenar lições morais e favorecer a edificação da alma e do caráter.

A pesquisa realizada por Maria Teresa Santos Cunha (1999) ao estudar os romances de M. Delly¹⁰⁶ pontua que romances franceses aprovados pela Igreja Católica e traduzidos em

¹⁰⁶ “Obras de um casal de irmãos franceses que usam o pseudônimo de M. Delly.” (CUNHA, 1999, p.34).

Portugal circularam no Brasil a partir de 1920. As edições tiveram grande aceitação, em especial, entre jovens e normalistas. Eram considerados romances para a família, “leitura para senhoras e senhoritas, cuja moral cristã seria conveniente preservar” (CUNHA, 1999, p.35).

Os romances de M. Delly circularam no Brasil em edições baratas que poderiam ser adquiridas em livrarias e bancas de jornal. O enredo dos romances privilegiava o tema do amor, sentimento “capaz de vencer barreiras sociais e fazer a heroína, em geral órfã ou ‘enjeitada’, casar com o herói, aristocrata e rico (...) as histórias sempre terminavam em casamento.” (CUNHA, 1999, p.35).

Esse é também o caso de coleções como *Menina e Moça* lançada no Brasil pela Livraria José Olympio Editora, publicada entre os anos 1930 e 1960. A coleção reúne pequenos romances, de aproximadamente 200 páginas, de apurada qualidade gráfica e preço acessível. Destinava-se às leitoras de 10 a 16 anos, grupo social híbrido que transita entre a condição de menina e o lugar da mulher (SILVA, 2014).

Um dos atrativos dos romances da coleção era a construção de enredos atraentes dosando-se “a fantasia e as sóbrias leis do mundo real.” (SILVA, 2014, p.530). Os livros consistiam em traduções da Bibliothèque de Suzette, uma coleção para meninas e moças publicada na França.

Márcia Cabral da Silva (2010), ao analisar catálogos da Livraria José Olympio Editora, observa que a coleção *Menina e Moça* é anunciada na seção do leitor católico em meio a títulos religiosos como: *Memórias de Santa Teresa de Jesus, São Francisco de Assis e a Pessoa Cristã*. Com destaque ainda para títulos produzidos pelo educador católico Padre Álvaro Negromonte com a chancela da Livraria José Olympio Editora: *Noivos e esposos* (Problemas do Matrimônio), *A educação sexual* (Para pais e educadores), *O caminho da vida* (Moral Cristã). Tais publicações faziam circular a literatura religiosa para além do âmbito confessional.

No catálogo da editora, intelectuais católicos e críticos literários, como o Padre Álvaro Negromonte, Alceu de Amoroso Lima e Tristão de Ataíde, davam o aval à coleção *Menina e Moça* louvando a iniciativa da publicação e a qualidade da obra. Romances para moças eram avaliados com cautela, “como se houvesse uma grande ameaça de ordem moral estreitando as jovens leitoras.” (SILVA, 2010, p.96).

Nessa direção, aproximamo-nos também do estudo realizado por Liana Santos (2011). A pesquisadora apresentou em sua dissertação de mestrado, intitulada *Mulheres e Revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos de 1950*, análise dos discursos veiculados em propagandas, artigos e colunas

relacionadas à vida feminina e à adaptação desse público às novas formas de sociabilidade pertinentes ao contexto dos anos 1950. Além disso, observou aspectos que concernem a uma proposta de civilização e modelação social através do impresso.

Em sua pesquisa, Santos (2011) ressalta a massificação de discursos prescritivos apoiados em condutas e valores socialmente estabilizados de modo a caracterizar uma identidade feminina dita tradicional ao lado de elementos que ressaltam a constante negociação de tais mensagens e prescrições com a realidade social em um contexto de constante mudança:

A imprensa feminina assumiu dois aspectos de destaque no que diz respeito à sua função social. Por um lado, ela emergiu como parte do processo de industrialização brasileiro, configurando um espaço de divulgação da cultura de massa de seu tempo. Por outro, veiculou vozes críticas referentes às mudanças sociais em voga nos anos 1950, podendo, inclusive, ser empregada como instrumento de educação para a mulher. (SANTOS, 2011, p. 57).

A autora reforça que, embora a imprensa feminina tivesse um caráter não-formal, sua influência situa-se no fato de que sua disseminação era grande, atingindo, em especial, mulheres das camadas médias e dominantes, considerando-se ainda a possibilidade de uma abrangência de um público leitor maior, uma vez que as revistas estariam nas casas das pessoas em contato com as famílias.

Concomitante às referidas publicações, circulavam em jornais diários e semanários, a exemplo de *Flan*, produções também prescritas para as mulheres, organizadas em páginas ou cadernos femininos. Estratégias editoriais que criam espaços para mulheres em jornais, geralmente, pensados por e para homens, com vistas a alcançar um público segmentado e aumentar a tiragem de periódicos.

Nesse contexto, os discursos e prescrições comportamentais difundidos pelo correio sentimental *Abra o seu coração* contribuíam para a elaboração de modelos de mulher e homem. Idealizando, assim, padrões de comportamento e estilos de vida que poderiam ser reproduzidos por leitoras e leitores, cumprindo, desse modo, um importante papel social que consiste em educar os leitores.

Observamos que jornais, com custo reduzido em comparação à revistas ou livros, chegam às mãos do consumidor com um preço mais competitivo. Algumas vezes são pensados como espaços recomendados “para família”, portanto, consumidos por homens, mulheres e crianças.

Em termos de comparação, o leitor que desejasse adquirir um livro da coleção *Menina e Moça* “em bela encadernação formato percaline” precisaria investir Cr\$25,00 conforme o catálogo do ano de 1949. No mesmo catálogo, o volume encadernado em brochura custava Cr\$16,00 (SILVA, 2014). O preço do número avulso da revista *Vida Doméstica* nos anos 1950 era Cr\$10,00 (SANTOS, 2011). Por outro lado, o jornal *Flan* manteve o preço de Cr\$03,00 nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo e Cr\$04,00 nos estados do interior do país durante seu período de circulação (1953-1954), sendo esta uma publicação semanal que poderia ainda ser adquirida por assinatura anual de Cr\$150,00 no Rio de Janeiro e São Paulo ou Cr\$ 200,00. Desse modo, para a leitura mensal do hebdomadário, o leitor residente no Rio de Janeiro ou São Paulo investiria o total de Cr\$09,00 e Cr\$16,00 o leitor que residisse em cidades do interior.

As referidas publicações para mulheres, meninas e moças têm em comum discursos sobre formas de conduzir a vida privada. Teresa Malatian (2012) denomina “florescimento da narrativa” a valorização dos estudos autobiográficos iniciada anos 1980. A partir de então ocorre a “revalorização do indivíduo, da vida privada e dos estudos sobre cultura, abrindo um espaço importante para os escritos biográficos e autobiográficos.” (MALATIAN, 2012, p.195).

Por esse viés, entendemos que a carta expressa uma representação de uma forma de vida concreta, isto é, o reflexo de uma maneira de se pensar e conceber o mundo. Trata-se, portanto, de uma representação da sociedade em que foi produzida (BLAS, 2003). Nesse sentido, Ângela de Castro Gomes (2004) assinala aproximações entre os estudos autobiográficos e a História da Educação:

No campo da História da Educação, as razões para se dar atenção a esse tipo de escritos [autobiográficos] são bastante evidentes. Tratando-se de disciplina que se volta para o estudo de processos de aprendizagem e ensino de leitura e de escrita, práticas culturais como as de escrita de si são um prato cheio de interesse. Escrever cartas sempre foi um exercício muito presente em qualquer sala de aula, além de ser um veículo fundamental de comunicação entre a escola, as famílias e os alunos. (GOMES, 2004, p.9)

Observa-se que a correspondência em análise é de cunho extremamente íntimo, no entanto, é publicada em jornal, um espaço notoriamente público. Marialva Barbosa (1997) assinala que o jornal, ao se colocar como intermediário entre o público e a sociedade, cria uma auto-identidade singular para se afirmar como “o lugar de difusão da verdade” (BARBOSA, 1997, p.99). Por outro lado, os jornais dedicam os espaços mais nobres para publicar cartas de leitores no intuito de manter um diálogo com seu público (VAZ, 1999).

Desse modo, interrogamos os hábitos, práticas e valores partilhados na década de 1950. Para tanto, assumimos, com Chartier, que:

(...) as representações [veiculadas no impresso] não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou espectadores de que o real corresponde ao que elas dizem ou mostram. (CHARTIER, 2011, p. 27).

Tal visão nos ajuda a pensar na dinâmica das representações sobre leitura existentes nas práticas discursivas presentes no semanário *Flan*. Chartier define representação como “instrumento de conhecimento mediador que faz ver um jogo ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstruir em memória e de figurar como ele é.” (CHARTIER, 1990, p. 21). Ao propormos contribuições para uma história da formação do leitor, temos em mente que:

O (...) leitor e é sempre pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão concreta; a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos de refreá-la. (CHARTIER, 2011, p.123).

Portanto, a questão que orienta este estudo consiste em problematizar as expectativas de relacionamentos amorosos veiculadas nos discursos presentes na coluna *Abra o seu coração*. Dentre os questionamentos que nos norteiam destacamos: Quais são as motivações para a escrita de cartas sentimentais para o jornal? Qual o contexto de produção das cartas? Sobre o que escrevem? Qual é o aconselhamento prescrito para cada situação?

Para tanto organizamos este capítulo em três tópicos que foram eleitos como categorias de análise: 1) Cartas de adultério; 2) Amor, o destino das mulheres; 3) Correspondência masculina: as dores dos homens. Então, quando possível, analisamos as cartas publicadas junto a fontes oficiais como o Código Civil de 1916 e o Código Penal de 1940, no intuito de perceber o que era a norma, quais os anseios relatados pelos leitores e quais eram os conselhos prescritos por Helenice.

3.2 Cartas de Adultério: entre a violência doméstica, abuso sexual, a questão do trabalho, divórcio e a guarda dos filhos

Dentre as 90 cartas de leitores publicadas na coluna assinada por Helenice, 14 matizam os temas adultério e infidelidade, sendo juntos o segundo tema mais recorrente na seção, atrás apenas da desejada receita contra a calvície que mobilizou pelo menos 22 leitores. Não há neutralidade na seleção das cartas, uma vez que, “ao insistir por determinados temas ou omitir outros, a imprensa acaba influenciando na escolha do que será discutido pela sociedade e, até mesmo, na forma com que o assunto será abordado.” (VAZ, 1999, p. 37).

Conforme pesquisa de Bessanezi (2007), a infidelidade feminina não era um tema comum na imprensa nos anos 1950, com a justificativa do receio das mulheres alimentarem fantasias românticas ou se deixarem seduzir por “maus” modelos masculinos. Além disso, buscava-se evitar a promoção do tema do descontentamento feminino com a vida matrimonial, muitas vezes circunscrita a uma relação sem demonstrações de afeto ou, ainda, à infidelidade do marido. É nesse contexto que Helenice, com frequência, optava por histórias sensacionalistas, privilegiando em sua coluna o polêmico tema da infidelidade, trazendo uma narrativa sobre intrigas familiares e orientando suas leitoras e leitores sobre como proceder.

Importa-nos assinalar que o Código Penal de 1940 (lei nº 2.848) criminalizava a prática do adultério com pena de quinze dias a seis meses de detenção.

Art. 240. Cometer adultério:

Pena - detenção, de quinze dias a seis meses.

§ 1º Incorre na mesma pena o co-réu.

§ 2º A ação penal somente pode ser intentada pelo cônjuge ofendido, e dentro de um mês após o conhecimento do fato.

§ 3º A ação penal não pode ser intentada:

I - pelo cônjuge desquitado;

II - pelo cônjuge que consentiu no adultério ou o perdoou, expressa ou tacitamente.

§ 4º O juiz pode deixar de aplicar a pena:

I - se havia cessado a vida em comum dos cônjuges;

II - se o querelante havia praticado qualquer dos atos previstos no art. 317 do Código Civil. (BRASIL, 1940).

Tal *status* de crime em relação ao adultério foi revogado apenas em 2005, pela lei nº 11.106¹⁰⁷. Contudo, podemos supor que até 2005 houve uma série de transgressões criminosas

¹⁰⁷ Conforme o Art. 5º da Lei nº 11.106 de 28 de março de 2005. “ Ficam revogados os incisos VII e VIII do art. 107, os arts. 217, 219, 220, 221, 222, o inciso III do caput do art. 226, o § 3º do art. 231 e o art. 240 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal.” Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111106.htm>

em relação a um comportamento de fidelidade esperado. O que poderia ser verificado, por exemplo, através da pesquisa em arquivos policiais, como propõe Rachel Soihet (2007) em *Mulheres Pobres e Violência de Gênero*¹⁰⁸ e Kety March no artigo *Masculinidades em discurso*¹⁰⁹. Contudo, os anseios dos sujeitos, seus sentimentos e dúvidas perderiam evidência ante a sua criminalização. A historiadora Arlette Farge (2009) assinala que a documentação em guarda de arquivos policiais e judiciais difere dos outros impressos, por se tratar de um conjunto de informações obtidas à revelia dos cidadãos acusados ou investigados. Informações sobre as quais os sujeitos não têm controle algum. Nas palavras de Farge,

O impresso é um texto dirigido intencionalmente ao público. É organizado para ser lido e compreendido por um grande número de pessoas (...). Nada a ver com o arquivo; vestígio bruto de vidas que não pediam absolutamente para ser contadas dessa maneira, e que foram coagidas a isso porque um dia se confrontaram com as realidades da polícia e da repressão. (FARGE, 2009, p.13).

Propomos, nos limites deste estudo, uma aproximação das vivências relatadas por pessoas comuns, seus próprios anseios e questionamentos. Por intermédio das cartas, “abre-se a possibilidade de se (re)conhecer outras maneiras de viver e de narrar o vivido. Com elas enfim ‘devolvemos’ uma certa visibilidade a certos protagonistas anônimos do acontecer coletivo” (GÓMEZ, 2000, p.11).

A partir da análise de cinco cartas sobre adultério, três remetidas por mulheres e duas por homens, indagamos aqui: Quais são as expectativas amorosas das leitoras e leitores da coluna *Abra o seu coração*? Qual é o aconselhamento prescrito para cada caso de adultério?

3.2.1 A carta de João Baptista de Tal

João Batista de Tal – São Paulo – “... e já tenho pegado-a em flagrante adultério... ela me atraiçoa, quero arranjar outra, mas me faz dó a reputação da filha, para casar, e mesmo manchar a reputação de dois filhos que são homens... penso em matar a

¹⁰⁸ O estudo privilegia as fontes policial e judiciária para se aproximar do cotidiano de mulheres e homens das classes populares. Ver: SOIHET, Rachel, *Mulheres Pobres e Violência de Gênero*. In: PRIORE, Mary Del (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁰⁹ O trabalho analisa a construção da subjetividade masculina em processos criminais da comarca de Guarapuava na região central do Estado do Paraná. Ver: MARCH, Kety Carla de, *Masculinidades em discurso: representações e subjetividades em processos criminais no interior do Paraná (1950-1959)*. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – AMPUH*. São Paulo, junho, 2011.

minha mulher para me ver livre do ultraje e morrer também, suicidar-me depois de assassinar esta, ou desertar da capital para não mais ser visto...”.

Desculpe-me, meu amigo, ter posto êsse “de Tal” como seu sobrenome, mas a verdade é que o senhor não me mandou um pseudônimo para eu lhe escrever. O senhor mandou seu nome de verdade. Da próxima vez diga-me como devo chamá-lo nesta seção.

Não, sobretudo não cometa nenhum gesto impensado, não mate sua mulher, nem pense na loucura de se matar. O Sr. é um homem digno, por isso mesmo que está pensando primeiro nos seus filhos, que são a coisa mais importante que há no mundo. Não faça nenhuma bobagem, o senhor que não é mais criança e tem tanta responsabilidade.

Sua mulher, evidentemente, não gosta mais do Sr., além disso, não me parece pessoa de muito bom caráter, para andar se entregando assim a tudo quanto é homem. Faça o seguinte: se, para poupar seus filhos, é necessário que o Sr. continue com ela, da primeira vez que ela lhe pregar alguma peça, pegue-a a jeito e dê-lhe uma boa surra, para ensinar-lhe a ficar pelo menos bem comportada. Depois tenha uma conversa com ela nesse sentido, na ocasião de fazer-lhe os curativos. Mas não perca a cabeça quando der nela. Dê cientificamente, como se faz com uma criança: e sobretudo para que não tenha polícia metida no meio da história.

Faça isso e me escreva depois. Se não der certo, então mande-a embora, porque mulher assim não presta para nada, nem para ser mãe. Tenho a certeza de que seus filhos compreenderão seu gesto. (*Flan*, 11- 16 de mai. 1953, Abra o seu coração, p. 10)

A conselheira mantém vínculos de amizade com seu correspondente ao referir-se a ele como “meu amigo” e mostra-se solidária com o drama de João Batista de Tal. Seu discurso carrega marcas de emoção e afetividade, uma estratégia de aproximação com o público leitor. Mais do que palavras de consolo, Helenice propõe orientações de conduta. A conselheira orienta seu leitor – “Faça o seguinte” –, então prescreve suas recomendações. Em seguida, adverte – “Faça isso e me escreva depois” – mostrando-se interessada, além de disponível para acompanhar as consequências dos atos leitor.

Nos anos cinquenta, as esposas infiéis não deveriam esperar compreensão social. As adúlteras poderiam ser severamente criticadas e punidas. A honra do marido dependia, em parte, do comportamento de sua esposa; “o castigo violento ou o crime passionai contra a mulher, real ou supostamente, infiel eram comumente perdoados pelas autoridades da lei” (BESSANEZI, 2007, p. 614). Segundo Bessanezi (2007), a separação nos casos de infidelidade da esposa era quase inevitável, acreditava-se que uma mulher adúltera dificilmente seria uma boa mãe.

Na prescrição acima, observa-se a naturalização da violência¹¹⁰ doméstica como prática cotidiana. Tratava-se de uma forma de chamar a atenção da moça a fim de dominá-la física e moralmente. A submissão deveria ser assumida pela mulher no âmbito do

¹¹⁰ Segundo Chauí (1985) a violência é definida como “[...] a violação ou transgressão de normas, regras e leis, mas sob dois ângulos: a violência, por um lado, é uma conversão de diferenças e relações assimétricas, visando dominar, explorar e oprimir o outro; e, por outro, é uma ação que não considera o ser humano como sujeito, mas como uma coisa ou um objeto.” (CHAUÍ, 1985, p.35).

casamento. Pinsky (2012, p.846) em sua pesquisa sobre os anos dourados infere que a mulher nos anos 1950 deveria se colocar sobre a proteção do marido “a quem deve amar sem impor condições”. Caso a esposa não corresponda às expectativas, “poderá de acordo com o costume e sem que ninguém meta a colher, receber uma boa surra daquele com quem se casou e, por isso, tem autoridade para aplicar-lhe corretivos.” (PINSKY, 2012, p. 486).

A traição feminina geralmente não era perdoada pelo parceiro e requeria uma punição, “é uma trama de sentimentos que consome a ambiguidade do sujeito amoroso: ciúme, despeito, desejo de morte, dor, sob o julgo da paixão martirizante, alia-se à ânsia de punir a transgressora, levando-o ao desejo de vingança.” (MATOS, 2001). Nos anos cinquenta, “apanhar do marido por desobediência, indiscrição, insolência, desleixo nas tarefas domésticas é perfeitamente aceitável, desde que não haja excessos.” (PINSKY, 2012, p. 486). Quem define o que é excesso?

As palavras de Helenice legitimam, em certa medida, a ação reparadora do marido que, na condição de vítima, poderia utilizar de práticas violentas, a fim de reparar o crime de adultério cometido pela esposa e previsto no Código Penal de 1940 com pena de reclusão de 15 dias a 6 meses. O termo “cientificamente” na fala de Helenice remete ao planejamento e consciência meticulosa de tal atitude. Note-se também o cuidado de não extrapolar questões da esfera privada para a pública com vistas a “poupar seus filhos”, também expressa em “para que não tenha a polícia metida na história”.

Conforme análise de Marilena Chauí (1985), a violência contra a mulher advém de uma lógica que define a condição feminina como inferior à condição masculina. Tais diferenças são postas como desigualdades hierárquicas a partir de discursos¹¹¹ masculinos sobre a mulher, os quais recaem, em especial, sobre o corpo da mulher. Chauí (1985) afirma que tais discursos ditos masculinos são proferidos tanto por homens quanto por mulheres, de modo a naturalizar a condição de inferioridade feminina.

No que diz respeito à prescrição da conselheira Helenice, sugere-se ainda a compreensão dos filhos ante a agressão, assim como o desprovimento do *status* de mãe da mulher ante seus filhos como decorrência do adultério expresso em: “mulher assim não presta para nada, nem para ser mãe.”. Nesse sentido, na carta acima, ao desprover a esposa do seu papel de mãe, João estaria retirando sua condição de mulher. Afinal, ser mãe de filhos legítimos é a “realização plena da feminilidade.” (PINSKY, 2012, p. 487).

¹¹¹ “Ao considerá-los discursos masculinos, o que queremos simplesmente notar é que se trata de um discurso que não se fala de fora sobre as mulheres, mas sobretudo que se trata de uma fala cuja condição de possibilidade é o silêncio das mulheres” (CHAUÍ, 1985, p. 43).

Ainda segundo Chauí (1985), o discurso masculino naturaliza e legitima a condição feminina expressa pela maternidade. A autora explica que as mulheres são “definidas como esposas, mães e filhas (ao contrário dos homens para os quais ser marido, pai e filho acontece apenas), [portanto] são definidas como seres para os outros e não com os outros.” (CHAUÍ, 1985, p. 47).

3.2.2 A carta de Lilian

LILIAN – RIO DE JANEIRO – “... Meu marido até hoje me persegue, procurando pretexto para me tirar meus filhos. Abandonei-o já faz tempo, e enquanto viveu comigo fazia tôda a sorte de falcatruas, não só com mulheres, como com dinheiro. Além disso, me batia, mesmo na frente das crianças. Eu gostava dele e por isso agüentei até onde pude, mas depois ficou demais. Hoje vivo quieta com meus filhos, mas sou moça, tenho vinte e sete anos e gostaria de refazer a minha vida.”

Pois é, Lilian. Uma mulher como você, educada do jeito que foi, sem a menor noção do que é um homem achando que aquele era o “príncipe encantado” de que tanto falavam nos livros de péssima literatura que andou lendo, casa-se com um tipo como o seu ex-marido e depois é obrigada a arrastar pela vida afora um castigo injusto, pelo simples fato de que nesta maravilha de país em que vivemos não há divórcio? Conseguem evitar que os filhos sofram com os freqüentes atritos dentro de casa, com as brigas e discussões? Não seria muito mais razoável, lógico, decente, humano e mesmo “cristão” que uma criatura como você se divorciasse desse indivíduo indesejável?

As razões da lógica saltam aos olhos, mas infelizmente até agora o preconceito tem levado a melhor.

O triste conselho que posso lhe dar, Lilian, é que tenha paciência e espere que meia dúzia de homens de boa-vontade se decidam a acabar com ridícula imposição de uma lei arbitrária que obriga uma mulher a pagar o resto de sua vida por um erro que comete na inexperiência de sua juventude. Esperar, Lilian e... protestar, protestar por todos os meios e modos. (*Flan*, 23- 29 de ago. 1953, Abra o seu coração, p.37).

A conselheira Helenice critica as idealizações da leitora Lilian sobre a vida conjugal aprendidas nos “livros de péssima literatura que andou lendo”. Lilian parece ter sido educada com acesso a livros seletos para moças. A relação das mulheres com a leitura de romances fora considerada nos séculos XIX e XX atividade perigosa, e “os perigos relacionavam-se a desastrosas influências em sua personalidade. Poderia provocar ideias pecaminosas, ao possibilitar identificação da leitora com atitudes adúlteras de alguns personagens, acreditavam alguns” (SILVA, 2010, p. 96).

Educada sem “nenhuma noção do que é um homem”, a leitora esperava por um “príncipe encantado” com um provável final feliz. No entanto, a realidade reservou para ela uma rotina marcada por violência doméstica e psicológica junto a um homem que “fazia tôda

sorte de falcatrua” com dinheiro e mulheres, sem ao menos poupar os filhos do casal das cenas de violência.

Lilian, apesar de gostar de seu marido, tomou a decisão de “abandoná-lo”. O desquite, contudo, naquele momento “era condenado por convicção religiosa, política e social (...) que consideravam o casamento fruto, antes de tudo, de um verdadeiro amor que está além e acima da carne e das fraquezas humanas.” (GUIMARÃES, 2016, p. 8). A leitora ainda moça, com 27 anos, deseja refazer sua vida, no entanto encontra obstáculos, dentre eles, manter a guarda dos filhos.

Diante do ocorrido, a conselheira tece duras críticas à legislação brasileira e à Igreja por recriminarem o divórcio: “Não seria muito mais razoável, lógico, decente, humano e mesmo ‘cristão’ que uma criatura como você se divorciasse desse indivíduo indesejável?”. Então convida a leitora à indignação e à luta por direitos civis, pela não conformação: “protestar por todos os meios e modos.”.

O conselho de Helenice sugere que a leitora abandone as idealizações de um homem perfeito aprendidas nos livros para moças e encare a realidade de injustiças sociais segundo a qual as mulheres têm poucos direitos. Então proteste para que “homens de boa-vontade se decidam a acabar com ridícula imposição de uma lei arbitrária”.

Antes da Lei nº 6.515, de 1977 que instituiu o divórcio, o casamento no Brasil era solúvel apenas em caso de morte de um dos cônjuges. “Em 1942, foi introduzido no Código Civil o artigo 315, que estabeleceu a separação sem dissolução do vínculo, ou seja, o desquite” (PRIORE, 2014, p. 168). O desquite reservava a guarda dos filhos às desquitadas, tendo em vista o instinto maternal, podendo a desquitada perder a guarda em caso de má conduta comprovada. “Sua conduta ficava sob a mira do juiz e qualquer passo em falso as fazia perder a guarda dos filhos.” (PRIORE, 2014, p.169). Além disso, o desquitado era obrigado ao pagamento de pensão alimentícia à desquitada e à prole ou apenas aos filhos, conforme as particularidades de cada caso.

A família não é constituída somente pelo casamento, nem se dissolve como tal. O casamento chega à dissolução com a separação do marido, mulher e seus respectivos bens, sem perda da ligação matrimonial. O desquitado não pode casar legalmente com outra pessoa, mas pode voltar a casar com seu ex-cônjuge. O desquite foi instituído pela Lei nº 3725, de 15 de janeiro de 1919, e o antigo Código Civil Brasileiro dispõem, nos seus artigos 315 e seguintes, que ele pode ser amigável ou litigioso.

Amigável é feito por mútuo consentimento dos cônjuges, se forem casados por mais de dois anos e litigioso é feito por uma ação que só pode ser movida ordinariamente por um dos cônjuges e só se pode fundar em algum dos seguintes motivos: adultério, tentativa de morte, sevícia ou injúria grave e abandono voluntário do lar conjugal durante dois anos consecutivos. Nos desquites judiciais, sendo a mulher inocente e

pobre, prestar-lhe-á o marido a pensão alimentícia que o juiz fixar e também a quota, para a criação e educação dos filhos. (GUIMARÃES, 2016, p. 4).

3.2.3 A carta de Ana

ANA RIO DE JANEIRO – “Fui, quando moça, muito inexperiente, forçada pela família a um casamento com um homem mais velho do que eu 15 anos... tive uma filha, que foi criada com todo o carinho e amor, e para a qual vivi, pois meu marido... ficou inválido”, etc.

A terrível história de Ana resume-se no seguinte: môça fez um casamento “de conveniência com um homem quinze anos mais velho do que ela, do qual teve, um ano depois, uma filha. Mais tarde, o marido sofre um acidente, ficando inválido (com tôda a fôrça que essa palavra possa ter) e prêso a uma cadeira de rodas. Mais tarde, em idade normal de se casar, sua filha conhece um rapaz por quem se apaixona e com quem contrai casamento. Pouco depois, Ana – mãe e sogra – descobre que, pela primeira vez na vida, amava de maneira alucinada. E a quem amava Ana? Ao próprio genro, sendo plenamente correspondida. [...] Passado um ano do casamento de sua filha, e já com um neto, eis que Ana (que por circunstâncias nada pudera fazer) está grávida de cinco meses, grávida de seu próprio genro, pai de sua neta.

A situação não pode ser dramática. O que pode ela fazer? Pergunta-me Ana.

“Meu marido não pode saber. Minha filha morreria de desgosto. Não é mais possível me desfazer da criança, e mesmo que fôsse, seria um sacrifício tremendo, pois adoro meu genro e êsse filho (que não pode nascer mas que é fruto de meu imenso amor). Além disso, minha vida é de uma prisioneira do lar, vivo exclusivamente para o trato de meu marido, não havendo, portanto, oportunidade para uma viagem, hipótese já imaginada por mim. Minhas saídas diurnas para ir à cidade foram muito prejudiciais aos assuntos caseiros e muito censuradas devido às necessidades. Calcule a minha situação, e SALVE-ME, D. HELENICE, COM O SEU CORAÇÃO DE MULHER! SALVE-ME!”

De fato, Ana... em que drama foi você se meter, minha pobre Ana! Francamente, fiquei completamente perplexa quando recebi sua carta, [...]

Vou lhe dizer uma coisa dura, Ana. Só você poderá encontrar os caminhos de sua salvação. E você deve procurá-los dentro do seu sentimento do dever de mãe e espôsa. Como mãe você tem a maior responsabilidade do mundo, que é a felicidade de sua filha, e, conseqüentemente, do seu neto. O filho do seu amor, que você carrega agora em você, já formado, você terá de ir tê-lo longe. Invente qualquer coisa, se é que você não tem coragem bastante para dizer tudo “exceto que foi com seu genro” a seu marido – o que, para mim, seria a coisa decente a fazer, pois êle, como pai, e marido inválido, haveria de encontrar em si fôrças bastantes para, mesmo morto de sofrimento, aconselhá-la.

Desapareça do cenário, Ana. A culpa é sua, e você terá de expiá-la. Vá ter seu filho longe, em qualquer lugar bem longe. Crie uma doença, finja não importa – o quê – mas desapareça, se é que você não pode assumir a responsabilidade de seu louco ato. Quem sabe, você poderá encontrar no amor de seu novo filho as energias que lhe faltarem para resistir à vertigem do abismo em que se precipitou. (*Flan*, 17 - 22 de mai. 1953, Abra o seu coração, p.10)

Podemos inferir do relato acima uma dupla traição conjugal no seio de uma família. Ao se relacionarem, Ana e seu genro traem seus cônjuges culminando em uma gravidez inesperada, ainda que desejada por Ana.

A consulente afirma que desconhecia o amor e o prazer sexual antes de se relacionar com seu genro. Nos anos cinquenta o prazer sexual da mulher era algo secundário e não propriamente um direito. Assim, “tornou-se comum se dizer que o casamento só deve ocorrer quando houver amor, também era tido como certo que o amor verdadeiro e digno é aquele feito de juízo e razão.” (BESSANEZI, 2007, p. 618). Por outro lado, a paixão “é o amor impossível, loucura passageira (...) que jamais poderá se concretizar em uma união legal.” (BESSANEZI, 2007, p. 618).

Com vistas a promover a felicidade do casamento, o amor conjugal deveria ser recíproco. Contudo, a “boa esposa” deveria amar mais do que o marido, sem exigir nada em troca. O que implicava em:

não exigir que o marido cozinhe, lave, passe, limpe ou cuide das crianças. Colocar ao seu alcance objetos de uso pessoal (...) para que ele não se irrite ao procurá-los. Evitar condutas que provoquem ciúmes, ser discreta, ter boa reputação e evitar passeios na ausência do marido. (PINSKY, 2012, p. 489).

O conselho de Helenice exime o genro de qualquer culpa ou obrigação para com a criança que está por vir, do mesmo modo com o estado de gravidez de sua amante. Por outro lado, culpabiliza Ana, intimando-a a assumir suas responsabilidades como mãe ao prezar pelo bem-estar de sua filha e neto, de modo a “desaparecer do cenário” a pretexto de qualquer artifício capaz de esconder a gravidez mantendo, assim, as aparências de uma família tradicional.

A conselheira legitima a subordinação de Ana ao seu marido ao sugerir que este seria a melhor pessoa para aconselhá-la. “O bem estar do marido é o termômetro da felicidade conjugal” (PINSKY, 2012, p. 489). Havia uma hierarquizada sociedade conjugal respaldada pela legislação, em que o marido detinha o poder sobre sua esposa e os filhos. Ao marido cabiam as decisões supremas, a última palavra. (BESSANEZI, 2007).

Uma vez longe de sua família, a dedicação de Ana ao seu novo filho seria uma forma de redimir sua moral. “A mãe solteira só pode minimizar o seu ‘grave erro’ se passar a se dedicar totalmente ao filho, vivendo de maneira respeitável. Mesmo que duramente criticada, ela ganha pontos por sua coragem ao abrir mão (...) [do] aborto” (PINSKY, 2012, p. 483).

3.2.4 A carta de Guida

GUIDA – RIO DE JANEIRO – “Minha vida ultimamente tem sido uma verdadeira tragédia. Casei-me tarde e nunca tive filhos. Sou louca por crianças, e por isso tomei uma menina de 8 anos para criar. Hoje ela está com 17 e a semana passada confessou que está grávida de dois meses. O pior é que o pai é o meu marido. Tive um grande abalo. Chorei e resolvi ter um entendimento com ele”

Você diz em seguida que não pode nem quer pensar em operações, no caso. Que seu marido lhe confessou tudo e disse que só fica em casa se a menina for embora, mas que você não quer deixá-la só e sem recursos num momento como este. Que gostaria de conservá-la, assim como uma criança que não tem culpa alguma. Acrescenta você que sua filha de criação lhe disse que se matará se você mandá-la embora. Depois você, minha boa Guida, pergunta a Helenice o que deve fazer. “Se ao menos eu fôsse bastante rica para poder pagar o seu sustento, assim como o da criança em qualquer parte!”

Boa Guida, boa Guida... Meu coração se enche de ternura por você. Mas evidentemente seu marido não presta para nada. Abusar assim de uma menina, sua própria filha de criação, e ainda depois impor como condição de sua permanência a saída da garôta! É o auge da falta de caráter aliada ao máximo da prepotência. Mas eu não posso lhe dizer nada ainda sem primeiro ouvir novos detalhes de que preciso. Escreva-me, Guida. Você ama seu marido, ou simplesmente o medo de ficar sem recursos que a impede de julgá-lo como ele merece ser julgado? Como é o caráter de sua filha de criação? É ela uma menina ingênua, ou pertence ao novo e lamentável tipo de “broto” pecaminoso que desgraçadamente circula por aí? Preciso, positivamente, dessas informações, minha cara amiga. Seu caso é muito grave, e por mais que eu admire sua santa capacidade de perdão, não posso nem devo arriscar um julgamento, que seria leviano, sem ter em mãos todos os dados – todos, você compreende? (*Flan*, 07 - 13 de jun.1953, Abra o seu coração, p. 10).

Se a infidelidade feminina era amplamente repudiada pela sociedade, o mesmo não se aplicava à masculina. As mulheres eram aconselhadas a seguirem o caminho da fidelidade e do perdão, mesmo que os maridos não fizessem o mesmo.

Assinalamos o aparente desejo de Guida de preservar a integridade de sua relação com o marido apesar do adultério. Guida sente-se em um trágico impasse na impossibilidade de retirar sua filha adotiva de seu lar, tal qual exigido por seu cônjuge, sem desampará-la financeiramente.

Segundo Bessanezi (2007), toda a revolta feminina sobre questões de adultério deveria recair sobre “a outra”, a amante do marido. A esposa deveria fazer de tudo para mostrar para o seu cônjuge que ela poderia ser melhor que a amante. Ocorre que, no caso de Guida, “a outra” é sua própria filha adotiva, deflorada e menor de idade.

Ainda assim, Helenice pontua o caráter da jovem: “Como é o caráter de sua filha de criação?”. Percebe-se na fala de Helenice a tentativa de culpabilizar a jovem sob tutela do casal, de modo a justificar o ato do marido. Será que ela teria provocado o marido de Guida,

e, portanto, mereceria ser expulsa de casa? Não há resposta nas edições seguintes. Contudo, abandoná-la seria crime conforme o Código Penal de 1940.

Art. 133 - Abandonar pessoa que está sob seu cuidado, guarda, vigilância ou autoridade, e, por qualquer motivo, incapaz de defender-se dos riscos resultantes do abandono:

Pena - detenção, de 6 (seis) meses a 3 (três) anos.

§ 1º - Se do abandono resulta lesão corporal de natureza grave: Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos.

§ 2º - Se resulta a morte: Pena - reclusão, de 4 (quatro) a 12 (doze) anos.

Aumento de pena

§ 3º - As penas cominadas neste artigo aumentam-se de um terço:

I - se o abandono ocorre em lugar ermo;

II - se o agente é ascendente ou descendente, cônjuge, irmão, **tutor** ou curador da vítima.

III - se a vítima é maior de 60 (sessenta) anos. (BRASIL, 1940, grifos nossos).

Por sua vez, Helenice também questiona: “Você ama seu marido, ou simplesmente o medo de ficar sem recursos que a impede de julgá-lo como ele merece ser julgado?”. O Código Penal de 1940 define como crime contra os costumes:

Posse sexual mediante fraude

Art. 215 – Ter conjunção carnal com mulher honesta mediante fraude:

Pena – Reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos.

Parágrafo único – se o crime é praticado contra mulher virgem, menor de 18 (dezoito) e maior de 14 (catorze) anos:

Pena – Reclusão, de 2 (dois) a 6 (seis) anos. (BRASIL, 1940).

A sedução e a corrupção de menores de 18 anos se inserem no mesmo capítulo do Código Penal:

Sedução

Art. 217 – Seduzir mulher virgem, menor de 18 (dezoito) anos e maior de 14 (quatorze) anos, e ter com ela conjunção carnal, aproveitando-se de sua inexperiência ou justificável confiança.

Pena – Reclusão, de dois a quatro anos. (BRASIL, 1940).

Corrupção de menores

Art. 217 – Corromper ou facilitar a corrupção de pessoa menor de dezoito e maior de quatorze anos, com ela praticando ato de libidinagem ou induzindo-a a praticá-lo ou presenciá-lo.

Pena – Reclusão, até três anos. (BRASIL, 1940).

A carta de Guida demonstra, portanto, o interesse da esposa em preservar a relação matrimonial com um homem criminoso, capaz de corromper sua filha. Por que não denunciá-lo? Retomando a pesquisa de Bessanezi (2007), as “boas esposas” não deveriam se queixar.

A infidelidade masculina justificava-se pelo temperamento poligâmico dos homens – um fator natural que, mesmo quando considerado uma fraqueza, merecia a condescendência social e a compreensão das mulheres. Paciência e sacrifícios, integridade e determinação para manter a família unida. (BESSANEZI, 2007, p. 635).

Assim, cabia ao marido infiel manter minimamente as aparências e continuar provendo a esposa com bens materiais.

3.2.5 A carta de Louco

LOUCO – Rio de Janeiro – “... quero, apenas, que me responda qualquer coisa, para que eu me sinta como se estivesse ouvindo a voz da minha consciência...”

Quem sou eu, meu senhor, para servir de “consciência” a alguém? O máximo que posso fazer é expor-lhe com franqueza o meu ponto de vista, certo ou errado sobre o seu caso. Ou então, quando se tornar necessário, passar um bom carão, obrigando meu consulente a tomar juízo. E é exatamente o que vou fazer com o senhor. Passar-lhe uma carão em boas condições.

O ponto básico de seu problema não reside nem em sua mulher nem na “Outra”. Pelo que me descreveu, são ambas criaturas perfeitamente normais, uma com mais qualidades de um lado e outra com menos defeitos de outro. Quem constitui problema é o senhor mesmo, que, apesar de seus vinte e seis anos, tem mentalidade de criança que se vê diante de uma mesa de doces e não sabe qual escolher. Mulheres perfeitas e sublimes não existem, senhor Louco, de forma que se eu o aconselhasse a abandonar seu lar para ficar com a “Outra”, estaria apenas transferindo-o de problema. Porque, na realidade o senhor não ama nenhuma das duas. Ama a sua própria pessoinha, de um modo descabido e infantil. Desculpe estar lhe falando assim, mas acho que precisa abrir os olhos, pois tem dois filhos e uma enorme responsabilidade de fazê-lo felizes. Só uma grande paixão poderia justificar a sua infidelidade. Nada mais. Não falo apenas por questões de moral e sim apenas porque está mais do que provado que uma vida dupla como o senhor está levando só pode servir para perturbá-lo interiormente, fazendo-o viver num clima de mentiras e de angústias. Procure conhecer melhor o problema de sua mulher e ajude-a a se instruir mais e melhor, e a ler um pouco sobre os assuntos que o interessam. Demonstre o quanto isso lhe é importante e tenha a certeza absoluta que ela vai corresponder plenamente ao seu interesse. Juízo, senhor Louco, muito juízo... (*Flan*, 4 - 10 de out. 1953, Abra o seu coração, p. 44).

O adultério de Louco foi repudiado pela conselheira. Assim como suas justificativas para abandonar o seu lar. Segundo Helenice, “só uma grande paixão poderia justificar a sua infidelidade. Nada mais.”. Essa frase diz muito sobre a delimitação do papel masculino, uma vez que sugere que para os homens existem outras regras. Assim, não cabe à esposa ofendida agredir seu cônjuge, tampouco expulsá-lo de casa. Pelo contrário, ela deveria se responsabilizar pela manutenção de um clima harmonioso em seu lar.

A esposa deveria saber conversar com seu marido e ser instruída conforme os gostos de seu cônjuge, como advertido ao leitor por Helenice: “ajude-a a se instruir mais e melhor, e a ler um pouco sôbre os assuntos que o interessam”. A conselheira ainda complementa: “Demonstre o quanto isso lhe é importante”, “A companheira perfeita é fiel até em pensamento. Cumpre com boa vontade (...) os ‘deveres conjugais’ e fecha os olhos para as infidelidades do marido” (PINSKY, 2012, p. 489).

3.3 Amor, o destino das mulheres: discursos que naturalizam o controle da sexualidade em *Abra o seu coração*

Nos meados do século XX, no Brasil, amar era sinônimo de casar. Nesse momento, persistia a noção de que ser esposa, mãe e dona de casa era o caminho natural das mulheres. Já os homens tinham como expressão da masculinidade características como força, espírito de aventura e inserção do mercado de trabalho a fim obter meios para prover a família (PRIORE, 2014).

Conforme a perspectiva histórica, a urbanização em processo, em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo nos anos 1950, cria novos espaços de convivência a exemplo de praças, lojas, escolas, sorveterias e cinemas, fator que conduz mudanças nas formas das pessoas se relacionarem revisitando, inclusive, antigas maneiras de aproximação entre casais. Conforme a análise de Pinsky (2014):

Nas cidades, as residências relativamente distantes dos locais de estudo, de trabalho e recreação, os apartamentos pouco espaçosos, a maior oferta de diversões comerciais, passeios de automóvel (...) possibilitam contatos cada vez mais frequentes de jovens de ambos os sexos. Eles circulam agora mais facilmente de dia e mesmo à noite por praias, cinemas, festas e excursões. Os filhos adquirem mais liberdade em relação aos pais. (PINSKY, 2014, p. 55).

Contudo, as mudanças ocorrem em meio a tensões entre o que era desejado pelos jovens e o velho modelo repressivo.

(...) No mundo adulto, perseguiram-se as transformações juvenis e a rebeldia. A preocupação era com os meninos e as meninas que bebem *cuba livre*, freqüentam *Snack bar* em Copacabana, usam blusa vermelha e *blue jeans*, mentem para os pais, cabulam aulas, não pensam no futuro e não têm base moral para construir um lar. (...) (PRIORE, 2011, p. 164).

Desse modo, regras de decência e recato foram, com o tempo, substituídas por outras mais íntimas. “As manifestações afetivas e trocas de carinho, ainda que discretas para os padrões atuais, vão se tornando cada vez mais presentes no canário das cidades” (PINSKY, 2014, p. 55).

A etapa do namoro torna-se um preparativo para o noivado e para o casamento, e portanto, alvo de censuras e vigilância. Porém, diferente de anos anteriores, nos anos 1950 primava-se a união matrimonial do casal pelo amor mútuo. Havia certa liberdade na escolha do parceiro ou parceira. Em geral, não mais cabia à família a seleção do par ideal (PINSKY, 2014). Contudo, a aprovação dos pais ainda era importante. Seria desejável conciliar uma união que pudesse corresponder às expectativas dos familiares além dos anseios individuais dos enamorados. Apesar disso, em casos de impasse familiar, o “amor verdadeiro” poderia romper possíveis barreiras tal como explicita a conselheira Helenice referente aos anseios das leitoras Lolita, L.E.B. e Glorinha apresentadas a seguir.

No sentido apresentado por Foucault (2011), o discurso pode ser usado para marginalizar ou discriminar, uma vez que possui força criadora, ou seja, é um acontecimento que produz acontecimentos, está relacionado ao poder e ao desejo. Como objeto de desejo, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar (...)” (FOUCAULT, 1996, pág. 10-11).

Por essa vertente, buscamos elucidar o que caracteriza o “amor verdadeiro” nos conselhos dados aos leitores. Analisamos também os discursos que regulam a aprovação familiar e as consequências em caso de desaprovação. Além disso, nas cartas que seguem, interessa-nos examinar se há e quais são as condições impostas pela família para a aceitação do matrimônio.

3.3.1 As cartas de Lolita, L.E.B e Glorinha

Lolita teme o contraste social entre sua família e a de seu namorado. De origem humilde, a leitora se preocupa com suas vestimentas inapropriadas, pois não se sente à vontade no convívio com a “ultra-chique” família de seu namorado. Não obstante, pergunta sobre a relevância da diferença de fortunas em um casamento. Helenice acalenta as

preocupações da leitora, esclarece que não há mal em casar com um homem rico capaz de prover a casa e oferecer a esposa uns presentinhos de vez em quando.

LOLITA – Rio – ... “sou muito pobre, Helenice e estou namorando um rapaz bastante rico. Acha que tem alguma importância essa diferença de fortuna num casamento? Ando tão mal vestida...”

Se tem alguma importância, Lolita? Claro que tem, minha filha! Você quer coisa melhor? Ruim seria se fossem ambos muito pobres e tivessem que dar duro e esperar anos a fio para poder casar! Se os papéis fossem invertidos ainda poderia complicar um pouco, se bem que eu pessoalmente considero uma bobagem muito grande o homem ter escrúpulos em dispor do dinheiro que deve pertencer a ambos. Se seu noivo a ama realmente, só pode gostar da idéia de poder prover todas as suas necessidades e ainda comparecer com alguns presentinhos de vez em quando. Mas se você acha realmente muito desagradável a idéia de ser um peso morto, procure fazer alguma coisa útil depois de casada. Costura, enfim que lhe renda um dinheirinho ganho faça doces, tricô, cerâmica, qualquer coisa com seu próprio esforço.

Quanto ao fato de você andar mal vestida, a culpa cabe exclusivamente a você. Falta de dinheiro nunca foi motivo para uma mulher não andar pelo menos “engraçadinha”. Há tanta fazenda barata e bonita! ... Faça uma saia de zuarie (custa pouco mais de dez cruzeiros o metro), uma blusinha de algodão branco bem simples e pronto! Bem penteada e limpinha você poderá enfrentar com esses trajes a ultrachique família de seu futuro marido... E felicidades. (*Flan*, 30 ago. - 05 set. 1953, Abra o seu coração, p. 37)

Conforme a análise de Pinsky (2014), o amor verdadeiro de homem é provado através de demonstrações de inteligência, força, proteção e, também, com dinheiro, aquisição de bens materiais. Conforme o Código Civil de 1916 é, pois, dever do marido prover a família. Lolita deveria, portanto, perceber quão privilegiada era por no futuro ter suas necessidades supridas e receber presentes do seu marido de vez em quando.

A diferença social entre a leitora e seu pretendente deveria ser compensada por outros meios e seria primordial manter-se desejável através de sua aparência. Para tanto, a leitora deveria manter hábitos de higiene como “andar penteada e limpinha”. Além disso, poderia coser suas próprias roupas e demonstrar-se sempre graciosa ao seu amado e sua família.

O correio sentimental não menciona se a leitora exercia alguma atividade de estudo ou trabalho remunerado. Contudo, era prática comum que mulheres interrompessem atividades de trabalho a partir do matrimônio ou da chegada do primeiro filho e se dedicassem por completo ao lar (BESSANEZI, 2007).

Não era muito fácil encontrar esposas de classe média trabalhando fora de casa a não ser por necessidades econômicas – situação que, de certa forma, poderia chegar a envergonhar o marido. Em geral, esperava-se que essas mulheres se dedicassem inteiramente ao lar, fossem sustentadas pelo marido e preservadas da rua (BASSANEZI, 2007, p. 625).

Uma vez casada com seu pretendente, Lolita não precisaria trabalhar a não ser para não se sentir um “peso morto”. Nesse caso, foram recomendadas atividades que pudessem ser produzidas dentro de casa, a exemplo de doces, tricô e trabalhos manuais desenvolvidos com o “próprio esforço” da leitora. Segundo Margareth Rago (2007), o trabalho feminino fora do lar era visto pela família com hostilidade, além de ser considerado desqualificado. “Os pais desejavam que suas filhas encontrassem um ‘bom partido’ para casar e assegurar o futuro e isso batia de frente com as aspirações de trabalhar fora e o êxito em suas profissões.” (RAGO, 2007, p.582).

A divisão das atividades laborais entre os sexos é uma questão cultural e não econômica ou “natural” como esclarece Chartier (1995). Trata-se, antes de tudo, de uma “justificativa em nome de uma definição ideal das tarefas próprias às mulheres na condição inferior que lhes é atribuída no mercado.” (CHARTIER, 1995, p. 43-44).

No imaginário das elites, o trabalho braçal era associado à incapacidade intelectual criando hierarquias entre os trabalhadores e os tipos de trabalho com marcas de gênero. “as trabalhadoras pobres eram consideradas profundamente ignorantes, irresponsáveis, incapazes, tidas como mais irracionais que as mulheres das camadas médias e altas, as quais (...) eram consideradas menos racionais que os homens.” (RAGO, 2007, p. 589). Ao lado de teóricos e economistas, muitos acreditavam

(...) que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade. (RAGO, 2007, p. 585).

A aceitação da leitora Lolita pela família de seu futuro noivo não parece representar uma desavença para a união do casal, desde que atenda às proposições expostas pela conselheira Helenice. Contudo, muitas vezes a família interferia na relação dos enamorados como ocorreu com a leitora L.E.B. Noiva de um pretendente rico e bonito, L.E.B se apaixona por “ÊLE”, um rapaz pobre, porém repleto de qualidades. No entanto, a família do rapaz não aprova o relacionamento e a leitora pede orientação a Helenice.

L.E.B – Rio – “...estava noiva de um rapaz muito rico, bonito e com grande nome na sociedade quando encontrei ‘ÊLE’, a pessoa que eu tinha tôda a vida procurando. É um rapaz pobre, mas muito mais rico que todos os outros em inteligência, caráter e personalidade. No entanto, a família dêle hoje, através de intriga, me acha uma “vigarista”, e está pronta a romper com êle se êle casar comigo. Não queria que isso

acontecesse, pois são muito ligados entre si e tenho medo que mais tarde possa me atribuir a culpa nesse rompimento. Que você acha?”

Acho em primeiro lugar que você fez muito bem em trocar o noivo rico e bonito por “Êle”. Pelo menos as qualidades “Dêle” são menos transitórias. Vamos que amanhã o bonitão milionário sofra um desastre que o deforme, ou perca todo o seu dinheiro... Como só conta com isso a seu favor, passará a ser um trambolho em sua vida.

Quanto ao outro problema, acho bobagem você pensar que mais tarde êle possa atribuir-lhe alguma culpa da briga com a família, pois isso não seria o procedimento de uma pessoa que tem, como você diz, “inteligência, caráter e personalidade”.

Mas você não deve, em hipótese alguma dar qualquer opinião quanto à briga de família. Mantenha-se distante e indiferente, não tomando este ou aquele partido ou fazendo qualquer comentário desagradável à família do rapaz, porque cá pra nós, minha amiga, a gente fala e faz queixa dos próprios parentes, mas no fundo não gosta nada que os outros concordem...

Deixe as coisas acalmarem e mais tarde procure conhecer melhor o pessoal dêle e provar, por sua conduta, que você não é nenhuma “vigarista”, muito até pelo contrário... (*Flan*, 07- 12 de set. 1953, Abra o seu coração, p. 37).

As ponderações da conselheira valorizam a união matrimonial pelo amor. A leitora é congratulada por pautar sua decisão em valores perenes como a inteligência, o caráter e a personalidade de seu pretendente, e não basear sua escolha no apego aos bens materiais ou à beleza de seu antigo noivo, considerados pela conselheira como valores transitórios. Não obstante, cabe ao casal preservar bom relacionamento com a família. A conduta de L.E.B deve, com o tempo, atestar aos familiares de “ÊLE” suas qualidades para esposa. É, portanto, importante que L.E.B zeze por sua conduta de modo a manter harmonia em seu lar.

A leitora Glorinha, por outro lado, tem a desaprovação de sua família na união com “um homem de cor” com quem tem o amor correspondido e deseja casar. Ameaças da família da moça forçam o casal a se separar. Nesse contexto, Glorinha pede que Helenice a aconselhe.

GLORINHA – SÃO PAULO – “... preciso muito de seus conselhos, querida Helenice, porque francamente não sei o que fazer. Estou apaixonada por um homem de cor. A princípio tentei resistir, mas foi completamente impossível. Um dia desses uma pessoa de minha família me viu com êle e contou em minha casa. Não há nada ainda, você compreende? Mas êle quer casar comigo e eu com êle, mas minha família acha um absurdo e ameaça de me expulsar de casa se eu prosseguir com o namoro. Que devo fazer?”

Seu problema não é nada fácil, Glorinha. Não porque eu esteja de acôrdo com sua família. Isso nunca. Pessoalmente, considero absolutamente normal que uma moça branca como você se apaixone por um homem de cor. Nada mais natural, uma vez que houve uma atração mútua bastante forte, uma esperança comum de casar e consistir família. Os preconceitos de cor são feridas de tal ordem monstruosas que deveriam estar há muito sanadas num país mestiço e de tradições como as nossas. Mas isso infelizmente não acontece. E é sobre este ponto que você precisa estar esclarecida, Glorinha. Precisa ter consciência da luta que vai travar com o meio em que vive, dos desgostos e das humilhações que poderá sofrer por parte das pessoas de mentalidade tacanha que vão considerar o fato como mais de que suficiente para desprezá-la de seu convívio.

Será que você está apta a seguir num caminho desses, Glorinha? Tem certeza de que seu amor é bastante forte para vencer tantas dificuldades? Tem possibilidades de

casar com seu amor sem precisar de auxílio financeiro da parte dessas mesmas pessoas que a criticam e condenam?

Se todas essas respostas forem afirmativas, aconselho-a de todo coração a que se case, Glorinha, que tenha filhos do homem que ama. Pode estar certa de que estará agindo como um ser humano digno, capaz de romper tabus odiosos em busca de sua verdadeira felicidade. E conte com o meu mais sincero apoio para o que der e vier... (*Flan*, 23 – 29 ago. 1953, Abra o seu coração, p. 37).

A menção a tantas desvantagens para a leitora Glorinha e seus futuros descendentes talvez tivesse a função de desestimular a leitora a seguir esse caminho, sem, de fato, proibir a união, de modo a encenar uma aparente neutralidade.

Nessa carta, a conselheira mostra-se solidária com o sofrimento da leitora. Então aponta que, no Brasil, o preconceito racial é uma ferida muito forte e presente na sociedade, apesar de sermos um país mestiço. Helenice aconselha com ressalvas que a leitora persista no relacionamento com o homem pelo qual tem “atração mútua”. Em seguida, sinaliza os obstáculos que a jovem precisará enfrentar ao longo de sua vida, caso decida manter o relacionamento, ter filhos e romper tabus. A conselheira questiona a situação financeira do casal e os alerta que não terão o apoio da família. “Tem certeza que seu amor é bastante forte para vencer tantas dificuldades?”.

As duas cartas acima expõem casos de desaprovação familiar. De um lado temos o desapego da leitora L.E.B aos bens materiais e a valorização de qualidades perenes de seu amado elogiados pela conselheira. A aprovação de L.E.B pela família de seu companheiro viria com o tempo a partir da sua conduta. De outro lado, o relacionamento da leitora Glorinha com um “homem de cor” é referido como uma “atração mútua” questionada pela conselheira: Será amor ou atração? Será esse um sentimento forte?

As regras comportamentais sugeridas pela conselheira delimitam de modo didático o que baliza os “bons sentimentos”. Dessa maneira, auferem legitimidade às ações que visam à constituição da família ideal.

Numa época em que a eleição do cônjuge já cabe prioritariamente às duas pessoas que formarão o casal e em que o ideal do amor romântico é valorizado até pelos meios de comunicação, é preciso criar oportunidades “proveitosas” para que essa eleição ocorra de maneira adequada. A subjetividade e o amor recebem, assim, novas balizas que garantem a estabilidade social (PINSKY, 2014, p. 54).

Discursos sobre o amor balizam a manutenção da estabilidade social. O discurso de uma liberdade para amar simula a autonomia individual na escolha do ou da pretendente. Então, estigmatiza situações entendidas como não próprias para o casamento, como “não amor” ou “amor fraco”.

Desse modo, um dos critérios para a aprovação de relacionamentos sem ressalvas parece ser evitar relações inter-raciais. O problema de Glorinha sinalizado pela conselheira Helenice não é vislumbrar a união com um homem provido de poucos recursos financeiros, visto que as leitoras L.E.B e Lolita não tiveram ressalvas a respeito da diferença de classe social com seus pretendentes. Para Glorinha, no entanto, seria um impasse social querer casar e constituir família com um homem negro e pobre. As vidas da leitora e de seus filhos seriam marcadas por desprezo e humilhações, sem a possibilidade de aceitação futura de um homem negro nem ao menos por sua família.

O sentimento “amor verdadeiro”, tão valorizado no discurso da conselheira e dos leitores, às vezes, não basta para constituir uma família. A partir de discursos sobre o amor, são tramados critérios para legitimar as uniões desejadas e reprimir as indesejadas. Na análise de Bourdieu (2002), sutil e invisível, o “(...) amor é dominação aceita, não percebida como tal e praticamente reconhecida, na paixão, feliz ou infeliz.” (BOURDIEU, 2002, p. 129). Se o amor é o destino das mulheres, para elas, a dominação também o é.

3.3.2 Cuidados com a saúde e hereditariedade

Além da aprovação familiar, a questão da saúde era uma preocupação para os que desejavam contrair matrimônio. Alguns leitores do correio sentimental manifestaram dúvidas sobre a forma pela qual a sociedade iria perceber a união caso um dos cônjuges apresentasse deficiência física ou doenças hereditárias.

A leitora Angela Maria envergonha-se por ser manca de uma perna e cogita não se casar na igreja com seu noivo.

Angela Maria – Rio – “... êle me propôs casamento, mas eu me sinto um pouco ridícula de entrar na igreja vestida de noiva, pois sou manca de uma perna...”
Mas você nem deve pensar em não aceitar a proposta de seu noivo por causa disso, Angela. Afinal, são conhecidos há bastante tempo e êle já deve estar seguro do seu amor. Aconselho, entretanto, a que torne a cerimônia a mais simples possível. Mesmo que ambos sejam religiosos, não vejo necessidade alguma de aparamentar-se com vestido comprido, véu, grinalda e flôr de laranjeira, num casamento composto às cinco horas da tarde. Por mais que os outros não reparem no seu pequeno defeito, você se sentiria muito pouco à vontade com tantos aparatos. Faça um casamento simples, pela manhã, convide apenas as pessoas mais íntimas, escolha um vestido bonito, um chapéu adequado e case-se sem maiores complicações. É êsse o meu sincero conselho a você, Angela Maria, e junto a êle os meus votos de felicidade. (*Flan*, 11-17 de out. 1953, Abra o seu coração, p. 45).

A questão de fundo que a leitora traz em sua carta é: uma pessoa com deficiência deve casar e se expor em espaços públicos? Em quais circunstâncias essa exposição é aceitável?

As prescrições orientam a leitora a não se exhibir demais no dia do seu casamento religioso, ou, ainda, que a exposição ocorra da forma mais sutil e controlada o possível. Orientação contraditória tendo em vista os ritos de uma cerimônia matrimonial religiosa que tem em seu auge a entrada da noiva.

É sugerido à leitora que abra mão de símbolos que caracterizam uma noiva como o vestido longo, o véu, a grinalda como se houvesse o intuito de igualar a anfitriã da cerimônia aos demais presentes a pretexto de evitar desconforto para a leitora no dia da celebração de seu matrimônio. Ademais, Helenice aconselha que Angela Maria opte por uma celebração simples sem tantos aparatos e convide apenas pessoas íntimas, evitando, dessa maneira, dar visibilidade à sua deficiência física.

O leitor Sergipano, aflito com a doença da namorada, não sabe se deve manter a união ou terminar o relacionamento:

SERGIPANO – Aracaju – “...ou acabar o namôro ou pedi-la em casamento...”

Na minha opinião, nem uma coisa nem outra por enquanto, Sergipano. O essencial a fazer é levar sua noiva a um bom médico, de sua inteira confiança e submetê-la a um tratamento rigoroso, regime alimentar, etc. Conversei com meu médico a respeito do que me perguntou (pois não estou credenciada a dar-lhe uma opinião abalizada sobre o assunto) e êle me declarou o seguinte:

1) Os filhos de uma diabética podem ser normais e sadios.

2) É absolutamente possível a uma moça de 19 anos curar-se radicalmente dessa doença.

Apesar disso insistiu em que a moça deve iniciar o quanto antes o tratamento, pois nunca é aconselhável que uma pessoa se case doente. Tenha um pouco de paciência, Sergipano, cuide bem de sua noiva durante alguns meses e depois case-se com ela, pois diabetes nunca foi motivo para afastar duas pessoas que se gostam. (*Flan*, 13-19 set. 1953, Abra o seu coração, p.44)

Helenice recorre ao aval médico para legitimar suas prescrições. Diante da possibilidade de cura da moça e da geração de filhos sadios, o leitor é tranquilizado pela conselheira a fim de seguir com a relação até consumir o matrimônio.

Tais inquietações dos leitores vão ao encontro de debates que circulavam no século XX sobre a necessidade do controle do matrimônio com fins de melhoramento da espécie e o progresso da nação. Gondra (2000)¹¹² assinala que nesse período:

¹¹² No artigo “A sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX”, Gondra (2000) analisa a concepção de infância presente em discursos médicos higienistas que circularam no século XIX e início do século XX em espaços de produção do saber como Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Congresso Brasileiro de Protecção à Infância (1922) e teses da I Conferência Nacional da Educação (1927). Podemos pensar tais preceitos nos anos 1950 de modo a percebermos continuidades e rupturas nos discursos.

Lado a lado com o argumento econômico (melhorar a sociedade) e do jurídico (a defesa da sociedade), [...] acopla a razão eugênica (aperfeiçoar a espécie), advertindo que depende do poder e vontade do homem “apurar as qualidades, corrigir ou eliminar os defeitos”, superando-se “no produto, servindo-se no jardim do matrimônio com a vontade firme de criar filhos e que estes sejam melhores do que os que o geraram”¹¹³. (GONDRA, 2000, p. 107).

Lilian Schwarcz (1993), por sua vez, nos lembra que a eugenia¹¹⁴ transformada em movimento científico e social supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana. Como ciência “visava à produção de ‘nascimentos desejáveis e controlados’.” (SCHWARCZ, 1993, p.60). Como movimento social, “preocupava-se com promover casamentos entre determinados grupos e – talvez o mais importante – desencorajar certas uniões nocivas à sociedade.” (SCHWARCZ, 1993, p. 60).

Às ciências biológicas é atribuído valor dominante para o desenvolvimento humano:

A biologia identificava o homem a partir de uma trivalência: a da hereditariedade, determinando a bioespecificidade do indivíduo, o meio e a educação, que dariam a sua personalidade. Assim, seria originada a diversidade de tipos, de grupos, de povos e raças. Cada indivíduo, como cada grupo ou cada raça possuiria um fator genético passível de ser explorado. O ambiente, quando favorável, facultaria o desenvolvimento desse valor, no limite, porém, daquilo que fora recebido por herança. (MOTA, 2003, p. 42).

Intelectuais defendiam a necessidade de se criar no Brasil uma consciência eugênica na população junto à mídia, ao clero, professores e letrados, de modo a criar costumes. O incentivo à consciência a respeito da responsabilidade individual sobre a procriação tinha em vista que o sujeito ao casar visasse à hereditariedade de “boas qualidades” morais e aptidão física para seus filhos. Desse modo, garantiria o pleno desenvolvimento do futuro de uma nação sadia do ponto de vista médico e moral (CASTAÑEDA, 2003).

3.4 Correspondência masculina: as dores dos homens

Repensar as masculinidades requer levar em conta que as ações que representam o ser homem são cerceadas por rígidos parâmetros. As referências usadas para definir a

¹¹³ Gondra (2000) refere-se aos preceitos do Dr. Belisario Penna, defensor da educação higiênica, para compreender uma nova interpretação junto à infância.

¹¹⁴ O termo eugenia significa: eu – boa; genus – geração. Foi cunhado por Francis Galton com base em *A origem das espécies* de Darwin. (SCHWARCZ, 1993, p. 60).

masculinidade e virilidade ideal geralmente se baseiam na diferenciação entre os papéis masculinos e femininos, tendo em vista a distinção biológica, discursos sobre o corpo, divisão do trabalho, assim como estruturas de poder (BARBOSA, 1998). Isto é, tornar-se masculino e diferenciar-se do feminino exige constante vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo.

Imagens de poder e autoridade foram relacionadas às características próprias do masculino através do controle das emoções, das manifestações culturais e sociais, vinculando a virilidade à masculinidade. Por outro lado, a expressão da emoção era ligada a imagens do feminino. Assim sendo, as emoções dos homens deveriam ser suprimidas ou controladas, visto que se opunham a razão, sendo identificadas como algo “biológico, caótico, desordenado, subjetivo, incontrolável e perigoso” (BARBOSA, 1998).

A pesquisa de Matos (2001), ao analisar canções tocadas nas rádios os anos 1940 e 1950, indica que, naquele momento, havia uma projeção hegemônica em que “ser homem significava ser honesto, trabalhador e provedor, levando a valorização do sucesso e do dinheiro, justificando [no seio da família] o distanciamento do pai.” (MATOS, 2001, p. 51). Além disso, a masculinidade hegemônica idealizava homens sempre fortes, inteligentes, movidos pela razão e capazes. O homem se reconhecia e era reconhecido socialmente na relação que estabelecia com o trabalho.

Nesse sentido, qualquer desvio poderia ser relacionado a características femininas, portanto, ligadas à emoção, ações não racionais, logo, inferiores. Em geral, “os homens eram educados para trabalhar e sustentar a família, gostar de futebol, não chorar e para ter expectativas de relações sexuais heterossexuais. A afirmação da masculinidade fazia-se no relacionamento sexual com uma mulher (...)” (MATOS, 2001).

Assim, o correio sentimental se torna um espaço acolhedor para a manifestação das dores dos homens, uma vez que, por intermédio dele, os leitores poderiam abrir seus corações para uma amiga sem se exporem ao crivo da sociedade. Desse modo, a coluna *Abra o seu coração* mostra-se tal qual um refúgio para os desejos dos sujeitos, suas expectativas e frustrações, mas, além disso, um espaço de vigilância, que, através da linguagem, “conforma padrões sociais que se organizam e perpetuam estabelecendo conceitos prescritivos e normativos.” (BARBOSA, 1998, p. 325).

3.4.1 Masculinidade e fracasso

Nas cartas publicadas em *Abra o seu coração*, observamos que padrões conformadores de características idealizadoras da masculinidade se contrapõem às frustrações que assolam os leitores como a falta de instrução, a inadequação ao emprego, a rejeição da mãe ou da amada, a infidelidade feminina e outros. Sentimentos que são associados em alguns registros ao suicídio¹¹⁵ ou ao desejo de reparação da honra.

Na edição 15 a conselheira Helenice explana aos leitores dois casos que serão aconselhados na seção, ambos sobre dores profundas que assolam os homens.

Há um rapaz que se julga perdido porque por 10 anos sua mãe foi infiel e abandonou a casa, e há outro jovem que tem intenções de se suicidar porque se acha um covarde. Há dois dramas contidos nas duas cartas, e meu coração morre de pena. **Homens, como sofrem, e que perplexidade a tua! Como dependes do teu semelhante para viver!** Que solidão baixa sobre ti quando se rompem cadeias no teu caminho, quando aquilo que julgava eterno deixa de existir, quando o carinho com que contavas não há mais!

É tão pouco o que posso fazer... Aconselhar, animar, mandar tocar para frente, buscar essas reservas de vida que existem no ser humano e alimentá-las ao calor de palavras amigas. Tão pouco... **O homem precisa de tanto mais. Cada ser é um tremendo impulso para o alto, uma enorme vontade de alcançar o impossível, um desejo extremo de ser acima de seus próprios limites.** Como contê-los? Como explicar-lhe que a realidade é diferente a cada fração de segundo, que o momento presente é memória no instante seguinte? Como explicar-lhe que cada um carrega uma vida que ninguém pode viver a não ser ele próprio? Como explicar-lhe que os seus grandes anseios de unidade esfrelam-se do encontro as fugidias muralhas do Tempo?

Triste dever este da conselheira dos aflitos. Triste porque muitas vezes, como nos caros presentes, a aflição dos meus consulentes vai comigo para casa, e Helenice põe-se a pensar, a pensar no que dizer, que palavras dizer, que impulsos amparar, que desatinos impedir. Sim, ponho-me francamente a reconstruir os traços fisionômicos de meus correspondentes, a imaginá-los no vazio das noites, deitados em suas camas, perplexos, sofrendo, cogitando. **Caminho duro, o do homem...** (*Flan*, 19-25 jul. 1953, p.06, grifos nossos).

Tal qual exposto na fala de Helenice, o sofrimento do homem está associado à noção de honra e vergonha, em geral, vinculados à uma figura feminina, a mãe ou a mulher amada. “Homens, como sofrem, e que perplexidade a tua! Como dependes do teu semelhante para viver!”. Assim, o desvio da conduta racional masculina para os sentimentos e emoções é atribuído ao mau proceder feminino. Desse modo, a conselheira enfatiza a culpa da mulher

¹¹⁵ Há ocorrência de quatro cartas em que leitores homens manifestam o desejo de suicídio. As missivas foram publicadas nas edições 4, 5, 15 e 29, pelos respectivos leitores: Companheiro da triste sorte, João Baptista de Tal; Covarde; Ignoto. As quatro missivas têm em comum o sentimento do fracasso e perda de controle das situações relacionadas ao trabalho, aos estudos, à coragem ou à família. Nas edições analisadas não há registro de desejo de suicídio ou homicídio em cartas remetidas por leitoras mulheres.

que age sobre o homem por intermédio da sedução ou na relação estabelecida com figuras femininas na infância.

Além disso, os homens são caracterizados na fala da conselheira como seres inquietos em busca constante de superação pessoal, ainda que, para isso, precisassem abrir mão da própria vida. Nas palavras da conselheira: “Cada ser é um tremendo impulso para o alto, uma enorme vontade de alcançar o impossível, um desejo extremo de ser acima de seus próprios limites.” Nesse sentido, o suicídio era entendido por médicos como um ato de coragem particularmente masculino (LOPES, 2003)¹¹⁶.

Assim, a inteligência, ousadia e ímpeto, características do masculino, representariam uma armadilha contra a vida do homem. Estes, constantemente envolvidos em grandes trabalhos intelectuais, por concentrar toda sua força, inteligência, pensamento e energia em ocupações que lhes são “próprias”, tornaram-se mais vulneráveis ao suicídio. Por outro lado, às mulheres faltariam coragem e força para se suicidar, características estas nelas ausentes por serem constitutivas da esfera do masculino, não do feminino. (LOPES, 2003, p. 8).

Desse modo, médicos “Identificaram o masculino com as imagens de força, resistência, trabalho, intelecto, razão e todo tipo de atividade produzida em espaço público do trabalho e da vida social.” (LOPES, 2003, p. 3). Portanto, para o homem frustrado, o ato de por fim a própria vida seria uma maneira heróica de recuperar o controle de sua existência.

No entanto, os conselhos de Helenice buscam apaziguar as frustrações masculinas dando aos homens um sentido para existir através da leitura, do estudo, do trabalho e do verdadeiro amor. Encontrar a mulher amada, ocupar a mente com atividades intelectuais movidas pela razão eram atributos representativos de um bom homem, um “homem de verdade”.

Ademais, nota-se o sentimento de fracasso masculino quando a mulher apresenta prospectivas de um futuro profissional mais bem sucedido que seu pretendente, como explanado pelo leitor Inestetico, que, aos 36 anos, solteiro e com um modesto trabalho em um escritório comercial, “está amando apaixonadamente uma menina” normalista de 16 anos. O leitor lamenta que a normalista “naturalmente não vai querer um homem velho e pobre”. Inestetico diz-se confuso com os reais sentimentos da menina, pois, “às vezes o trata bem, às vezes ignora a sua presença”. Helenice recomenda:

¹¹⁶ A pesquisa de Lopes (2003) analisa discursos médicos brasileiros sobre o suicídio produzidos nos séculos XIX e XX. Ver: LOPES, Fábio Henrique. Suicídio masculino ou feminino: as atribuições de gênero. *ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História*, João Pessoa, 2003 p. 1-9.

(...) Eu, se fosse você buscaria uma certeza, mesmo que ela venha a ser um golpe. Porque, meu caro, **às mulheres dificilmente escapa um amor como o que você está tendo**, e a sua bem-amada deve desconfiar. Se você não disser nada, veja o que lhe espera: amanhã sua musa se apaixona por outro, em face da sua indecisão, e você vai ficar roendo essa coisa danada que se chama uma dor de cotovelo. Não. Afirme-se, Inestético. **Arranque dentro de você essas palavras Inestético, tímido, desajeitado. As mulheres ligam muito menos do que você pensa para o fato de um homem ser feio. Elas querem que ele seja um homem**, isso sim. Seja um homem. Se lhe for impossível, escreva-me novamente, porque aí então meus conselhos serão outros. Mas não alimente um amor impossível, que só vai lhe fazer sofrer para o futuro. (*Flan*, 14-20 jun. 1953, *Abra o seu coração*, p.10, grifos nossos).

Notamos no trecho em destaque a passividade atribuída à menina normalista: “às mulheres dificilmente escapa um amor como o que você está tendo”. Não apenas há o controle para que as mulheres aprendam a ser femininas e submissas, mas, também, os homens são vigiados para a manutenção de sua masculinidade (TORRÃO FILHO, 2005).

Na prescrição focalizada, a conselheira resume: O que as mulheres querem? Um homem. Como tornar-se homem? Na auto-affirmação do seu lugar de poder. Desse modo, os signos “tímido”, “desajeitado”, “indeciso”, “dor de cotovelo” são desassociados da imagem masculina, portanto configuram noções desaconselhadas ao leitor. A masculinidade é, então, ligada à expressão da sexualidade e conquistas, não apenas de mulheres, como, do mesmo modo, conquistas profissionais e intelectuais.

3.5 Algumas Considerações

Neste capítulo analisamos como a coluna *Abra o seu coração* contribuía para representações de imagens femininas e masculinas no contexto dos anos 1950. Assim, ressaltamos a preocupação da sociedade em modelar o comportamento feminino no âmbito das relações amorosas por meio do impresso, com vistas a controlar a constituição de famílias, como também a manutenção da hierarquia que associa a imagem feminina a ideais de beleza, à espera de um “amor verdadeiro”, à responsabilidade pela manutenção dos laços do matrimônio e os cuidados com os filhos, questões pertinentes ao espaço privado. Por outro lado, relaciona a imagem masculina à racionalidade e à busca incessante pela demarcação de seu espaço intelectual e profissional, através do qual o homem conquistaria o espaço público.

Para tanto, a coluna oferece exemplos de leitores virtuosos que alcançariam a felicidade em contraste com atitudes condenáveis. Estas, geralmente, encadeariam um fim trágico, como na carta de Ana que, ao se relacionar com seu genro, teria condenado sua vida e

a de sua família para sempre, ou ainda no desabafo da leitora Glorinha, que ao desafiar seus pais noivando com um homem negro, teria o estigma de desprezo e humilhação para si e seus filhos.

Notamos que a coluna é, ao mesmo tempo, lugar de tensões e rupturas em que uma mulher, Helenice, aconselha homens frustrados em seus dilemas interiores – “perdendo a razão” – a lidarem com questões do cotidiano. Através da coluna a conselheira apresenta críticas ao Estado e à Igreja quando convida mulheres à luta por direitos civis, como na carta à leitora Lilian, ao aconselhá-la a “protestar por todos os meios e modos” pelo direito ao divórcio. Ademais, ao mesmo tempo em que aconselha mulheres a atividades reclusas ao seu lar, Helenice é exemplo de uma mulher casada e mãe que ousa desbravar o espaço público como colunista de jornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo o depoimento de pessoas comuns publicado em jornal como fonte privilegiada, pudemos nos aproximar de seus anseios e dar visibilidade às relações de poder que cerceavam a delimitação dos papéis sociais feminino e masculino nos anos 1950. Além disso, chamamos atenção para o modo pelo qual o jornal *Flan* utilizava estratégias de diálogo com o público em diferentes seções de cartas de leitores e concursos com vistas a conformar um público leitor e consumidor de suas páginas em seu momento de estreia na imprensa.

Para desenvolver este estudo, primeiro, foi preciso perceber o contexto da estreia do hebdomadário *Flan* junto à história da imprensa. Em seguida, fomos movidos pela questão: qual papel teria um correio sentimental em *Flan*, sendo este um jornal que tem em seu lançamento a proposta de expansão do grupo Última Hora? Veículo de mensagem política favorável ao presidente eleito, Getúlio Vargas, em um momento em que a grande mídia organizava-se como oposição.

Foi a partir desse fato que, folheando o semanário, percebemos a recorrência de seções de diálogo com os leitores através de cartas em diferentes seções recomendadas a um público segmentado. A pesquisa de Queller (2013) foi preciosa no sentido de ilustrar estratégias do jornal para conquistar o público consumidor. Dentre elas, cartas de leitores e concursos. Contudo, tendo *Flan* a proposta de ser um jornal político, mais que consumidores, seria preciso formar leitores de seus cadernos. Em nossa análise, as cartas de leitores cumprem o papel de criar espaços de afeto no jornal, ao mesmo tempo possuem a função educativa de transmitir valores e prescrever possíveis práticas de leitura e apropriação.

A seção *O leitor escreve a Flan*, por exemplo, ao lançar um concurso premiado para as melhores críticas sobre o jornal, convida os leitores a interrogarem cada notícia, assim como o formato da publicação. Desse modo, a equipe editorial de *Flan* poderia ainda ter pistas sobre como os leitores estariam se apropriando das notícias, além de fomentar uma espécie de fórum de discussão a respeito dos temas os quais o jornal gostaria de evidenciar.

Os concursos premiados mobilizam as casas dos leitores seduzidos pelos prêmios ofertados pelo jornal. Em especial, o concurso *Teste fotográfico* exigia que os leitores acompanhassem as notícias publicadas nos jornais do Grupo Última Hora, de modo a identificar as imagens apresentadas na seção e concorrer a prêmios.

A publicação da página *Flanzinho* como possível resposta aos apelos dos leitores reafirma o desejo de *Flan* de manter um formato atraente para toda a família e conquistar

ainda mais um público segmentado. Notamos que as estratégias editoriais de diálogo com os leitores a partir de concursos e cartas são também utilizadas na página infantil do semanário.

A escrita do capítulo 2 teve como instigante desafio perceber Helenice como heterônimo de Vinicius de Moraes e não propriamente seu autor. A invenção autobiográfica do heterônimo Helenice não se tratava apenas da escolha de um nome aleatório conferido a um estilo diferente de escrita ao qual Vinicius de Moraes se empenhava, pelo contrário, Helenice era um personagem encenado por seu autor.

É necessário atentar que não se tratava de uma publicação isolada, outros intelectuais como Nelson Rodrigues e Claudio de Souza também fizeram uso de heterônimos femininos para se identificarem em publicações para mulheres. Estratégia essa que poderia cumprir uma dupla função na imprensa. De um lado, a de criar vínculos de afetividade junto às leitoras e leitores com uma colunista mulher falando sobre questões pertinentes às emoções. De outro lado, evitar que mulheres ocupem esses espaços. Ademais, a opção por um heterônimo preserva o nome de intelectuais, ao publicarem em cadernos femininos, uma literatura tida como inferior. Desvinculando, desse modo, seus nomes e suas histórias de vida dessa trajetória.

A questão central do capítulo é a análise do que legitima o argumento de autoridade da conselheira Helenice no correio sentimental. A partir da análise das cartas publicadas é possível perceber em Helenice a representação de uma mãe dedicada à vida familiar. Do mesmo modo, de uma esposa comprometida com seu lar. Uma mulher religiosa, conselheira amiga, leitora de clássicos, com gosto pela música popular brasileira e, ainda, colunista de um notório jornal de projeção nacional na década de 1950. Vale ressaltar que se trata de um momento em que ainda poucas mulheres tinham voz na imprensa. Seu trabalho representava um compromisso social, uma missão de acalantar os corações necessitados.

A função da coluna em *Flan* justifica-se junto à percepção de que os desejos das mulheres precisam ser constantemente vigiados, uma vez que são suscetíveis à “rendição ao pecado”. Portanto, é dever de Helenice orientar as mulheres sobre como controlar suas vontades e seus desejos.

Nesse sentido, o terceiro capítulo analisa uma seleção de cartas publicadas no correio sentimental. Privilegiamos os temas recorrentes como o adultério, a interferência familiar e as frustrações masculinas. Buscamos identificar quais seriam os aconselhamentos recomendados para cada situação, em que medida haveria semelhanças ou distanciamentos nos aconselhamentos.

Observamos o aconselhamento de Helenice ao amor incondicional das mulheres por seus maridos e filhos como uma justificativa para todas suas atitudes de submissão. Ou seja, ainda que suportando grandes sofrimentos e decepções, era sugerida a noção de que as mulheres tinham o dever de, por vezes, abdicar de sua vontade própria para satisfazer o ser amado, isto é, marido e filhos. Observamos ainda a elaboração de discursos que delimitam o sentimento “amor verdadeiro” em contraste com “amor fraco” e “atração”, percebendo-a como uma construção discursiva que legitima as atitudes e uniões socialmente aceitas. Por outro lado, recrimina as uniões indesejadas. Desse modo, havia na coluna o caráter pedagógico de atribuir significados às relações de gênero.

Nos conselhos de Helenice valorizava-se a instituição da família e do casamento conforme os padrões tradicionais. Isto é, a mulher seria a principal responsável pela harmonia do lar ao cuidar da casa, marido e filhos. Já o homem deveria prover o sustento da família. Seus deslizes amorosos deveriam ser perdoados por fazerem parte da essência masculina.

Em acordo com Pinsky (2012), afirmamos que essa visão pressupunha no masculino a expressão da força, autoridade, controle e racionalidade; características próprias do espaço público que conferiam ao masculino um status superior. Enquanto o feminino se expressava pela emoção, sensibilidade, subserviência e doação. Características essas próprias do espaço privado, o que lograva ao feminino um status inferior. Tais discursos, pautados na Igreja e no Estado, demarcavam que quanto mais vigorosamente preservados os valores e as hierarquias, melhor para a manutenção da instituição da família e para a ordem social.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Um drama em gente: trajetórias e projetos de Pessoa e seus heterônimos. In: ALBERTI, Verena. *Ouvir contar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Fazer defeito na memória: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida, et al. *Qual é o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- AVELAR, Lúcia. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer: Editora UNESP, 2001.
- AZEVEDO, Carla Bispo. *Maria Eugênia Celso: entre o impresso feminino, a casa e o espaço público (1920-1941)* Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marialva. Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). *Intercom Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, v. XX, n. 2, p. 99-120, junho/dezembro 1997.
- BARBOSA, Maria José Somerlate, Chorar, verbo transitivo. *Cadernos Pagú*, n. 11, p. 321-334, Campinas, 1998.
- BESSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.
- BLAS, Verónica Sierra. Los manuales epistolares: entre el uso y La representeción. In: BLAS, Verónica Sierra. *Aprender a escribir cartas: los manuales epistolares em La España contemporânea (1927- 1945)*. Madrid: Ediciones Trea, 2003.
- BORGES, Vany Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRASIL. Série Histórica do Salário Mínimo - Valor. Justiça Federal: Seção Judiciária do Paraná, 2014. Disponível em: < <http://www5.jfpr.jus.br/ncont/salariomin.pdf> >. Data de acesso: 31 de março de 2017.

BRASIL. Poder Legislativo. Quadro Comparativo do Código Penal 1940 e 1969. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/224149>>. Data de acesso: 13 de novembro de 2016.

BRASIL. *Código Civil*: Quadro comparativo 1916/2002. Senado Federal, 2003. Disponível em: < <https://www.ibdcivil.org.br/legislacao/Quadro-Comparativo-Codigo-Civil-1916.pdf> >. Data de acesso: 13 novembro de 2016.

BRASIL. Poder Legislativo. Código Penal 1940. Disponível em < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-publicacaooriginal-1-pe.html> >. Data de acesso: 13 de novembro de 2016.

BRASIL. Poder Executivo. Lei nº 11.106, de 28 de março de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111106.htm> Data de acesso: 13 de novembro 2016.

BUITONI, Dulcília. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1986. / BUITONI, Dulcília. *Mulher de Papel: A Representação da Mulher Pela Imprensa Feminina Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. *Cartas e escrita*. 147f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2000.

CAMPOS, Raquel Discini. *Mulheres e Crianças na imprensa paulista (1920-1940): representação e história*. 2007. 216 f. (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

CAMPOS, A. Os concursos da LUTA MODERNA. *Revista Feminina*, São Paulo, 1915, Maio, Nº 12 (p. 12). Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/hemeroteca/hemeroteca_pdf.php?pdf=revistas/BR_APE_SP_RFEM_191505012>. Data de acesso: 22 de janeiro de 2014.

CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes: uma geografia poética*, Rio de Janeiro: Relume, 2005.

CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes: o poeta da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CASTAÑEDA, Luzia Aurélia. Eugenia e casamento. *História, Ciências e Saúde*. Manguinhos. v.10 (3). p. 901-930, set.-dez. 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, Maria Laura e HEILBORN, Maria Luiza (orgs.). *Perspectivas antropológicas da mulher*. v.4. São Paulo: Zahar, 1985.

CHARTIER, ROGER. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. A diferença entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagú*. Campinas, n. 4, p. 37-47, 1995.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar Castro (Org.). *Roger Chartier, a força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COUTO, Ronaldo Costa. *Matarazzo: colosso brasileiro*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Por hoje é só. Cartas entre amigas. In: BASTOS, M. H. C./CUNHA, M. T. S./MIGNOT, M.C.V. (Org.). *Destinos das letras – história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CUNHA, Jorge Luiz da. Et al. Cartas de homens: o discurso sobre a masculinidade na seção “da mulher para a mulher” na década de 50. VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisa, 2009, Campinas. Anais. Campinas: FE/UNICAMP, 2009, p. 1-12.

ELIAS, Noberti. *O processo civilizador; Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

FERRAZ, Eucanaã. *Folha explica: Vinicius de Moraes*. São Paulo: Publifolha, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja/Passagens, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

FRANCO, Affonso Arinos de Mello. Depoimento Affonso Arinos de Mello Franco. In: BRASIL, *Embaixador do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2010.

FRANCO, Affonso Arinos de Mello. Perfil: Affonso Arinos Mello Franco. In: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sócios Eméritos. Disponível em: < <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/AAMFranco.html> > Data de acesso: 31 de março de 2017.

FRANCO, Affonso Arinos de Mello. Acadêmicos: Affonso Arinos Mello Franco. In: Academia Brasileira de Letras. Perfil do Acadêmico. Disponível em: < <http://www.academia.org.br/academicos/affonso-arinos-de-mello-franco> > Data de acesso: 31 de março de 2017.

GAZELE, Catarina Cecin. *Estatuto da mulher casada: uma história dos direitos humanos das mulheres no Brasil*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas. Universidade Federal do Espírito Santo, 2005.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschnner. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...* Modernismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escritas de si escritas da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Entre la necesidad y ek placer: la formación de uma nueva sociedad del escrito (se.XIII-XV). In: GÓMEZ, Antonio Castillo (Org.). *Historia de la cultura escrita: del próximo Oriente Antiguo de la sociedad informatizada*. Gijón: ediciones TREA S.L., 2001.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e praticas epistolares na Espanha moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; Mignot, Ana Crystina Venancio. (Org.). *Destino das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Editora UPF, 2002.

GÒMEZ, Antonio Castillo. Un archipiélago desconocido. Archivos y escrituras de la gente común. ARCHIVAMOS. *Revista Trimestral de la Asociación de Archiveros de Castilla y Leon*. Nº 38 (4º trimestre de 2000). p. 6-11.

GÓMEZ, Antonio Castillo. *Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares*. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

GONDRA, José. A sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX, *Educação e Pesquisa*, v. 26, n. 01, jun. 2000.

GONDRA, José; MACHADO, Alinne. Revistas Pedagógicas e Governo Dos Professores no Brasil e nos Estados Unidos da América (1855-1881). *XII Congresso Iberoamericano de História da Educação*. Medellín, Colômbia, 2016.

GUIMARÃES, Solange Alves. A mulher e o fim do casamento entre 1924 e 1950 (Poções - BA). *ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 07: Diversidade e Desigualdade, Poder e Conflito Social: Leituras Dialéticas da História*, 2016. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/solange_alves.pdf>

QUELER, Jefferson José. *Do consumidor de mercadorias ao leitor de jornal: peculiaridades da indústria cultural nas páginas do semanário Flan (1953-1954)*. Topoi, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 105-118.

JAFET, Ricardo. Biografias: Ricardo Jafet. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Ele voltou: O Brasil no segundo governo Vargas. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/ricardo_jafet>Data de acesso: março de 2017.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalha em letras de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

LIRA NETO. *Getúlio 1945-1954: da volta pela consagração popular ao suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LODI, Euvaldo. Biografias: Euvaldo Lodi. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. A era Vargas dos anos 20 a 45. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/euvaldo_lodi> Data de acesso: 31 de março de 2017.

LOPES, Fábio Henrique. Suicídio masculino ou feminino: as atribuições de gênero. *ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História*, João Pessoa, 2003 p. 1-9.

MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias. *Em diálogo: estudos literários e lingüístico*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bessanezi, LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.

MALHEIROS, Anna Rita. Os concursos da LUTA MODERNA. *Revista Feminina*, São Paulo, 1915, Janeiro, Nº 8 (p.11- 12). Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/hemeroteca/hemeroteca_pdf.php?pdf=revistas/BR_APE_SP_RFEM_191501008>. Data de acesso: 22 de janeiro de 2014.

MARCH, Kety Carla de, Masculinidades em discurso: representações e subjetividades em processos criminais no interior do Paraná (1950-1959). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – AMPUH*. São Paulo, junho, 2011.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

MATOS, Maria Ilzira Santos de. Por uma história das masculinidades: em foco a masculinidade. *História: Questões & Debates*, Curitiba: UFPR. n. 34, p. 45-63, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs). *Refúgios do eu*: educação, história escrita, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MIÚCHA (Heloisa Maria Buarque de Holanda). Biografia Miúcha. Folha Bossa Nova. Disponível em: < <http://bossanova.folha.com.br/autores-10-biografia.html> >. Data de acesso: 31 de março de 2017.

MIÚCHA (Heloisa Maria Buarque de Holanda). O fantasma do poeta. In: SOLNIK, Alex. *Garoto de Ipanema*: venturas e desventuras de Vinicius de Moraes nos depoimentos de ex-mulheres, parceiros e amigos. E um testamento de próprio punho. São Paulo: Códex, 2004.

MORAES, Vinicius. Biografia de Vinicius de Moraes. In: Vinicius de Moraes. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/vidai>> Data de acesso: 20 de novembro de 2016.

MORAIS. Fernando, *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito*: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. TV Brasil. Parte 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BdBtf-PpEbA>>. Data de acesso: 05 de agosto de 2015.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA TV Brasil. Parte 2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c82YmiaQUvw>>. Data de acesso: 05 de agosto de 2015.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. TV Brasil. Parte 3. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8YLpIsPPuJA>>. Data de acesso: 05 de agosto de 2015.

PERROT, Michele. Práticas de memória feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 9, nº18, p. 09-15, ago./set. 1989.

PINSKY, Carla Bessanezi. Era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bessanezi, e PEDRO, Joana Maria (orgs.). *A nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

PRIORE, Mary Del. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2014.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; Vincent, Gérard (Orgs.). *História da vida privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

RANGEL, Leyla Castelo Branco. Revista de informação legislativa, v. 6, n. 24, p. 171-425, out./dez. 1969.

ROCHA, Inês de Almeida. *Canções de amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiffarelli Mignone para Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012.

ROCHA, Bárbara Trindade. *Cartas em Revista: Estratégias editoriais de difusão e legitimação da Revista Nova Escola*. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

ROUCHOU, Joelle. *Samuel duas vozes Wainer*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2004.

ROUCHOU, Joelle. Diretrizes: um espaço de resistência na imprensa do Estado Novo (1938-1944). Natal: AMPUH, 2013.

SALLES, Walther Moreira. Perfil: Walther Moreira Salles. In: Instituto Moreira Salles. Disponível em: < <http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/walther-moreira-salles> > Data de acesso: 31 de março de 2017.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Mulheres e Revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos de 1950*. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

SEYMOUR, Miranda. *The Bougati Queen: in search of a motor-racing legend*. New York: Random House, 2015.

SILVA, Eduardo. *As Queixas do povo*. Rio de Janeiro: Editora Paz Terra, 1988.

SILVA, Márcia Cabral da. A Coleção Menina e Moça entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário. *Currículo sem Fronteiras*. v.10, n.2, p. 91-105, jul/dez 2010.

SILVA, Márcia Cabral da. De como educar as meninas e moças pela leitura de romances e coleções (1930-1960). In: CÂMARA, Sonia (Org.) *Pesquisa(s) em história da educação e infância: Conexões entre ciência e história*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: v. 2, n. 20. p. 71-99, 1995.

SCOTT, Joan W. A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (org.), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, Jaime Luiz Cunha de; BRITO, Daniel Chaves de; BARP, Wilson José. Violência Doméstica: reflexos das ordenações Filipinas na cultura das relações conjugais no Brasil. *Teoria e Pesquisa UFSCAR*. p. 61-89, 2009.

SCHWARCZ, Lilian. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XXI*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

TASMERÃO, Aline Silveira; SANTOS, Jenifer Silva. Revista Feminina (1915): Leituras Seleccionadas e Interpretações Corretas para Leitoras Ideais. *Revista Linha Mestra*. Ano VIII, nº. 24, p. 315-319, jan./jul., 2014.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*. (24), p. 127-152, jan./jul 2005.

VAZ, Elida. Encenação da educação nas cartas de leitores: seção carta dos leitores discute educação e revela-se espaço de diálogo com o público e fonte de notícias. *Comunicação & Educação*. Nº 16, p.36 a 42, set./dez.1999.

VAZ, Élide Mattos. *A encenação da educação nas cartas dos leitores*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação, PUC, Rio de Janeiro, 1998.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Por uma historia de La cultura escrita: observaciones y reflexiones. *Revista de La Cultura Escrita*. Universidad de Alcalá de Henares, p. 41-68, 1996.

VIEIRA, Paula de Oliveira. *O lugar da mulher nas páginas de “O Cruzeiro”: o caso de “Elegância e Beleza” e “Da mulher para Mulher”*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História. Universidade de Pelotas. Pelotas, 2014.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

WELSER- LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 9, n. 2, 2002, p. 260-282.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. *Representações do casamento e do amor em Nelson Rodrigues: um estudo das representações de gênero na literatura publicada em jornal entre 1944-1961*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

Fontes Documentais

A NOITE. Vinte cadáveres sem identificação, p.8, 16 jun. 1953.

ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro, Grupo Última Hora, Diário. 1951-1971.

FLAN: O JORNAL DA SEMANA. Rio de Janeiro. Grupo Última Hora. Semanal. 1953-1954.

Fundação Casa de Rui Barbosa – Arquivo do Museu de Literatura. Pasta: Moraes, Vinicius de.

APÊNDICE - Edições de *Flan: o jornal da semana* que serão objeto de análise

Edições de <i>Flan: o jornal da semana</i> que serão objeto de análise		
Seção	Data	Edição
<i>Abra o seu coração</i>	Abril a Novembro de 1953	01 a 30
	Março de 1954	48
<i>Flan escreve ao leitor</i>	Abril a Maio de 1954	01 a 05
	Agosto	20
<i>Flanzinho</i>	Junho a Dezembro de 1953	11-38
<i>O leitor escreve a Flan</i>	Abril a Junho de 1953	05 a 20
	Março de 1954	48